



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
LARISSA RIBEIRO CUNHA**

**ARQUITETURA, CONTRASTES E ESCALAS: O SURGIMENTO DA CAPITAL MODERNA BRASILEIRA PELAS
LENTE DE GERALDO VIEIRA**

**UBERLÂNDIA
2016**

LARISSA RIBEIRO CUNHA

ARQUITETURA, CONTRASTES E ESCALAS: O SURGIMENTO DA CAPITAL
MODERNA BRASILEIRA PELAS LENTES DE GERALDO VIEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para obtenção de
Título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Cidade: teoria, história
e conservação

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Pasqualini de
Andrade

UBERLÂNDIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- C972a
2016
- Cunha, Larissa Ribeiro, 1984
Arquitetura, contrastes e escalas: o surgimento da capital moderna brasileira pelas lentes de Geraldo Vieira / Larissa Ribeiro Cunha. - 2016. 226 f. : il.
- Orientador: Marco Antônio Pasqualini de Andrade.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo.
Inclui bibliografia.
1. Arquitetura - Teses. 2. Fotógrafos - Brasil - Teses. 3. Arquitetura moderna - Teses. 4. Fotografias - Teses. I. Andrade, Marco Antônio Pasqualini de. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

ARQUITETURA, CONTRASTES E ESCALAS: O SURGIMENTO DA CAPITAL MODERNA BRASILEIRA PELAS LENTES DE GERALDO VIEIRA

Dissertação aprovada para obtenção de Título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora formada por:

Uberlândia, 26 de agosto de 2016.

Prof. Dr. Marco Antônio Pasqualini de Andrade, UFU/MG

Prof. Dr. Luíz Carlos de Laurentiz, UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Helouise Costa, MAC-USP/SP

À Léa, minha mãe, minha maior incentivadora.

AGRADECIMENTOS

A concretização desta dissertação contou com a confiança, disposição, ajuda e colaboração de muitas pessoas.

Primeiramente, agradeço ao meu orientador Marco Pasqualini. Obrigada por num primeiro momento eu ter sido a sua escolha, para que juntos pudéssemos caminhar neste desafio e tornar o nosso projeto de pesquisa uma realidade. Obrigada pela oportunidade de trilhar caminhos desconhecidos, os quais me engrandeceram intelectualmente. Obrigada pelas orientações, pela liberdade concedida e pela confiança dedicada.

Aos professores da pós-graduação, por toda vivência e conhecimentos adquiridos. Muitos caminharam comigo desde a graduação e indiretamente contribuíram para as minhas escolhas futuras. Em especial, agradeço à Prof.^a Dr.^a Maria Beatriz Camargo Cappello por ter despertado a predileção pela pesquisa em Teoria e História da Arquitetura.

Aos amigos-colegas da pós-graduação, pelo companheirismo e cumplicidade.

À CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa.

Ao Lu de Laurentiz, pelo seu olhar plural, gentil e delicado à pesquisa, pelas colaborações e companheirismo vindos desde a graduação.

À Helouise Costa, referência de grande importância a esta pesquisa. Obrigada por todas as considerações ao memorial de qualificação. Estas, além de fundamentais, nortearam a concepção final desta dissertação.

À Família Vieira, em especial ao Bruno Vieira, pela disponibilização do rico acervo para que esta pesquisa fosse realizada. Foi um prazer inenarrável apreciar cada uma das 485 imagens do fotógrafo Geraldo Vieira e admirar ainda mais este profissional e ser humano.

À Aparecida da Glória Campos Vieira e Cristiane Alves Marques Alamy, grandes profissionais do Arquivo Público e Museu Dr. Cali Porto de Araguari, as quais foram prontamente prestativas a todas as solicitações de dados e informações necessárias a esta pesquisa.

À minha mãe Léa e irmã Lorena por me apoiarem em todos os momentos e decisões. Obrigada pela amorosa torcida!

Que este seja apenas o início para novos desafios futuros.

A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seu artefato original, outras vezes apenas o registro visual reproduzido. Os assuntos registrados nesta imagem atravessaram os tempos e são hoje vistos por olhos estranhos em lugares desconhecidos: natureza, objetos, sombras, raios de luz, expressões humanas, por vezes crianças, hoje mais que centenárias, que se mantiveram crianças.

Desaparecida esta segunda realidade - seja por ato voluntário ou involuntário -, aquelas personagens morrem pela segunda vez. O visível fotográfico ali registrado desmaterializa-se. Extingue-se o documento e a memória.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem - escolhida e refletida - de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2001, p.156)

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DE GERALDO VIEIRA: ARTE, VIDA E OFÍCIOS	17
Prólogo	19
1.1 Geraldo Vieira: o fotógrafo artista	22
1.2 Cidade, história, memória: cenários de Araguari na década de 50	45
1.3 Panoramas fotográficos	54
2 CAPÍTULO 2 - BRASÍLIA E O ACERVO INÉDITO DE FOTOGRAFIAS	62
2.1 Jornalismo, fotografia e a politização do olhar	64
2.1.1 A primeira expedição: 3 de maio de 1957	72
2.1.2 A segunda expedição: 29 de março de 1958	103
2.1.3 A terceira expedição: entre maio e junho de 1958	112
2.1.4 A quarta expedição: 30 de junho de 1958	124
2.1.5 A quinta expedição: abril de 1959	136
2.1.6 A sexta expedição: 22 e 23 de fevereiro de 1960	146
2.1.7 A sétima expedição: 21 de abril de 1960	157
3 CAPÍTULO 3 - 485 OLHARES	180
3.1 Sobre uma nova ótica do olhar	182
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
5 REFERÊNCIAS	197
6 ANEXOS	212
Anexo 1: Registros de Célia Vieira sobre Geraldo Vieira	212
Anexo 2: Imagem de página especial do jornal Gazeta do Triângulo do dia 22/08/1959	217
Anexo 3: Imagem "Eiffel Tower Work", de László Moholy-Nagy	218
Anexo 4: Imagem da capa do jornal Gazeta do Triângulo de 21 de abril de 1960	219
7 APÊNDICE: O REFLEXO DE UMA MODERNIDADE	220
7.1 Assimilações populares: o reflexo de uma modernidade	222

Esta dissertação propõe-se a analisar e discutir o acervo inédito de fotografias sobre Brasília - concebido em sete expedições pelo fotógrafo mineiro Geraldo Vieira - desde a primeira missa até a inauguração da então nova capital do Brasil. Ainda, avaliar a importância de Geraldo Vieira por meio de sua trajetória fotográfica, principalmente no que tange à sua permanência na cidade de Araguari-MG, no Triângulo Mineiro, e a sua contribuição para a historiografia da mesma. Não obstante, apontar ainda a relevância de um acervo inédito de fotografias da capital Brasília - que é sinônimo máximo da aplicação dos princípios da Carta de Atenas em todo o mundo, a qual teve como contribuidor e redator final o arquiteto Le Corbusier - para a historiografia e documentação da Arquitetura Moderna Brasileira. Geraldo Vieira foi além de fotógrafo, um artista multifacetado, cujas habilidades se revelam tanto na área da fotografia quanto em outros aspectos de vida. Dessa maneira, seu legado foi capaz de influenciar não só nos modos de recepção de uma arquitetura moderna nascente, como também entusiasmar a maneira na qual as pessoas gostariam de ser vistas nas vitrines de seu estúdio, além da promoção de questões políticas debatidas em grupos sociais através da contribuição em publicações jornalísticas e exposições fotográficas. O resultado da pesquisa depreende a explanação da trajetória do artista para uma compreensão do seu envolvimento com o fotojornalismo, bem como a averiguação das suas peculiaridades enquanto um profissional fotográfico, para que se possa chegar de fato a uma investigação das composições fotográficas de Brasília, integrantes de seu acervo inédito. Uma importante diretriz a que este trabalho também se apoia - além do ineditismo da documentação fotográfica de Brasília - é na abordagem de um estudo que poderá contribuir e somar esforços e reflexões acerca da representação de Brasília, ao estabelecer o contraponto da análise de fotografias captadas por um fotógrafo afastado do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, que foi atuante no interior do Estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Geraldo Vieira. Fotografia. Fotografia de Arquitetura. Acervo Inédito. Brasília. Arquitetura Moderna.

This thesis proposes to analyze and discuss the unpublished collection of photographs of Brasília - designed in seven mining expeditions by photographer Geraldo Vieira - from the first mass to the opening of the then new capital of Brazil. Also assess the importance of Geraldo Vieira through his photographic career, especially with regard to their stay in the city of Araguari-MG, in the Triângulo Mineiro, and its contribution to the historiography of it. Nevertheless, still point out the relevance of a unique collection of capital photographs Brasília - that is most synonymous with the application of the principles of the Athens Charter in the world, which had the contributor and final editor architect Le Corbusier - to historiography and documentation of the Brazilian Modern Architecture. Geraldo Vieira was well as a photographer, a multifaceted artist whose skills are revealed both in photography and in other aspects of life. In this way, his legacy was able to influence not only in reception modes of modern source architecture, but also excited about the way in which people would like to be seen in his studio windows, in addition to promoting political issues discussed in social groups by contributing in journalistic photography and exhibitions publications. The search result appears from the explanation of the artist's path to an understanding of their involvement in photojournalism and to investigate its peculiarities as a photographic professional, so that you can reach in fact an investigation of photographic compositions of Brasília, members his unpublished collection. An important guideline to this work also supports - in addition to the unprecedented nature of photographic documentation of Brasília - is the approach of a study that could help and join efforts and reflections on the representation of Brasília, to set the contrast of the photo analysis captured by a retired photographer axis Rio de Janeiro - São Paulo, which was active in the state of Minas Gerais.

Keywords: Geraldo Vieira. Photography. Architecture Photography. Unpublished acquis. Brasília. Modern Architecture.

Geraldo Vieira (1911-1993), natural de Estrela do Sul, Minas Gerais, foi um fotógrafo notável para a cidade de Araguari - MG, da qual fez de sua morada de 1935 até meados dos anos de 1970. Porém, no âmbito da pesquisa científica enquadra-se como um fotógrafo desconhecido, diante da ausência de estudos sobre um prisma acadêmico, e por conseguinte, pela historiografia da fotografia brasileira. Se em contrapartida, Geraldo alcançou grande reconhecimento por profissionais da fotografia regional, historiadores e pela população araguarina como um todo, por outro sua excelência e habilidade ficaram ocultas num nível nacional. Foi preciso que viesse à tona seu acervo inédito de fotografias sobre Brasília para que uma oportunidade de pesquisa fosse propiciada.

Vindo de uma família com princípios e ambição por conhecimento, Geraldo Vieira aprendeu o ofício fotográfico com seu pai, Honorato Vieira, um homem curioso e empreendedor. Em depoimentos de seu filho Bruno Vieira, o mesmo relatou sobre os trabalhos que seu avô desenvolvia, incluídos nestes até o conserto de um aparelho de raio-x, trazido ao Brasil por uma companhia mineradora que desempenhou suas atividades na região. Sabe-se que naquela época, e principalmente nos arredores da pequena cidade de Estrela do Sul-MG, não havia a existência de escolas de fotografia. Desconhece-se a maneira pela qual Honorato Vieira aprendeu tal ofício. Crê-se que pai, e posteriormente filho, na troca de conhecimentos e na vivência diária com a arte fotográfica foram autodidatas no aprendizado e manipulação de fotografias.

Dessa maneira, o fotógrafo em questão foi em busca de um aprimoramento profissional através da prática diária, feito que foi essencial para que ele adquirisse o conhecimento técnico e aos poucos galgasse uma clientela. Porém, a cidade de Estrela do Sul, pela sua escala, já havia se tornado pequena aos olhos do profissional. Foi então que na década de 1930 Geraldo Vieira mudou-se para a cidade de Araguari - MG, a qual possuía um maior porte, condições profissionais, importância na região do Triângulo Mineiro, enfim, vislumbrava maiores oportunidades profissionais. O fotógrafo - artista, aos poucos, mostrou suas diversas habilidades ao povo araguarino e região, que o recebeu de braços abertos. Foram mais de 50 décadas de atuação na cidade, a qual hoje reconhece tamanha contribuição que o fotógrafo angariou - através de seus olhares fotográficos sobre os mais diversos temas inseridos na urbe - à memória, conservação e preservação de uma

historiografia que está continuamente sendo escrita e pesquisada por diversos ramos da sociedade geral e científica.

Em termos científicos, pode-se afirmar que pouquíssimo se escreveu sobre Geraldo Vieira. Além de algumas notas em jornais da cidade de Araguari, como também em blogs dos profissionais da Família Vieira que perpetuam o ofício fotográfico, a publicação de maior relevância sobre o profissional consta no livro "Araguari e sua história", trabalho desenvolvido pelas historiadoras Juscelia Peixoto e Aparecida Viera, funcionárias do Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto - Araguari-MG. Tais escritas relatam, na parte final do livro, os patrimônios históricos tombados pelo município, e dentre estes inclui a "Coleção de Negativos Geraldo Viera". As historiadoras contam um pouco da vida do fotógrafo como também afirmam a importância que o seu legado representou e representa para a cidade de Araguari. A doação, ofertada no ano de 1996, compreende num total de 81.605 negativos, distribuídos pelas temáticas: evento social, evento político, evento esportivo, evento religioso, pessoas, edificação, local, ruas e praças, diversos, casamentos e aniversários.

O acervo Geraldo Viera é reconhecido como de total relevância para a investigação da historiografia local. Ícone da fotografia, Geraldo Viera é eternizado a cada pesquisa realizada em seu incomparável acervo. Sua visão peculiar o distingue, tornando-o patrimônio documental com registros ímpares da história da cidade de Araguari. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 587)

Diante da diversidade de temas fotografados, da ascensão, notoriedade e propensão fotojornalística, Geraldo Vieira conseguiu ultrapassar fronteiras. Como dito anteriormente, além de ser fotógrafo, artista, o profissional também foi membro atuante em grupos de discussões políticas que vislumbravam a melhoria constante da cidade de Araguari. Fornecia imagens aos jornais da época, e em destaque, foi colaborador do Jornal Gazeta do Triângulo. Tal periódico, na época da construção de Brasília, seria um dos defensores do progresso que a nova capital traria às cidades interioranas fora dos eixos das principais capitais. Isto, através de textos fervorosos escritos pelos seus colaboradores e jornalistas, como também pelas imagens publicadas nas edições do recorte temporal - desta saga, todas de Geraldo Vieira, que até recebeu em um dado número uma página especial.

Por conseguinte, o objeto da presente pesquisa é o acervo inédito de fotografias sobre Brasília - concebido em sete expedições pelo fotógrafo mineiro Geraldo Vieira - desde a primeira missa até a inauguração da então nova capital do Brasil - datado de 1957-1960.

Diante das pesquisas efetuadas para a construção da presente dissertação, uma problemática pôde ser construída: Geraldo Vieira, enquanto "*juscelinista*¹", gozou do uso da fotografia não só para fins fotojornalísticos. Ainda fez o uso deste meio de expressão para difundir e apoiar a ânsia progressista que pairava no país, vislumbrada na idealização e construção da cidade de Brasília. Isto, perante o prestígio e legitimidade que o profissional desfrutava em função de sua popularidade e profissionalismo em Araguari-MG, evidenciado nas exposições fotográficas que ele realizava em suas dependências como também em outros pontos da cidade araguarina, em consonância com o Jornal Gazeta do Triângulo. Conclui-se então que além do papel de fotógrafo, a figura de Geraldo Vieira também pôde se fazer presente enquanto um agente social formador de opinião, que lutou por melhorias na cidade de Araguari e através de suas fotografias, colaborou para a recepção da arquitetura moderna nesta cidade, como também na incorporação das formas arquitetônicas brasilienses que foram reproduzidas em arquiteturas populares como ícone de uma vontade de modernidade nacional, disseminadas através de suas imagens que relataram tais formas.

Assim sendo, o objeto de pesquisa será analisado a partir da investigação das imagens contidas em tal acervo, através de um raciocínio dedutivo. Ou seja: das 485 imagens gerais disponibilizadas, será feita uma seleção voltada à algumas fases particulares detectadas: a primeira, na qual revela a profusão de figuras humanas e equipamentos de locomoção, como carros, aviões, jardineiras; a segunda, cujas fotografias de arquitetura demonstram um aspecto permeável, desértico e de ossatura das edificações; a terceira, sobre fotografias de arquitetura seladas por perspectivas, contrastes, escalas e grandiosidade, representadas pelas obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer (Arquiteto e Urbanista, 1907-2012) e o plano piloto de Lúcio Costa (Arquiteto e Urbanista, 1902-1998); uma quarta visão sobre a captação de fotografias noturnas e por fim imagens que contenham a arquitetura num contraponto definido pela figura humana, conferindo-lhe escala e vivacidade.

¹ De acordo com a entrevista realizada com o filho de Geraldo Vieira, Bruno Vieira usou o termo "Juscelinistas" para caracterizar as pessoas da cidade de Araguari que eram a favor dos ideias pregados por Juscelino Kubitschek (1902-1976). Tais pessoas tinham o hábito de participar de expedições à Brasília para ficar a par como também para difundir os acontecimentos, seja por meios jornalísticos ou não.

Ainda, por meio da pesquisa efetuada sobre a vida e obra de Geraldo Vieira, identificar as suas maneiras de fotografar, os olhares, ângulos e 'engenharias' que foram desenvolvidas. Os indícios sobre as suas possíveis referências estéticas para o ato de fotografar. Esboçar um possível diálogo entre as imagens de seu acervo inédito com outras imagens de profissionais notáveis retratadas no mesmo período da construção de Brasília, com o intuito de contextualizar as fotografias de Geraldo Vieira e evidenciar as especificidades de sua contribuição. E enfim, traçar uma reflexão acerca de uma possível materialização das expectativas modernizantes de uma população, em uma dada época, por meio da visão peculiar deste fotógrafo.

Esta pesquisa de mestrado buscou, através do presente estudo, contribuir com o levantamento de dados e iconografias - a nível regional e nacional - de um fotógrafo do interior mineiro que atuou durante o século XX. Como já mencionado, o profissional deixou um vasto legado de imagens, cuja contribuição para a historiografia da cidade de Araguari foi de suma importância. E em especial, o acervo inédito de fotografias que retratam Brasília em seu erigir.

Tal acervo específico se justifica tanto por se tratar da captação de imagens de um episódio memorável da História do Brasil - a inauguração da nova capital - quanto pelo teor de tais fotografias: estas retratam a solidificação dos preceitos modernos tanto em arquitetura quanto em urbanismo, em larga escala, vislumbrados nas edificações e setorizações monumentais da nova capital. Ainda, da perpetuação da memória fotográfica brasiliense através de um fotógrafo desconhecido aos olhos dos profissionais em destaque pela mídia ou pelos teóricos. As imagens geradas de Brasília, naquela época, retrataram a epopeia de uma cidade que prometeria progresso, descentralização de rotas econômicas. Uma cidade que se definiria pela profusão de simbolismos, imagens e lugares, cujas fotografias foram ferramentas fundamentais para a difusão de tais preceitos. Não obstante, o reconhecimento do nível técnico dos fotógrafos brasileiros do interior em relação aos profissionais dos centros hegemônicos é um tema pouco explorado entre os pesquisadores da área.

A metodologia de pesquisa que foi utilizada baseou-se nas reflexões e estudos do autor Boris Kossoy, cuja diversidade bibliográfica identifica-se completamente ao objeto de pesquisa deste trabalho: a fotografia. No livro "Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo", no subcapítulo 'Por uma História Fotográfica dos Anônimos', o autor trata o

resgate dos fotógrafos anônimos² da história como uma metodologia de abordagem. É também nesta linha relacionada à questão do 'resgate' e da 'investigação' que a presente pesquisa fundamentou-se, pois

[...] estes (os fotógrafos anônimos) representam a massa dos artesãos da imagem, jamais mencionados por qualquer história. **A investigação desses fotógrafos provoca avanços significativos tanto na área da fotografia em sua história própria como no que toca à memória histórica e fotográfica do país, proporcionando, em suma, novos dados para o conhecimento do passado.**(KOSSOY, 2007, p. 66)

Neste sentido, a intenção não é a de enquadrar Geraldo Viera como um fotógrafo anônimo. Diante de toda pesquisa realizada é possível afirmar que Geraldo foi um fotógrafo desconhecido tanto num prisma acadêmico quanto para a historiografia da fotografia nacional, ao passo que em seu local de atuação - dentro do Triângulo Mineiro - o fotógrafo é considerado como um grande notável. Porém, pode-se fazer uma analogia em partes sobre a citação acima de Boris Kossoy, ao tratar-se da substituição do termo 'anônimo' por 'desconhecido', ou 'pouco conhecido'. Tal afirmação ratifica a importância de estudos acerca destes profissionais ainda pouco conhecidos, devido às contribuições e aos avanços significativos gerados pela compilação de novos dados para o conhecimento do passado.

A partir desta afirmação buscou-se avançar na utilização de outras metodologias de análise que tratam sobre o objeto de pesquisa indiretamente. Foi feita uma revisão bibliográfica para que a pesquisa também se fundamentasse em outros referenciais teóricos importantes e correlatos ao assunto: livros, pesquisadores, teses, dissertações e artigos num campo ampliado sobre a fotografia, desde o seu invento, perpassando por questões de importância para a dissertação como o fotojornalismo, a estética, a fotografia moderna no Brasil, dentre outros. Numa relação direta com a vida e obra do fotógrafo Geraldo Vieira, foram executadas entrevistas com filhos e familiares, acerca de sua trajetória e o recolhimento das imagens que compõem o objeto desta pesquisa. Também foram feitos

² Os termos "notável" e "anônimo", ao que se refere à classe dos fotógrafos, faz referência aos estudos desenvolvidos por Boris Kossoy, compilados em seu livro "Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro: Fotógrafos e Ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910)", cuja temática é o rastreamento e levantamentos de fotógrafos que atuaram no Brasil durante o século XIX, assim como os principais estabelecimentos que importavam e comercializavam produtos fotográficos, além do comércio e difusão de imagens fotográficas originais ou impressas, nacionais ou estrangeiras.

estudos de campo no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto de Araguari - MG, onde se localiza o acervo tombado de negativos e fotografias de Geraldo Vieira, assim como jornais da época nos quais ele colaborou no fornecimento de fotografias de sua autoria. Concomitantemente, utilizou-se de uma bibliografia específica referente à cidade de Araguari-MG, a fim de resgatar a memória e história da urbe, o local que por mais de 50 décadas foi o campo de trabalho de Geraldo Vieira.

A estruturação desta dissertação compõe-se de três capítulos. O primeiro, "**A TRAJETÓRIA DE GERALDO VIEIRA: ARTE, VIDA E OFÍCIOS**", apresenta a biografia da vida e obra do fotógrafo Geraldo Vieira, como também um prelúdio sobre a cidade de Araguari como palco de suas atuações referentes à fotografia por mais de 50 décadas, no intuito de demonstrar a influência que a urbe exerceu sobre o fotógrafo, assim como a afirmação contrária igualmente pode ser aludida. Para tanto, uma breve contextualização do que ocorrera no século XX na fotografia nacional e internacional foi também um ponto importante a ser introduzido em tal capítulo. Ainda, discorre sobre fatos e dados decorrentes na década de 50, como também um breve retrospecto dos profissionais da fotografia cujo trabalho, estadia ou permanência desempenharam na cidade araguarina.

O segundo capítulo, "**BRASÍLIA E O ACERVO INÉDITO DE FOTOGRAFIAS**", expõe sobre as relações entre política, fotografia e fotojornalismo desempenhadas por políticos, profissionais liberais, jornalistas, homens importantes da sociedade araguarina além da figura do fotógrafo Geraldo Vieira. Ademais, sobre as expedições de Geraldo Vieira à Brasília, concernente à importância a nível regional e nacional do legado de imagens deixado pelo mesmo. Ainda, descrições e análises dedutivas acerca do acervo inédito: as séries de imagens que refletem, dentre outros, a monumentalidade, perspectiva, contrastes, escalas e grandiosidade do emergir da nova capital brasileira; sem deixar para trás as referências de composição influenciadas pela fotografia de estúdio exercida pelo fotógrafo. Também são explanadas as formas de difusão dessas imagens na cidade de Araguari-MG, através de exposições fotográficas e reportagens editadas pelo jornal Gazeta do Triângulo.

O terceiro e último capítulo, "**485 OLHARES**", buscou analisar e questionar as possíveis maneiras de interpretar o conjunto de fotografias do acervo sobre Brasília.

Ainda, o Apêndice "**O REFLEXO DE UMA MODERNIDADE**", faz apontamentos sobre a assimilação de elementos da arquitetura de Brasília pela arquitetura vernacular de Araguari-MG.

Na etapa das Considerações Finais, procurou-se avaliar as questões explicitadas nos capítulos anteriores, através de uma retomada concisa das discussões teóricas, assim como a confirmação das exposições críticas do trabalho e sua importância num contexto geral da pesquisa. Por fim, a intenção desta dissertação de mestrado foi contribuir com novos dados à pesquisas já iniciadas sobre a Historiografia da Fotografia Brasileira, através da análise da trajetória e produção de um fotógrafo brasileiro interiorano, cuja importância também reside em somar esforços e reflexões recentes sobre a representação da capital do país num prisma acadêmico, a fim de reconhecer a sua importância enquanto parte constituinte de uma memória histórica e fotográfica a ser evidenciada.



CAPÍTULO 1

A TRAJETÓRIA DE **GERALDO VIEIRA**: ARTE, VIDA E OFÍCIOS

Fotografia 01 - Geraldo Vieira segurando o cabo com propulsor, aonde engatava sua *Rolleiflex*, na ocasião da Primeira Missa de Brasília
03 de maio de 1957.

Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Luis Andrade, fotógrafo amador avançado e amigo de Geraldo Vieira

O século XIX presenciou uma somatória de descobertas que iriam culminar na idealização da fotografia. Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833), Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) e Willian Henri Fox Talbot (1800-1877), como pioneiros desta primeira tomada de *set*, puderam "desenhar com a luz" de forma indelével. Com o passar do tempo, principalmente durante o século XX, outros teóricos, pesquisadores e cientistas utilizaram-se de tais descobertas a fim de aperfeiçoar ainda mais os métodos de capturação das imagens.

A era da industrialização, dos consumos em massa, da crescente natalidade e urbanização, já não era compatível com o ideário existente. Para um novo tempo também foi gerado um novo homem, que consome, expande-se, modifica-se, diante do surgimento de novos paradigmas, sejam estes culturais, tecnológicos, habitacionais etc. Assim, com a revolução industrial, acrescida de uma pulsante economia capitalista e a uma nova sociedade moderna ansiosa pelo consumo de bens materiais foi propiciado o cenário ideal para que a fotografia se tornasse um item cada vez mais em ascensão na sociedade burguesa.

A câmera começou a duplicar o mundo no momento em que a paisagem humana passou a experimentar um ritmo de transformações vertiginoso: enquanto um número incontável de manifestações da vida biológica e social está sendo destruído, em breve espaço de tempo, surge um instrumento capaz de registrar o que está desaparecendo. (SONTAG, 1982 apud COSTA; SILVA, 2004, p. 18)

Se num primeiro momento, o berço da fotografia se fez em ares europeus e norte-americanos, posteriormente à 1ª Guerra Mundial viu-se a dispersão de fotógrafos para vários países, incluso o Brasil, principalmente nos eixos Rio de Janeiro - São Paulo. Igualmente, a fotografia passou a se oficializar como uma atividade também desenvolvida em pequenas cidades, ditas do "interior". São fotógrafos estrangeiros e nativos que

buscaram nestes locais uma oportunidade para desenvolver suas habilidades e passaram a construir suas carreiras profissionais através de tal ofício. A cidade, neste aspecto, foi vista como um grande objeto de experimentação e que trouxe ao fotógrafo a possibilidade de retratar temáticas diversas. Costa e Silva (2004) apontam que na maior parte da produção fotográfica do século XIX transparece a preocupação com a documentação, sendo que os espaços urbanos e tipos humanos foram os principais temas registrados. Na virada do século,

Afirmou-se o fotoamadorismo e a fotografia deixou de ser uma atividade de iniciados para se alçar como uma prática realmente democrática. Ela passa a circular em toda a parte e sua onipresença satura a sociedade moderna. (COSTA; SILVA, 2004, p. 22)

Dessa maneira, a classe burguesa abastada transformou as relações da prática fotográfica, já que, dotada de meios para o consumo das novas tecnologias as quais surgiram no decorrer das décadas, poderia assim usufruir e democratizar o saber fotográfico. De fato, nem todos que tiveram condições para satisfazer tal ato, dispunham de um olhar fotográfico...

De acordo com Bardi (1987, p. 7), "é obrigatório dar notícia do passado, porém de passagem. A história da Fotografia é complexa. O respeito para com os pioneiros é todavia um dever." Muitos foram os fotógrafos que conseguiram, através de suas fotografias, transmitir o lado poético de seus trabalhos. No final do século XIX e início do século XX surgem os primeiros nomes a fotografar no Brasil em relação a uma estética documental, como relata Costa e Silva (2004):

No Rio de Janeiro, Marc Ferrez e Augusto Malta nos deixaram uma iconografia extraordinária, através da qual é possível reconstituir nosso passado em seus aspectos sociais, materiais e etnográficos. No mesmo sentido atuaram em São Paulo os fotógrafos Militão Augusto de Azevedo e Guilherme Gaensly. (COSTA; SILVA, 2004, p. 19)

É neste contexto que em meados do século XX nasceu Geraldo Vieira, cuja arte fotográfica, a partir da década de 1930, se tornou o seu principal ofício. Por se tratar de um fotógrafo moldado no interior do Brasil, sua produção fotográfica não se assemelhou a algumas experimentações desenvolvidas por outros fotógrafos das grandes capitais, a exemplo dos fotogramas.

De acordo com Costa e Silva (2004), o movimento fotoclubista, que no século XIX tem origem na Europa e Estados Unidos decorrente de uma reação amadorista à massificação da produção fotográfica dominante, só foi se desenvolver no Brasil nas três primeiras décadas do século XX, com seu ponto áureo na solidificação do Foto Cine Clube Bandeirante de São Paulo, o então mais bem sucedido clube fotográfico da capital, naquela época, um fenômeno de grande disseminação social. A estética pictorialista influenciou os fotógrafos das décadas de 20 e 30, porém, "a partir década de 40 predominou a preocupação com os sistemas composicionais através da valorização do retângulo áureo e das regras clássicas da boa composição." (COSTA; SILVA, 2004, p. 33)

Algumas foram as fases que a fotografia brasileira presenciou. Perpassou pela estética pictorialista, representada pelos fotógrafos oitocentistas, como também ainda na visão dos fotógrafos do começo do século XX. Chegou na fase da construção de uma estética moderna, representada principalmente pelos fotógrafos pioneiros do Foto Cine Clube Bandeirante e da Escola Paulista, e ainda, a linguagem do fotojornalismo, que ditou novos padrões para a prática fotográfica. Esta última, que gerou mudanças revolucionárias na atividade jornalística: "Se anteriormente a fotografia era um mero auxiliar do texto, nesse momento dá-se uma inversão. A fotografia cria o acontecimento, ao passo que o texto, muitas vezes, vem apenas respaldar a sua integridade sígnica." (COSTA; SILVA, 2004, p. 101)

Se, das manifestações no que tange à fotografia, dispunham de uma defasagem de tempo entre os movimentos europeu e americano para com os brasileiros, também pode-se afirmar que muito do que acontecia nas capitais brasileiras diferia do que era habitual nas cidades interioranas, igualmente relacionados a tempo e espaço. As condições financeiras e as influências político-sociais foram grandes fatores para que na historiografia da fotografia brasileira alguns fotógrafos fossem discriminados entre 'anônimos' e 'notáveis'.

A par dessa clarificação em detrimento dos fotógrafos enquadrados como notórios, outros, a nível nacional, viveram à mercê da obscuridade. Neste cenário, a figura de Geraldo Vieira - fotógrafo interiorano mineiro - enquadra-se como um fotógrafo pouco conhecido, diante da ausência de estudos sobre um prisma acadêmico, e por conseguinte, pela historiografia da fotografia brasileira. Se em contrapartida, Geraldo alcançou grande reconhecimento por profissionais da fotografia regional, historiadores e pela população araguarina como um todo, por outro sua excelência e habilidade ficaram ocultas num nível nacional. Foi preciso que viesse à tona seu acervo inédito de fotografias sobre Brasília

para que uma oportunidade de pesquisa fosse propiciada. Assim, diante do universo de investigações abrangido por esta temática, este trabalho surge como uma iniciativa a contribuir com novos dados - através da pesquisa de imagens de um fotógrafo mineiro interiorano - à pesquisas já iniciadas sobre a Historiografia da Fotografia Brasileira e suas formas de recepção.



1.1 | GERALDO VIEIRA - O FOTÓGRAFO ARTISTA³

É fatal o aparecimento da palavra artista para quem se envolve com a fotografia. A disputa entre pintura e fotografia é assunto antigo. No que se refere aos tempos modernos é sempre lembrada a simples e fundamental afirmação de Lazlo Moholy-Nagy, da 'Bauhaus', de '25: "A antiga contestação entre artistas e fotógrafos para estabelecer se a fotografia é uma arte é um falso problema. Não se trata da fotografia substituir a pintura, mas de esclarecer as relações entre fotografia e pintura, e de estabelecer o desenvolvimento dos meios técnicos surgidos da revolução industrial: contribuição para o aparecimento de novas formas na criação visual." (BARDI, 1987, p. 14)

No dia 6 de abril de 1911 nascia Geraldo Vieira, na pequena cidade de Estrela do Sul - MG. Filho de Honorato Vieira e Maria Augusta, Geraldo residiu na antiga Bagagem⁴ durante os seus 24 anos, na qual também cursou a Escola Primária e empreendeu o ofício de fotógrafo. Possuiu muitos irmãos: Paulo, Emy, Auristela, Almerinda, Fiica e Maria Augusta.

Aos 12 anos de idade, iniciou o seu primeiro trabalho no garimpo, pois a cidade já havia logrado fama pela caça aos diamantes e os trabalhos ligados a este ramo de atividades eram abundantes. Especificamente, Geraldo Vieira trabalhou com o bombeio de águas no garimpo, experiência que o fez posteriormente desenvolver um sistema de água para o uso de seu rebanho bovino em sua fazenda, o qual serviu de modelo para outros

³ Tanto a biografia do artista, como as curiosidades e peculiaridades, foram retiradas de entrevistas com o filhos de Geraldo Vieira, Maria Célia Vieira e Bruno Vieira, e sua esposa Leila Vieira, como também relatos escritos pela falecida esposa de Geraldo, Célia de Souza Vieira (tais escritos encontram-se anexados ao final desta dissertação - Anexo 1). Outra fonte bibliográfica foi o livro "Araguari e sua História", elaborado pelas historiadas do Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto, Juscelia Peixoto e Aparecida Vieira.

⁴ Bagagem foi o último nome que a atual cidade de Estrela do Sul recebeu. Em 1901 muda a denominação Bagagem para Estrela do Sul, devido à homenagem prestada a um diamante encontrado na cidade que obteve fama mundial, também chamado de estrela do sul. Tais dados encontram-se no site da Prefeitura Municipal de Estrela do Sul.

fazendeiros da região. Em sua juventude trabalhou como cabeleireiro/barbeiro e decorrido um tempo foi proprietário de cinema, todos estes fatos ainda na cidade de Estrela do Sul.

Ainda sobre suas habilidades, foi marceneiro, mecânico e eletricitista. Em relação aos hobbies, foi músico, aviador e motociclista, amante de esportes radicais. Participou de campeonatos de motociclismo em Araguari-MG e região, sendo diversas vezes campeão nesta modalidade, como também de tiro ao alvo. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 584)

Fotografia 02 - Praça João Pessoa, atual Manoel Bonito, em Araguari-MG com grupo de motociclistas. Década de 1930.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto.
Foto: Geraldo Vieira

Em relação à aviação, pôde fazer voos, fotografar e frequentar a pista do Aeroporto Municipal de Araguari-MG. Foi um dos integrantes da primeira turma de pilotos de Araguari, brevetados através da Escola de Aviação Civil Marincek, com diretor Antônio Marincek e mantida pelo Aero-Club de Araguari, em 10 de dezembro de 1939.⁵ Tal aproximação fez com que Geraldo por diversos momentos registrasse acontecimentos importantes relacionados à aviação e ao local, como também foi o primeiro fotógrafo a iniciar a produção de fotos aéreas da cidade de Araguari.

⁵ MARCAS de um tempo. **Jornal Diário de Araguari**, Araguari, ano VIII, nº. 1751, 21 de junho 2001.

Fotografia 03 - Primeira turma de brevetados do "AeroClub de Araguay".
Ano de 1939.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto.

Fotografia 04 - Estação de passageiros, praticamente pronta, concentração da população.
Década de 1950.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 05 - Fotografia aérea da cidade de Araguari-MG.
Década de 1930.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Praticamente todas as suas habilidades foram herdadas dos ensinamentos de seu pai Honorato Vieira, que foi um homem inteligente, empreendedor, atraído pelo desconhecido. Além de marceneiro por profissão, Honorato realizou serviços como encanador, eletricitista e mecânico. Foi *luthier*, músico, como também foi conhecido por ter capacidades de consertar objetos complicados, como nenhuma outra pessoa nas redondezas da cidade de Estrela do Sul, afirmou seu neto Bruno Vieira. Há um fato ocorrido e contado também por Bruno Vieira sobre o concerto de uma máquina de raio-x. Tal máquina foi trazida através de uma companhia mineradora inglesa que exerceu atividades de extração de diamantes industrialmente na cidade de Romaria - MG, antiga "Água Suja" e região. Como o quadro de funcionários da mesma era muito grande e também nesta constituíam profissionais do ramo da saúde, a exemplo de médicos, foi necessário que se tivesse uma máquina de raio-x. Segundo Bruno Vieira, muitos afirmam ser a primeira máquina dessa especificidade trazida ao Brasil. No entanto, tal objeto chegou à Romaria com defeito, não funcionou. Perguntadas as pessoas daquela cidade qual seria o profissional indicado para a realização do conserto, não houve hesitação, e logo indicaram Honorato Vieira, que o fez, e o aparelho voltou a funcionar normalmente. Como *luthier* por *hobby*, Honorato foi exímio nesta arte. Há um violino confeccionado por ele e em perfeito estado de conservação que outrora estivera aos cuidados de sua filha Emy, como também fotos do

casamento da mesma tiradas por Geraldo Vieira, datadas do ano de 1932, conhecidas pelo seu filho Bruno Vieira como as mais antigas fotografias até hoje registradas pelo seu pai. Já sobre seus conhecimentos de mecânica e eletricidade, outro fato curioso é que se deve a Honorato o bombeamento e primeiro encanamento de águas para a cidade de Cascalho Rico - MG. Ele o fez através da captação das águas do Rio Bagagem, como também bombeou a mesma água para um chafariz de uma praça principal desta cidade. Fez com que a água jorrasse do mesmo, inaugurando, assim, a fase de água encanada aos cascalho-riquenses, relatou Bruno Vieira.

Em relação à música, Geraldo estudou e aprendeu com o seu pai a tocar violino e bandolim, como também a ler partituras e alguns saberes sobre piano. Nos relatos de sua falecida esposa Célia de Souza Vieira, a mesma narra que Geraldo compôs algumas músicas e que na década de 30, quando se mudou para Araguari, formou um conjunto musical com seus amigos Horácio de Lima e César Magalhães, dentre outros. De acordo com Peixoto e Vieira (2013) posteriormente, na década de 60 ainda em Araguari, juntamente com Dimas Cury e Carlos Roberto Alves, fundaram uma banda de música mirim. Esta, objetivou ensinar música, teoria e harmonia para meninos que tivessem até 18 anos. Apoiados pelo poder público municipal, a banda então tornou-se realidade. Geraldo dirigiu a banda mirim por 7 anos e em 1974 deixou o cargo.

Dentre outras peculiaridades, ainda através dos relatos escritos por sua esposa Célia de Souza Vieira, Geraldo Vieira foi o primeiro apicultor de Araguari e região, pois utilizou-se de tecnologias para exercer tal ofício, além da importação de abelhas rainhas da Europa. Além das abelhas, criou galinhas de raça, organizou a primeira granja de galinhas poedeiras de Araguari, como também criou porcos, coelhos e peixes. Ainda, cultivou flores com especialização no enxerto de rosas, juntamente com seu irmão Paulo Vieira. Nota-se a enormidade de áreas em que o fotógrafo foi capaz de atuar durante a sua vida, um verdadeiro artista do olhar, da audição e dos saberes cotidianos.

A par de todas as suas excentricidades, esportes, hobbies e dotes artísticos, foi pela fotografia que Geraldo Vieira iria se consagrar e fazer história, através da paixão que nutriu durante toda a sua vida por esta arte. Ao seu pai Honorato - amante da fotografia e seu maior incentivador - é que se deve todo o seu aprendizado, aptidão e exímio profissionalismo, pois foi a partir de seus ensinamentos que Geraldo começou a exercer a profissão de fotógrafo, aprimorando suas técnicas e olhares pela experiência cotidiana,

afirma Bruno Vieira. Em sua adolescência, Geraldo começou a iniciar os primeiros aprendizados sobre fotografia. Sabe-se que naquela época, e principalmente nos arredores da pequena cidade de Estrela do Sul-MG, não havia a existência de escolas de fotografia. Desconhece-se a maneira pela qual Honorato Vieira aprendeu tal ofício. Crê-se que pai, e posteriormente filho, na troca de conhecimentos e na vivência diária com o arte fotográfica foram autodidatas no aprendizado e manipulação de fotografias. Bruno Vieira, neto de Honorato, certa vez quando pequeno observou uma fotografia retratada pelo seu avô, de acordo com ele, de uma tia de Luis Andrade, amigo da família. Diante das características que o mesmo revelou, a imagem se assemelha às fotografias pictorialistas oitocentistas. Naquela época não havia fotografia colorida, então os fotógrafos após reproduzirem a imagem em papel a manipulavam de maneira a dar cor e vida. Bruno relatou que a imagem continha uma mulher com um buquê, sendo que as flores foram coloridas de vermelho como também a sua boca, e ainda, a sua pele igualmente foi dotada de cor.

A solução encontrada pelos pictorialistas na busca de uma fotografia artística resultou em uma verdadeira imitação dos padrões da pintura do século XIX: romantismo, naturalismo, realismo e impressionismo [...] Para levarem a cabo estas propostas estéticas eles utilizaram os processos de pigmentação controlada. Tais processos permitiam inúmeras intervenções na cópia fotográfica: uso de lápis, borracha e pincéis para introdução ou supressão de elementos, retoques diversos, variação de tons etc. O uso dessas técnicas, de difícil aplicação, como o bromóleo, a goma bicromatada ou o processo a óleo, fazia com que o resultado raramente pudesse ser identificado como sendo uma fotografia. Na tentativa de elevar-se à categoria de arte a fotografia abdicaria de sua própria identidade. (COSTA; SILVA, 2004, p. 26)

Dessa maneira, no início da década de 30 há relatos de seus primeiros trabalhos como fotógrafo, através de uma postura itinerante. Geraldo Vieira associou-se ao seu amigo íntimo e também fotógrafo Jorge da Costa Neto e os dois percorriam as cidades limítrofes de Estrela do Sul - MG, a exemplo Cascalho Rico e Romaria, a fim de tirar fotos de pessoas para a confecção de seus títulos eleitorais. Fotografavam, revelavam e comercializavam as fotografias, e logo depois retornavam à Estrela do Sul - MG. Nesta cidade, as fotos tiradas por Geraldo contemplavam imagens de familiares, amigos como também acontecimentos citadinos. Nesta saga de introduzir o seu novo ofício perante à sociedade estrela-sulense, foi

que o fotógrafo, através da prática diária, galgou conhecimentos e pôde ir cada vez mais aprimorando suas técnicas, afirma Bruno Vieira.

Chegado os seus 24 anos de idade, o fotógrafo sentiu a necessidade de expandir os seus horizontes para que sua carreira profissional pudesse ser alavancada. Por certo, decidiu mudar-se para a cidade de Araguari - MG em 1935. Araguari, naquela época, cidade de renome no Triângulo Mineiro, com a Companhia Mogiana de Estradas Ferro fazendo as ligações entre Araguari- Goiânia; a população crescente e vindoura de outras localidades; a disseminação e o aparecimento de novos bairros; o destaque das primeiras indústrias; como também a inauguração de linhas aéreas para Goiás e São Paulo foram fatores de aceleração para o crescimento territorial, econômico e social na região. A década de 30 e 40 assinalou nesta cidade grande crescimento econômico, o que beneficiou vários setores da sociedade.⁶ Ainda neste período, a cena profissional fotográfica araguarina era composta por alguns amadores e profissionais, e dentre estes últimos pode-se citar Antônio Gebhardt, nascido no Estado da Baviera - Alemanha e radicado no Brasil, que no ano de 1926 fez da cidade araguarina a sua morada e desde então pôde contribuir com fotografias de temáticas diversas; Jorge da Costa Neto, amigo íntimo de Geraldo Vieira, nascido em Grupiara-MG, abriu seu estúdio fotográfico nesta cidade em 1944 e durante 23 anos fotografou acontecimentos de diversas naturezas; sendo estes dois acrescidos de Geraldo Vieira os mais importantes fotógrafos da cidade araguarina, homenageados e cuja solenidade está documentada no Jornal Gazeta do Triângulo, datado de 12 de novembro de 1983⁷, quando todos ainda eram vivos. Outros nomes que podem ser citados são: Estudio Cariolato, Taufik Kad Phot., Photo Radio e Foto Cardoso, estes encontrados em pesquisas efetuadas nas fotografias antigas da cidade de Araguari, no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto. Há também a existência de cartões - postais antigos, a exemplo um assinado por Foto Postal Colombo.

Com tal mudança, logo o fotógrafo adquiriu o seu primeiro estúdio fotográfico, situado à Rua Dr. Afrânio, nº 12, esquina com a Praça da Matriz, local onde funcionava o Estudio Cariolato.(PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 581). Todo o maquinário também foi comprado

⁶ Os dados referentes à cidade de Araguari foram reescritos e retirados do Trabalho Final de Graduação da autora, intitulado " Requalificação do Aeroporto Santos Dumont - Araguari-MG", não publicado.

⁷ Os dados sobre os fotógrafos Antônio Gebhardt e Jorge da Costa Neto foram retirados do periódico Gazeta do Triângulo, de referência: FOTÓGRAFOS de Araguari: Homenagem aos mais antigos. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 12 de novembro 1983. Página principal, p. 1.

do antigo proprietário, e assim foi fundado o Foto Geraldo. Com três meses de funcionamento, Geraldo sentiu a necessidade de ter um ajudante. Foi então que convidou o seu sobrinho Napier do Nascimento, conhecido popularmente como "Bulute" para ser seu auxiliar, que com apenas 13 anos de idade iniciou o aprendizado da fotografia. Bulute obteve um papel fundamental na história de Geraldo Vieira. O fotógrafo transferiu todos os seus conhecimentos do ofício ao jovem aprendiz, que pôde assimilar e ir além, através das constantes experimentações que desenvolveu no laboratório fotográfico, em relação à luz, química e revelação. No momento em que Bulute dominou as técnicas de ampliação, revelação e fixação de imagens, tornou-se laboratorista oficial e Geraldo Vieira seguiu apenas como fotógrafo de estúdio e fotojornalismo. Seu sobrinho foi seu companheiro e laboratorista durante todo o tempo em que o fotógrafo atuou na cidade de Araguari. Após a mudança de Geraldo Vieira para Goiânia-GO, na década de 1970, ainda continuou a trabalhar no ramo até a sua morte. Em depoimento às historiadoras do Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, Napier do Nascimento relata em 1996:

[...] Naquela época para se tornar fotógrafo precisava ter o dom, e trabalhar muito e levava tempo para ser fotógrafo. [...] Quando nós começamos o foto lá, nós não tínhamos instalações elétricas apropriadas porque o material do negativo era muito pouco sensível, havia pouca sensibilidade, você tinha que fazer uma exposição muito longa, saía tremido de forma que nós tínhamos um espelho fora, lá de fora com a luz do dia. [...] a gente não ia tirar retrato de casamento, isto começou muitos anos depois, a reportagem de casamento começou muito depois e aí começou a evolução do flash.

[...] eu me lembro do 1º casamento, reportagem que eu fiz num casamento, foi a Nena Lasafá, foi um dos primeiros. (Depoimento de Napier do Nascimento ao Arquivo Público em 09 ago. 1996 apud PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 581)

Bruno Vieira desconhece qual foi a primeira câmera usada pelo seu pai, como também o maquinário adquirido da época do antigo Estudio Cariolato. Aos poucos, o profissional conquistou a confiança e prestígio de seus clientes, devido ao trabalho exímio que exercia. Diante disso, o estabelecimento ganhou notoriedade e Geraldo Vieira juntamente a Bulute se destacaram perante à sociedade araguarina, enquanto tal arte se tornaria cada vez mais popular na cidade e região. Com a modernização dos equipamentos fotográficos, também foram geradas novas oportunidades de capturação de imagens. Assim, o fotógrafo pôde diversificar a sua extensão temática. Incluíam-se batizados, primeira

comunhão, casamentos, funerais, solenidades cívicas e militares, aspectos urbanos etc. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 582).

No ano de 1945 casou-se com Célia de Souza, cuja união gerou sete filhos: José Geraldo, Luís Gonzaga, Bruno, Leandro, Maria Célia, José Arnaldo e Antônio Marcos. Apenas Bruno Vieira, que aos 13 anos iniciou os aprendizados fotográficos com seu pai, levou a profissão adiante. Após a ida permanente de Geraldo para Goiânia-GO, Bruno assumiu a empresa que completou 80 anos de tradição no ano de 2015, ainda perpetuada por sua esposa Leila Vieira e seu filho Henrique Vieira. Diante das pesquisas, percebe-se que os principais fotógrafos que atuaram no século XX em Araguari eternizaram seus saberes com seus descendentes, fazendo da arte fotográfica um ofício atemporal e resguardando as raízes desta tradição documental tão importante para a sociedade araguarina e região.

Posteriormente, Geraldo Vieira adquiriu um novo estúdio, perto das imediações do inicial, localizado ainda na Rua Dr. Afrânio, nº 142, ao lado de uma Banca de Revistas que perpetua até os dias atuais. Este ponto foi estratégico para a expansão dos negócios, pois propiciou muitos contatos e assim, o prestígio do estúdio fotográfico foi difundido e angariou clientes não só de toda a região mas também de Goiânia-GO. Bruno Vieira relata a história da compra deste estabelecimento. Ele afirma que novamente seu pai comprou um estúdio, cujo dono era um engenheiro abastado e amador do saber fotográfico. Este, diante de sua paixão pela arte, montou tal estabelecimento com equipamentos muito modernos para a época. Porém, não sabia como fazer uma boa fotografia e resolveu colocar o estúdio à venda, decorrente ausência de êxito e clientela para levar à frente o empreendimento. Geraldo Vieira, afim de modernizar seus equipamentos e expandir cada vez mais seu negócio, arrematou o estúdio com tudo o que havia dentro: o maquinário fotográfico, a iluminação de estúdio, o mobiliário. Logo, desfez dos maquinários antigos e marcou uma nova fase de prosperidade neste estúdio. Em relação à este maquinário, são preservados até os dias atuais por seu filho Bruno Vieira, uma relíquia que rememora a história viva da fotografia de Geraldo Vieira. Seu filho ainda estima que estas câmeras devam ter cerca de 70 anos de existência (por volta de 1945), sendo uma delas a câmera de fole, de fabricação brasileira com lentes americanas e uma *Linhof*, de fabricação alemã. Outro dado importante sobre a aquisição de câmeras e materiais fotográficos, ainda de acordo com Bruno Vieira, se apoia no fato de que Geraldo Vieira fazia viagens para São Paulo - SP a fim de adquirir material fotográfico, diretamente nas empresas *Kodak* e *Fujifilm*. Com o aeroporto de

Araguari em pleno funcionamento, com linhas que iam diretamente para São Paulo, a acessibilidade à capital paulista era garantida. Em relação às máquinas fotográficas, Geraldo encomendava de seus amigos padres que ministravam aulas no Colégio Regina Pacis, os quais quando tiravam férias, iam à Holanda para visitação e traziam o artefato. Bruno cita o Padre Constâncio e Padre Alberto. Dessa maneira adquiriu a sua companheira de longa data, uma *Rolleiflex*.

Fotografia 06 - Segundo estúdio Foto Geraldo, localizado na Rua Dr. Afrânio, n  52.
Década de 1940.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

O ato fotográfico, para Geraldo Vieira, nunca foi mera responsabilidade de trabalho. Aonde quer que o fotogr fo fosse, levava consigo a câmera, a fim de registrar algum acontecimento que por hora poderia ocorrer, ou ainda pictóricas da cidade de Araguari e região. A cidade foi palco de belíssimas imagens pelas lentes do profissional, que, mesmo sem a possibilidade de venda de seus retratos ou sem uma contratação prévia para cobrir um evento em especial, o fazia por amor ao ofício e com a consciência de que, com a

sua arte, poderia fazer história. Foi um visionário na arte de documentar imagens, tendo a fotografia como uma maneira de se expressar para o mundo, já que era um homem de poucas palavras sobre si mesmo. Com seu olhar astuto, empregava a sua técnica em cada *clic*. Na leitura de suas imagens, pode-se perceber a importância dada ao contexto no qual a fotografia era tirada: num evento cívico, por exemplo, sempre enquadrava uma cena em que pudessem aparecer pessoas, céu, arquitetura; trabalhando com planos de visão, como também perspectivas.

Outra peculiaridade de seu estúdio fotográfico foi a vitrine e ocasionalmente as exposições fotográficas que realizou neste estabelecimento. As exposições, por vezes para mostrar fotos de algum acontecimento à sociedade araguarina, a exemplo das viagens à Brasília que resultaram no acervo fotográfico desta pesquisa em questão. A vitrine foi algo que envidescia as moças e moços araguarinos. A juventude daquela época tinha um enorme prazer em ver e ser vista. A praça Manoel Bonito foi um local de grande aglomeração de jovens, um verdadeiro desfile do glamour social:

A burguesia local desfilava impecável toalete no footing da Praça Manoel Bonito. O famoso "vai-e-vem", demarcado invisivelmente pela setorização das classes sociais, preenchia os fins de semana de jovens araguarinos, permeando, no imaginário, o flerte entre os enamorados. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 240)

Igualmente, as vitrines do Foto Geraldo foram itens de verdadeira cobiça. Fotos com diversas poses, jogos de luzes, técnicas de fotomontagem eram expostas e surtiavam destaque. Os enamorados, como também os casais e famílias eram desejosos em ter fotos de seus entes nas carteiras e bolsas, como forma de demonstração de afeto aos seus parceiros ou familiares. Tais fotos, ora ou outra, compunham as vitrines do famoso estúdio araguarino. Uma forma de marketing e publicidade que angariava ainda mais uma clientela ansiosa por ser retratada. A exemplo, a série "Moças da Vitrine", exibidas durante as décadas de 50, 60 e 70, compuseram a vitrine. Nesta época as imagens eram fotografadas em negativos de vidro com retoques manuais - ainda sobre relatos de seu filho Bruno Vieira.

Fotografia 07 - Série fotográfica "Moças da Vitrine". Marta Rocha em visita à Araguari.
Década de 1950.



Fonte: VIEIRA, Leila. **O acervo fotográfico de Geraldo Vieira**. 21 jan. 2010. Disponível em: <<https://leilavieira.wordpress.com/2010/01/21/o-acervo-fotografico-de-geraldo-vieira/>>. Acesso em: 11 out. 2015.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 08 - Série fotográfica "Moças da Vitrine". Moça da sociedade araguarina
Década de 1950.



Fonte: VIEIRA, Leila. **O acervo fotográfico de Geraldo Vieira**. 21 jan. 2010. Disponível em:
<<https://leilavieira.wordpress.com/2010/01/21/o-acervo-fotografico-de-geraldo-vieira/>>. Acesso
em: 11 out. 2015.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 09 - Série fotográfica "Moças da Vitrine". Moça da sociedade araguarina, Stela Kedy
Década de 1950.



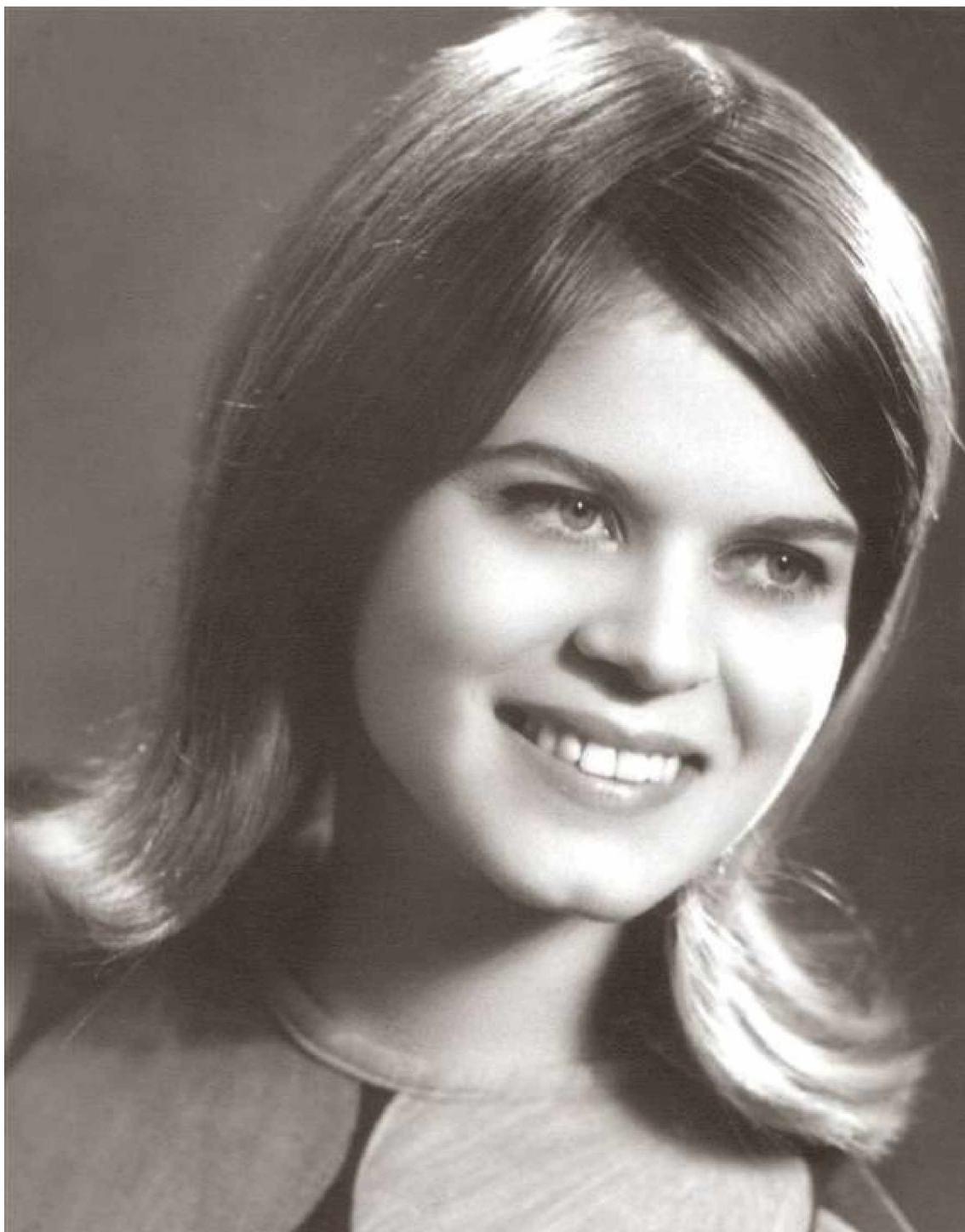
Fonte: VIEIRA, Leila. **O acervo fotográfico de Geraldo Vieira**. 21 jan. 2010. Disponível em:
<<https://leilavieira.wordpress.com/2010/01/21/o-acervo-fotografico-de-geraldo-vieira/>>. Acesso
em: 11 out. 2015.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 10 - Série fotográfica "Moças da Vitrine". Moça da sociedade araguarina, Marilúcia Malaquias - Ex Miss Minas Gerais
Década de 1950.



Fonte: VIEIRA, Leila. **O acervo fotográfico de Geraldo Vieira**. 21 jan. 2010. Disponível em:
<<https://leilavieira.wordpress.com/2010/01/21/o-acervo-fotografico-de-geraldo-vieira/>>. Acesso
em: 11 out. 2015.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 11 - Série fotográfica "Moças da Vitrine". Moça da sociedade araguarina.
Década de 1950.



Fonte: VIEIRA, Leila. **O acervo fotográfico de Geraldo Vieira**. 21 jan. 2010. Disponível em:
<<https://leilavieira.wordpress.com/2010/01/21/o-acervo-fotografico-de-geraldo-vieira/>>. Acesso
em: 11 out. 2015.
Foto: Geraldo Vieira

As técnicas de captação das imagens utilizadas por Geraldo Vieira perpassaram o negativo de vidro até as tipologias com base em celuloide. Engenhoso por natureza, elaborou e fabricou um sistema de iluminação de luz contínua (considerada como a luz principal) de seu estúdio. Utilizou-se de 4 lâmpadas *photo-flou* inseridas dentro de um cocho, fixado em um tripé que se levantava e abaixava. Durante muitos anos seu método de iluminação foi composto por 3 pontos: luz contínua (principal), luz auxiliar (através de um spot-light adquirido no segundo estúdio fotográfico) e uma luz de relevo, fatos relatados por seu filho Bruno Viera. Decorrido o tempo, surgiram os primeiros *flashes* que auxiliaram fortemente a captação de imagens, compostos por lâmpadas descartáveis, que Bruno Vieira denomina como "ovo de pato". Ele discorre que nos momentos em que seu pai e o Bulute saíam para captar imagens fora do estúdio fotográfico, a exemplo fotos de casamento em igrejas, Bulute provia de duas bolsas na cintura, aonde numa eram depositadas as lâmpadas virgens, e na outra as lâmpadas usadas. Essas lâmpadas detinham de um filamento muito fino, então a cada disparo, se queimavam e se tornavam inutilizáveis, sendo trocadas em seguida. Num segundo momento, Geraldo Vieira começou a utilizar o *flash* eletrônico baseado em bobinas de ignição, que acumulavam energia e com isso faziam com que o *flash*, ao ser disparado, acionasse a luz juntamente com um grande estouro, os famosos "tiros" que assustavam as pessoas ao redor. Por conseguinte, a experiência foi o molde de seu olhar. Geraldo e Napier formaram uma dupla sábia e investigativa perante à observação cotidiana e às experimentações em estúdio. Outra história curiosa relacionada à técnica fotográfica de iluminação utilizada por ambos deve ser evidenciada. Bruno ainda em entrevista relatou que na época em que seu pai sediava no estúdio da Rua Dr. Afrânio, aconteceu um fato inusitado. Geraldo e Bulute eram muito amigos de Lindolfo Rodrigues da Cunha, um importante e abastado dentista de Araguari, do qual também eram clientes. Em certo ano, Lindolfo se mudou para São Paulo- SP, percorrendo uma carreira auspiciosa. Numa de suas viagens ao exterior, especificamente aos EUA, Lindolfo entrou numa livraria e deparou-se com um livro sobre técnicas de iluminação fotográfica escrita por algum literato em fotografia, e muito empolgado ao pensar que traria uma inovação para seu amigo Bulute, comprou o livro para presenteá-lo. Chegando ao Brasil, foi visitar Araguari-MG a fim de entregar o presente, mas chegando ao Estúdio Foto Geraldo, viu a vitrine com diversas fotos nas quais a luz era utilizada de formas variadas, e então começou a folhear o livro e comparar as imagens da vitrine com as contidas nas páginas. E para sua surpresa, muitas das

técnicas no livro inglês estavam executadas nas fotografias de Geraldo Vieira. Por conseguinte, confrontou Bulute, dizendo ao mesmo que ele já teria adquirido aquela literatura e copiado as técnicas de iluminação. Todavia, tanto Bulute quando Geraldo sequer sabiam da existência de tal literatura, e muito menos sabiam o idioma inglês. Lindolfo ficou tão espantado com a evolução técnica da dupla, comparada à literatura inglesa de fotografia, que levou o livro de volta para sua casa. São fatos como este que comprovam que naquela época, ao redor do mundo, várias técnicas poderiam ser inventadas e desenvolvidas ao mesmo tempo. Talvez o que diferia um inventor de uma localidade pela genialidade da invenção era o fato de ser o primeiro a patentear seus descobrimentos, já que vivia-se em uma era ainda distante da atual Sociedade em Rede, de acordo com a definição de Manuel Castells.⁸

Até o final da década de 1950, Geraldo permaneceu com seu estúdio na Rua Dr. Afrânio. De acordo com Costa e Silva (2004), a fotografia de imprensa no Brasil surgiu no começo do século XX, através de algumas revistas que foram publicadas. E juntamente com as fotografias de reportagens, aparecem as primeiras fotos de publicidade ligadas às questões econômicas do setor terciário brasileiro. Peixoto e Vieira (2003, p. 585) apontam que "O mercado de impressão jornalística e propagandista evoluía e como não podia deixar de ser, utilizava os serviços do Estúdio Foto Geraldo." Fatos ocorridos na década de 50, época em que os jornais de circulação em Araguari, em destaque o Gazeta do Triângulo - fundado em 1937 - estavam a pleno vapor. Geraldo Vieira foi fotógrafo de reportagem deste periódico, como também forneceu imagens a outros jornais e revistas de Araguari e para a capital mineira, Belo Horizonte. Diante do aparecimento de novas possibilidades ao fotógrafo, este transferiu seu estúdio, em 1959, para a Avenida Tiradentes e permaneceu nesta localidade por três décadas. Foi uma época em que o seu ímpeto fotojornalístico obteve grande destaque, não só devido à sua personalidade de relatar os fatos sem uma contratação prévia - apenas com a intenção de eternizar a história através de suas fotografias, mas também pelas oportunidades de publicação de imagens que naquela época estavam em voga. Neste estúdio, Geraldo desenvolveu alguns sistemas que lhe ajudavam a fotografar com maior facilidade, como também para seus clientes. Com seus conhecimentos

⁸ O termo Sociedade em Rede, definido por Manuel Castells, caracteriza-se por uma sociabilidade assente numa dimensão virtual, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que transcende o tempo e o espaço. (CASTELLS, 2002).

em eletricidade e mecânica, desenvolveu um tripé adicionado a um disjuntor e um pedal, que possuía ligação direta com todas as luzes do estúdio. A ligação era do tipo direta, e ao fazer o contato elétrico com os cabos e acionar o pedal, a luz escolhida era acionada (luz principal, secundária e de relevo). Outra engenharia que desenvolveu, ainda segundo seu filho Bruno Viera, foi o acionamento automático da iluminação do camarim dos clientes, função que nos dias atuais denomina-se de automação. Havia uma cortina que deveria ser puxada e abotoada para fixação. Assim que o cliente pisava neste espaço, as luzes eram acionadas através do contato dos pés no assoalho de madeira que era móvel, provido de molas e contato elétrico por baixo. Ao pisar em tal assoalho, pelo peso exercido pela pessoa, o piso era rebaixado propiciando o contato elétrico e acionando a iluminação.

Em relação à sua fotografia externa ou de reportagem, além da característica de preocupação em sempre evidenciar o contexto da cena, Geraldo possuía um atributo de fotografar em série. Nas análises de leitura de negativos feitas pelas historiadoras do Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, indicaram grupos de imagens que evidenciam tal característica, como um grupo de negativos que reproduzem várias fachadas comerciais de Araguari. Retratam as tipologias arquitetônicas do local, feito de grande importância para a posteridade. Ainda sobre seu espírito fotojornalístico, fotografou uma diversidade de acontecimentos cívicos ou não, importantes na cidade de Araguari: a chegada de personalidades na cidade como também políticos renomados (A exemplo Marta Rocha e Juscelino Kubitschek); chegada de um fusca dentro de um avião; inauguração de filmes no cinema, que em certa época somavam-se em 5 estabelecimentos em Araguari; "em 1958, registrou a homenagem a Anna Roza Naves⁹ como "a mãe brasileira do ano"" (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 585); acompanhamento de obras e inaugurações diversas, como a do Aeroporto de Araguari; sem contar a enormidade de eventos de pessoas civis da cidade e região: aniversários, casamentos, funerais; eventos esportivos, religiosos e sociais; edificações, pessoas, ruas e praças etc., imagens que compõe um acervo de mais de 80 mil negativos arquivados no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, doação executada por seu filho Bruno Vieira e oficializada entre a Prefeitura de Araguari e o doador na forma de um

⁹ A senhora Anna Roza Naves foi a mãe dos famosos irmãos Naves, do "Caso dos Irmãos Naves", considerado um dos maiores erros judiciários do país, ocorrido na época em que o Brasil vivia seu regime ditatorial, 1937. O advogado dos irmãos escreveu um livro para contar a história e em 1967 foi lançado um filme. Para mais informações, segue a referência bibliográfica: ALAMY, João Filho. **O Caso dos Irmãos Naves – Um erro judiciário**. 3ª Edição. Belo Horizonte. Editora Del Rey : 1993.

Decreto Lei. Constituem um patrimônio histórico para a cidade de Araguari, tombado pelo Decreto nº 018/06 de agosto de 2006.¹⁰

Para cada situação, Geraldo empregava sua técnica adquirida com a experiência cotidiana, originalidade e exímio profissionalismo. Feito que lhe rendeu muito reconhecimento e fez com que seu estúdio da década de 70 figurasse entre os estabelecimentos privados de Araguari com alto índice de confiabilidade e respeito. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 586).

Sua habilidade, excelência, astúcia e alma de historiador o levaram a ir além-fronteiras. Ganhou notabilidade nas redondezas, desbravou várias localidades do Brasil acompanhado de suas câmeras, na maioria das vezes, sua *Rolleiflex*. Em 1975, o fotógrafo mudou-se para Goiânia-GO, onde permaneceu apenas a fotografar eventos, principalmente casamentos e aniversários. Naquela época, segundo Bruno Vieira, muito conhecido na capital goiana, além do que também habitavam naquela cidade clientes naturais de Araguari-MG os quais reconheciam o seu distinto trabalho. Nessa empreitada, seu filho Bruno - que já havia herdado os saberes fotográficos do pai - o acompanhava nas fotorreportagens e concebia a revelação e encadernação das fotos no estúdio de Araguari-MG, cuja liderança firmou, juntamente com Bulute, após a mudança de Geraldo Vieira para a capital goiana. O artista-fotógrafo exerceu a profissão até perto de seu falecimento, que se deu em 1993 após um ataque cardíaco fulminante. A empresa Foto Geraldo completa 81 anos de existência em 2016, firmada na altivez de um homem que soube fazer história e deixou um legado incomparável de imagens. Atualmente, é gerida por seu filho Bruno Vieira, sua nora Leila Vieira e seu neto Henrique Vieira, cuja perpetuação da sua memória transparecem no prosseguimento do ofício fotográfico com esmero e dedicação, fazendo jus ao nome do fundador.



¹⁰ A "Coleção de Negativos Geraldo Viera" faz parte dos bens considerados patrimônio históricos do município de Araguari-MG, que "no ano de 1997 implementou os onze primeiros tombamentos, inventariando cerca de duas centenas de imóveis de valor histórico e cultural. O inventário é um diagnóstico do bem, onde se apresenta imagens e a descrição do objeto." (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p.378)

Fotografia 12 - Folheto de propaganda do Estudio Foto Geraldo
Década de 1950.

FOTO • **ATELIER
FOTOGRÁFICO**

GERALDO

Artigos fotográficos em geral

Representante das marcas Kodak, Rolleiflex, Agfa, Ansco, Gevaert, Perutz, Hauff e da afamada Câmara Nacional Kapsa



RAPIDEZ - PERFEIÇÃO - PREÇOS MÓDICOS
FOTO GERALDO
Rua Dr. Afrânio, 142 — Caixa Postal, 294
ARAGUARI —:— ESTADO DE MINAS

Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto

Fotografia 13 - Desfile cívico na cidade de Araguari-MG.
Década de 1950.



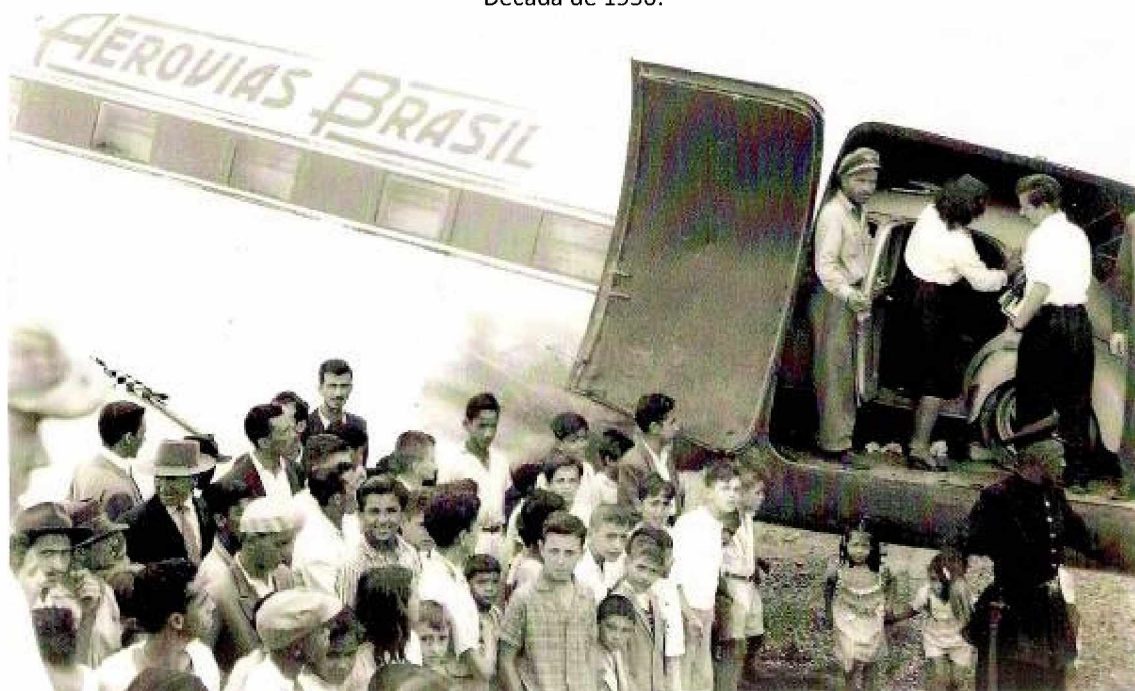
Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 14 - Praça Manoel Bonito, em sua última remodelação na década de 60, pelo arquiteto mineiro João Jorge Coury. Ao fundo, Palace Hotel e Cine Rex.
Década de 1960



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 15 - Transporte de pessoas e cargas - Aerovias Brasil, em Araguari-MG.
Década de 1950.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 16 - Fachada da Estação de Passageiros da Estrada de Ferro Goiás, em Araguari-MG.
Década de 1950.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

1.2 | CIDADE, HISTÓRIA, MEMÓRIA: CENÁRIOS DE ARAGUARI NA DÉCADA DE 50

A memória dos lugares não toca sua partitura sozinha; ela tem necessidade das vozes e do trabalho daqueles que a buscam, nelas se encontram ou a constroem. (JODELET, 2002, p.40)

Diante de pesquisas históricas percebe-se que Araguari viveu anos áureos nas décadas de 20 e 30, devido às instalações da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro e Estrada de Ferro Goyaz. Tais companhias fizeram com que a urbe fosse uma cidade medianeira entre os Estados de São Paulo e Goiás, como também propiciou que a mesma fosse visada intermunicipalmente.

O movimento férreo araguaryno, aliado a outros fatores periféricos, sustentou a economia em desenvolvimento, subsidiando oportunidade para novas conquistas, como a implantação de indústrias, o crescimento do comércio, a instalação da telefonia e energia elétrica, a construção de núcleos escolares e de saúde, a implementação do lazer e ligeira promoção da infraestrutura urbana. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 180-181)

Outras vertentes, no quesito cultural, lazer, políticas e religiosas, dentre outras, também podem ser citadas como elementos que se destacaram em função desta ligação entre cidades circunvizinhas quanto aos Estados nos quais a cidade de Araguari funcionava como intermediadora. Desta forma, "radicaram na cidade pessoas de várias partes do país e do exterior, influenciando e ditando hábitos e costumes". (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 202)

Ainda relacionado à mobilidade urbana, na década de 30 a rede ferroviária começou a enfrentar concorrência com o transporte aéreo. Só nesta cidade atuaram 5 companhias aéreas, que democratizaram as idas e vindas de populares, políticos, pessoas afamadas, cargas e mercadorias diversas. Também foi propiciada a possibilidade de registros de fotografias aéreas de Araguari - fato já citado anteriormente - cujo pioneiro foi o fotógrafo Geraldo Vieira.

Em 1935, foi instalada na cidade a ACIA - Associação Comercial e Industrial de Araguay, a qual teve como escopo a abertura de novas rotas comerciais. As futuras construções de malhas viárias proporcionariam tal objetivo. Viu-se que mais adiante, na década de 50 seria a vez da malha rodoviária entrar em concorrência com os transportes férreos e aéreos.

Assim como a 1ª Guerra Mundial fez com que muitas transformações ocorressem na nação, na 2ª Guerra pôde-se perceber novamente tal feito.

O término da guerra gerou mudanças no país, principalmente políticas. Externamente, consolidam-se os Estados Unidos da América como grande potência mundial e, internamente, o Estado novo chegou ao fim com a renúncia de Getúlio Vargas. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p.229)

Essas mudanças, principalmente as políticas, influenciaram nas estruturas executivas e legislativas de Araguari. Findou-se o sistema de nomeação e passou a vigorar as eleições diretas para todos os cargos, por conseguinte, também dos prefeitos. Se até então "A sociedade araguarina se mostrava um tanto elitista e conservadora sendo a política comandada por pessoas fluentes e com poder aquisitivo considerável (...)"(NEGUEM-UFU-2000, nº15, ano 8 apud PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 231), com as eleições municipais tornou-se possível a inclusão de novos personagens neste ramo de atuação. Pode-se citar os partidos UDN (União Democrática Nacional), PSD (Partido Social Democrático), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PCB (Partido Comunista Brasileiro) como vigorantes naquela época.

De acordo com Peixoto e Vieira (2013), "Ao final dos anos de 1940, os resquícios da crise mundial ainda refletiam na cidade, no âmbito de estrutura urbana e de investimentos econômicos,"(PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p.233).

A década de 50 contou com uma população estimada em 43.305 habitantes, censo publicado no Jornal Gazeta do Triângulo em 1960 e referido por Peixoto e Vieira (2013). Ainda afirmam que tal decênio "foi marcado por grandes avanços científicos e tecnológicos, acompanhados de mudanças culturais e comportamentais." (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p.233). Além disso, viu-se que transformações interpessoais, em âmbitos de consumo e conduta, foram reflexos de uma sociedade que cada vez mais se instaurava como urbana e industrial, especialmente durante o governo do Presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961).

Em contrapartida, economicamente a cidade enfrentou problemas, especificamente em 1954, quando a sede da Estrada de Ferro Goiás foi transferida para Goiânia. De auxiliadora da matriz, Araguari passou a ser segunda divisão desta companhia. Este fato, aliado a outras conjunturas - a exemplo do impulsionamento de projetos do Governo Federal para construção de estradas de rodagem - culminou para uma progressiva desarticulação do setor férreo. De acordo com Peixoto e Vieira (2013) "Em 1955, a cidade

contava com 08 empresas de transporte rodoviário de cargas e passageiros. No setor aéreo, aviões de três empresas pousavam em Araguari regularmente: Aerovias Brasil, Vasp e Nacional."(PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p.241). Já no cenário sociocultural,

(...)os anos de 1950 marcaram um período de glamour social, onde preparadíssimos eventos disputavam entre si, no quesito requinte visual. Os araguarinos e os visitantes de outras cidades prestigiavam os acontecimentos organizados. Filantropia, festa a rigor, desfile, festa típica, concurso de beleza, concerto e outros tópicos, povoavam a agenda social da cidade. O estilo dançante contagiou a geração, com o fenômeno Elvis Presley, que alcançou projeção a partir de 1956, assim como a "Bossa Nova", que posteriormente, também tornou-se apreciada. É interessante salientar que estes acontecimentos eram destinados a um público bem específico, morador da área mais central da cidade. A classe pletórica ficava à margem destes eventos, promovendo outras formas de diversão. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 239)

Entre 1955 a 1959, a cidade de Araguari foi regida pelo então prefeito Eduardo da Cunha Rodrigues Neto (vice-prefeito na gestão anterior) e vice Moisés de Carvalho Alves.

As autoridades municipais, eleitas em 3 de outubro, tomarão posse amanhã de seus respectivos cargos. Prefeito, Vice-Prefeito, Vereadores e Juizes de Paz serão empossados no dia de amanhã, iniciando-se suas atividades no dia 1º de fevereiro. Conforme já tivemos ocasião de acentuar, em outros comentários, na eleição mais livre e democrática que já tivemos no município, o povo escolheu espontaneamente os candidatos preferidos(...). Diante da capacidade moral dos eleitos, e de reconhecida boa vontade, está o povo esperançoso de um período administrativo dos mais profícuos, satisfazendo ao desejo geral dos araguarinos. E isto é perfeitamente possível, apesar das dificuldades financeiras da municipalidade, diante do valor dos eleitos. Amanhã, portanto, será um dia realmente muito significativo para o futuro desta boa e generosa terra. (Gazeta do Triângulo, 30 de janeiro 1955, ano XVIII, nº 1.064).

Como de costume, este assunto foi noticiário de diversos jornais da época que vigoravam na cidade, como também em jornais de outros Estados, a exemplo do vespertino "A Noite", do Rio de Janeiro. Em pesquisas efetuadas, descobriu-se num exemplar deste periódico, datado de 14 de fevereiro de 1955, uma reportagem nomeada "Uniram-se os chefes políticos de Araguari, com o propósito de incentivar o progresso daquele rincão mineiro! O programa do prefeito Eduardo Rodrigues da Cunha é, simplesmente, "TRABALHO." Ainda: "O vice-prefeito, Dr. Moisés de Carvalho Alves, não tem pretensões

políticas; concorreu às urnas com a finalidade de trabalhar pelo engrandecimento moral e material do município, concitando também às novas gerações propugnarem pela causa pública, movidas pelo idealismo pátrio".¹¹ O texto foi assinado pelos jornalistas Manoel Pinto Figueira Júnior e Antônio Magalhães Drummond. É interessante notar o cunho de tal reportagem, referente à importância que os jornalistas do Rio de Janeiro deram à cidade araguarina:

Araguari é uma das mais lindas e prósperas cidades do Triângulo Mineiro. Situada nas divisas do Estado de Goiás, Araguari serve de ante-saia daquela unidade da Federação brasileira, gozando por isso mesmo do alto privilégio de ser intermediária entre Minas Gerais e o Brasil Central. Com tal prerrogativa, os habitantes de Araguari são favorecidos, isto porque os produtos goianos que se destinam à exportação, assim como todo o movimento econômico e social com o leste e oeste, passam forçosamente pela mencionada cidade. Há dias fomos a Goiás com o fim de assistir á posse do novo governador Bernardo Sayão e seus auxiliares de governo, e ao regressarmos fizemos escala em Araguari, dando-nos a oportunidade de ouvirmos os novos edis daquele Município, Srs. Eduardo Rodrigues da Cunha Neto e Dr. Moisés de Carvalho Alves, prefeito e vice-prefeito, recentemente empossados em seus respectivos cargos. (A Noite, 14 fev. 1955, ano XLIII, nº 14935).

Nesta década, percebe-se que o clamor de progresso pela população esteve aliado às questões de melhorias urbanas, como calçamentos , provimento de saneamento básico, água, esgoto, acessibilidades intermunicipais e estaduais, conservação, construção e remodelação das praças que se tornaram importantes. Em nota no Jornal Gazeta do Triângulo, de 23 de janeiro de 1955, diz:

A cidade de Araguari agrada à vista de qualquer visitante, tal a harmonia de seu traçado, com ruas amplas e praças espaçosas. Vê-se, entretanto, que necessita a cidade de maior presença da administração, notadamente nas várias praças. Temos, por exemplo, várias praças que, pavimentadas, arborizadas e ajardinadas dariam um belo aspecto à nossa cidade.(...) O apelo é justo, daí termos certeza de que será levado na devida conta, especialmente tendo em vista a bôa vontade e capacidade dos novos e ilustres administradores do município. (Gazeta do Triângulo, 23 de janeiro 1955, ano XVIII, nº 1.063).

¹¹ **Biblioteca Nacional Digital Brasil 10 anos.** Jornal "A Noite", ano XLIII, Edição 14935. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_05&PagFis=28720>. Acesso em 21 maio 2016.

Além dos padrões arquitetônicos existentes, como casarios coloniais, prédios ecléticos e *Art Decó*, a década de 50 irá selar a recepção da nascente arquitetura moderna erigida no planalto central - especificamente, em Brasília - na cidade de Araguari.

Em pesquisas efetuadas e entrevistas com a historiadora Aparecida da Glória Campos Vieira, descobriu-se que esta cidade foi a morada do tio e padrinho de Juscelino Kubitschek, o Sr. Major Eufrosino de Oliveira (1873-1961). Ele atuou como um dos provedores da Santa Casa da Misericórdia, a primeira instituição médica a se instalar na cidade, em 1918. Uma instituição que visou ajudar pessoas carentes e dessa maneira atraiu inúmeros indivíduos na busca de assistência médica. "Sem fins lucrativos desde os primórdios tempos de funcionamento, foi sustentada com a ajuda financeira de particulares e do poder público." (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 188).

Porém, outro fator de grande importância através da permanência de Eufrosino de Oliveira na cidade araguarina foi a sua influência enquanto homem provedor de benfeitorias - respeitado nesta cidade - e com um posicionamento político que vislumbrava o progresso, tanto de Araguari quanto da Pátria brasileira. Aliado a ele, muitos outros homens de renome na urbe, seja político, cultural ou financeiramente, costumavam reunir-se a fim de discutir os rumos políticos locais e nacionais, atuantes nas mais variadas vertentes. Por portarem de um espírito progressista e serem a favor dos ideais pregados por Juscelino Kubitschek, tais homens eram designados como "juscelinistas".

Dentre estes homens, pode-se citar também a figura do Dr. João Nascimento de Godoy, nascido "em Araguay a 08 de agosto de 1911, era filho do Cel. Belchior de Godoy, pessoa de grande influência política e econômica na cidade de Araguay. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 417). João Nascimento foi advogado, escritor, professor, atuou como promotor, Deputado Estadual, além de diretor e redator do jornal Gazeta do Triângulo. A sua residência, famosa pelos encontros de "juscelinistas", atualmente é tombada pelo Decreto nº 013 de abril de 1998. Em depoimento ao Arquivo Público Municipal, o seu filho, Belchior de Godoy Neto relatou lembranças:

No ano de 1953, o imóvel passou a pertencer a meu pai. Ele mantinha um amplo e importante círculo de amizade que frequentavam nossa residência, como Celso Agrícola Barbi, autor de várias obras jurídicas publicadas; Eufrosino De Oliveira, tio de Juscelino Kubitschek; e outros. (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 419)

A historiadora Aparecida G.C. Vieira ainda dissertou sobre as vindas de Juscelino Kubitschek à Araguari. A mesma reporta que Juscelino fazia visitas periódicas a seu tio Eufrosino de Oliveira, desde a época em que o político foi eleito como deputado federal e posteriormente a governador e presidente da república. No Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto há fotografias que registraram alguns destes momentos os quais Juscelino Kubitschek visitou a cidade araguarina. Dessa maneira, o pensamento de Juscelino Kubitschek influenciou de sobremaneira nos princípios políticos dos homens engajados de Araguari, que acolheram tais preceitos e contribuíram para a difusão de uma mentalidade progressista que se refletiu em diversos ramos da sociedade da urbe.

Fotografia 17 - Sra. Ermínia Acioli Santos, Mário Nunes, Juscelino Kubitschek, Mário Nasciutti, Antônio Veloso Araújo e Benedito Valadares, em Araguari-MG.
Década de 1950.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto

É neste contexto que a figura de Geraldo Vieira mais uma vez entrou em voga. Radicado na cidade deste a década de 30, o fotógrafo se tornou uma figura pública detentora de um carisma para com a sociedade araguarina, diante de seu trabalho e talento

profissional. Nesta cidade fez inúmeras amizades, laços que o levaram a atuar em ramos diferenciados. Nunca foi um político, apesar de que agiu como uma figura ativa em prol das necessidades da população em geral, juntamente aos seus amigos "juscelinistas".

[...] participou de incontáveis acontecimentos de várias naturezas, tudo registrado com sua habilidade de fotógrafo.[...] Participou da memorável campanha pela mudança do trajeto da BR-050, aproximando-a de Araguari. Foi precursor da televisão, e, mesmo na obscuridade, tornou parte ativa em importantes acontecimentos políticos em Araguari. (Gazeta do Triângulo, 12 nov. 1983, ano XLVI, nº 5126 apud PEIXOTO;VIEIRA, 2013, p. 584)

Nos relatos de seu filho Bruno Vieira, discorre sobre a importância de seu pai a fim de implantar um conservatório de música na cidade de Araguari. Músico, com aptidões herdadas de seu pai Honorato, Geraldo Vieira sempre foi um apreciador de tal arte, que também foi perpetuada na criação de seus filhos. Sua filha Maria Célia Vieira, pianista e Mestre em Educação Musical pela *Eastman School of Music - University of Rochester*, dos Estados Unidos, iniciou os seus estudos do instrumento no conservatório de Ituiutaba. Para Geraldo, era insensato que uma cidade do porte e importância de Araguari não dispusesse de um conservatório. Dessa forma, o fotógrafo foi atrás de todos os trâmites legais a fim de conseguir tal feito. Foi à Belo Horizonte a fim de falar com pessoas responsáveis e chegou a entregar todos os papéis burocráticos as mãos dos políticos de Araguari para que sancionassem o empreendimento. Geraldo tanto fez, que conseguiu. Hoje Araguari é dotada do Conservatório de Música Raul Belém. Nomeação indiscutivelmente injusta, pois se hoje a cidade dispõe de tal escola, foi também graças ao incansável esforço de Geraldo Vieira.

Sobre a imagem televisiva, sua esposa Célia de Souza Vieira relatou que Geraldo Vieira foi o 3º morador de Araguari a adquirir um aparelho televisivo, para a alegria de seus filhos. De acordo com Peixoto e Vieira (2013) "No município de Araguari, segundo consta-se, o primeiro aparelho chegou nos anos de 1960 pelas mãos de Zoroastro Moreira." (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 233).

A campanha de aproximação da BR-050 a Araguari também foi um feito com grande participação de Geraldo Vieira, que na época novamente se dirigiu à capital mineira como também acompanhou as obras de execução, exercidas pela empresa Paviterra Terraplenagem, também oriunda de Belo Horizonte, segundo depoimentos de seu filho Bruno Vieira.

Outro dado importante foi a participação do fotógrafo em grupos de liderança em prol do melhoramento constante da cidade, por ter tido uma visão progressista e sempre estar a par dos principais acontecimentos do país. Manteve ligação com a imprensa araguarina, sendo repórter fotográfico para o jornal Gazeta do Triângulo.

Assim, nota-se o espírito progressista de um homem que foi além do seu tempo, em prol de benfeitorias que atendessem à grande parte da população de Araguari e região. Pode-se afirmar, diante de todos esses fatos citados, que Geraldo Vieira, enquanto "juscelinista", gozou do uso da fotografia não só para fins fotojornalísticos. Ainda fez o uso deste meio de expressão para difundir e apoiar a ânsia progressista que pairava no país, vislumbrada na idealização e construção da cidade de Brasília. Isto, perante o prestígio e legitimidade que o profissional desfrutava em função de sua popularidade, amizade e profissionalismo em Araguari-MG, evidenciado nas exposições fotográficas que realizava em suas dependências.

Conclui-se então que além do papel de fotógrafo, a figura de Geraldo Vieira também pôde se fazer presente enquanto um agente social formador de opinião, homem engajado, que lutou por melhorias em Araguari e através de suas fotografias, colaborou para a recepção da arquitetura moderna nesta cidade, como também na incorporação das formas arquitetônicas brasilienses que foram reproduzidas em arquiteturas populares como ícone de uma vontade de modernidade nacional, disseminadas através de suas imagens que relataram tais formas.

Incontestavelmente, a cidade araguarina o acolheu numa época muito próspera, da qual o fotógrafo soube aproveitar e diante de seu exímio trabalho, prosperar durante todo o tempo no qual permaneceu na urbe. A história de Araguari, documentada continuamente a cada passo de Geraldo Vieira foi interrompida no momento em que o fotógrafo parou de registrar suas imagens. "A vida cotidiana de Araguari era registrada a cada imagem. Em todos os lugares, mesmo quando não contratado, Geraldo empunhava seu ofício de trabalho e eternizava imagens" (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 585). Situava sua câmera, sempre preocupado com o contexto da cena, descobria o melhores ângulos e olhares, enfim, foi diante dos olhos deste fotógrafo que na atualidade pesquisadores e historiadores também puderam fazer leituras comparativas de suas imagens com o cenário vigente. Isto só foi possível porque o fotógrafo possuía um senso de que a fotografia não era somente um mero instrumento ilustrativo e instantâneo, ela era, além disso "um

documento, uma matéria-prima fundamental na produção de conhecimentos sobre determinados períodos da história, acontecimentos e grupos sociais."¹² A história do Foto Geraldo se confunde com a história de Araguari, retratada em cada imagem, acompanhadas da evolução da fotografia e dos recursos utilizados pela mesma.

Apesar de todas as benfeitorias que Geraldo Vieira proporcionou para Araguari, não obteve o reconhecimento merecido durante sua vida, afirma seu filho Bruno Vieira. Enquanto vários políticos ou pessoas cujos atos não chegaram nem perto comparados aos do fotógrafo, foram agraciadas com o título de cidadão honorário da cidade. O profissional mudou-se para Goiânia com uma mágoa relacionada às entidades que nunca o reconheceram como um cidadão araguarino. Por outro lado, ainda que não tenha tido o verdadeiro reconhecimento em vida, seu acervo fotográfico é reconhecido como de total relevância para a historiografia local: patrimônio histórico do município que revela as memórias de Araguari por mais de 50 décadas.

Fotografia 18 - Vista aérea em Araguari-MG.
década de 1950.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

¹² Referência ao trecho retirado "Como Tratar Coleções de Fotografias. Arquivo do Estado. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo", citado por Peixoto e Vieira, 2013, p. 587.

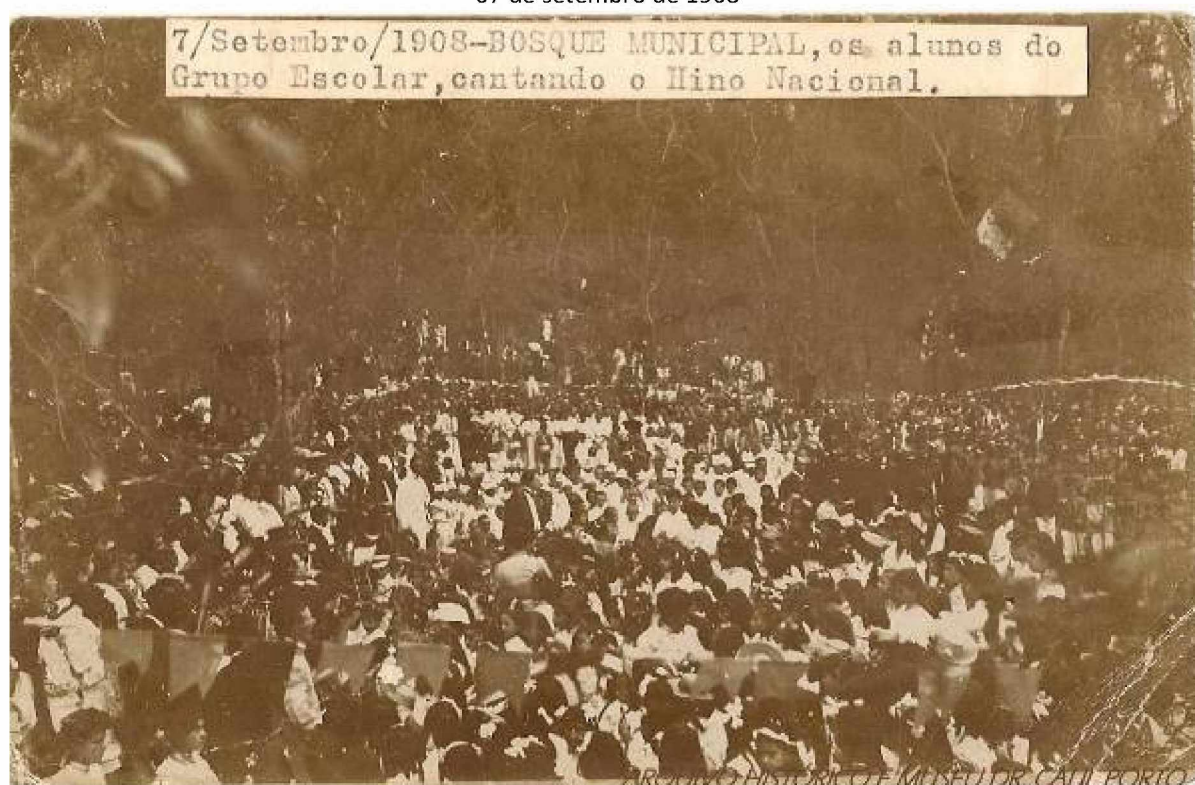
[...]a documentação iconográfica é uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado; trata-se, porém, de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar. É necessário que se compreenda o papel cultural da fotografia: o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. (KOSSOY, 2007, p. 31)

A importância documental da fotografia reside igualmente na sua possibilidade enquanto um instrumento de conhecimento, análise e reflexão de uma dada época, de um dado local. Se nos tempos atuais, pesquisadores, historiadores, arquivistas e demais pessoas do ramo da atividade epistemológica possuem artefatos suficientes para relatar as transformações de uma época - vinculadas à temáticas diversas - muito se deve à fotografia.

"A perpetuação da memória é, de uma forma geral, o denominador comum das imagens fotográficas: o espaço recortado, fragmentado, o tempo paralisado; uma fatia de vida (re)tirada de seu constante fluir e cristalizada em forma de imagem." (KOSSOY, 2007, p. 133).

Por pesquisas efetuadas no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, foi constatada a presença de retratos fotográficos sobre papel na cidade araguarina a partir dos anos de 1908. Tais imagens retrataram a vida pacata típica das cidades do interior, no início do século XX, onde se predominavam a tomada de paisagens urbanas e rurais, festejos, como também fotos de pessoas em grupo ou individuais. Nas leituras das imagens, pode-se perceber o núcleo fundacional da cidade, demarcado pela presença da Igreja Bom Senhor Jesus da Cana Verde, popularmente chamada de Igreja da Matriz e seu adro, o "Largo da Matriz", como era de costume a criação de tais espaços à frente das igrejas, levando em consideração o modelo de urbanização das vilas do Triângulo Mineiro. O largo foi considerado a primeira praça do município, porém não obteve o êxito e importância que outras praças da urbe alcançaram. Ademais, também é percebido a tipologia das primeiras construções que se formaram no entorno deste núcleo fundacional: edificações em estilo colonial e eclético, a depender da importância e do fator econômico do benfeitor.

Fotografia 18 - Bosque Municipal em evento cívico, com alunos do Grupo Escolar cantando o Hino Nacional, em Araguari-MG.
07 de setembro de 1908



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto

Fotografia 19 - A primeira construção da Igreja da Matriz, em Araguari-MG.
Década de 1910.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto

A fotografia se mostrou um meio de pesquisa de grande importância no entendimento das transformações ocorridas em Araguari, principalmente no que tange às questões urbanas e arquitetônicas. A linguagem de imagens é um fator preponderante na constituição de uma historiografia, acompanhada do cruzamento de outros tipos de fontes e informações. Não obstante, deve-se levar em consideração que a fotografia, como outras fontes historiográficas, não são apenas um testemunho isolado ou também a representação fiel dos acontecimentos. Porém, é um meio de confirmação de mudanças no decorrer dos tempos.

De acordo com Kossoy (2001),

Ao examinar uma fotografia original, encontrada de forma avulsa ou como parte de um álbum, ou relatório, por exemplo, deve-se procurar o nome do autor, o qual pode estar inscrito na foto sob forma manuscrita, impressa, carimbada, em alto-relevo etc. (KOSSOY, 2001, p. 84)

Ao fazer a análise deste quesito nas fotografias digitalizadas do decênio de 1910, percebeu-se que não há indícios de assinaturas de fotógrafos. Porém, naquela época, notou-se a presença de cartões-postais. Peixoto e Viera (2013) disponibilizaram algumas imagens no livro em questão, no qual citam "*Bilhete Postal Estados Unidos do Brasil. Unión Postale Universelle*"¹³, como também outros postais sem a referência de autoria. Um fotógrafo é citado na legenda de uma foto pertencente ao acervo particular de Maria Ferreira Alves: 'Orlando Garcia Photographo'.

Na década de 1920 observou-se a identificação, através da assinatura, de um fotógrafo que também foi muito atuante em Araguari: 'Antônio Gebhardt'. Crê-se que a *Fotografica Gebhardt* seja o estúdio de fotografias mais antigo a se instalar na cidade de Araguari.

Ainda nesta década, já nota-se a presença de mais três fotógrafos: 'Foto Cardoso', 'Taufik Kad Phot' e 'Photo Radio', como também a presença do 'Cartão Postal - Edição Carvalho Filho & Co'. Na década de 30, acrescidos a estes, 'Foto Cariolato' e 'Foto

¹³ A *Unión Postale Universelle* [União Postal Universal (UPU)] é uma organização internacional, constituída de 192 países membros, e tem como missão a coordenação entre os serviços postais destes países. Foi fundada em 1874 na cidade de Berna, na Suíça; a segunda organização internacional mais antiga do mundo. UNIVERSAL POSTAL UNION. The UPU. Disponível em: < <http://www.upu.int/en.html> >. Acesso em: 27 de maio 2016.

Geraldo'. E na década de 50 foi verificada a presença de um outro cartão-postal, o 'Foto Postal Colombo'.

É interessante observar esta presença de cartões-postais no começo do século XX, que abarcou desde os grandes centros até às pequenas cidades do interior. Os cartões-postais foram instrumentos propagandísticos a nível nacional e mundial; uma forma de registrar as transformações urbanísticas e arquitetônicas de diferentes localidades. De acordo com Fujioka e Machado (2010),

Os cartões postais adquiriram interesse renovado ao tornar-se item de colecionador, preponderantemente a partir da década de 1950, mais uma vez na França. (...) Certamente a Arquitetura, o Urbanismo e a vida urbana registrada nos cartões postais tornam-se objeto de uma nova vertente de estudo, na medida em os enfoques dos produtores de cartões postais transcendiam os até então utilizados pelos fotógrafos que registravam esses campos do conhecimento nos livros. (FUJIOKA; MACHADO, 2010, p. 58-59)

Percebe-se que até o momento no qual a cidade passa a dotar de profissionais fixos especializados em fotografar, muitos foram os fotógrafos itinerantes que por lá passaram e deixaram registros de seus trabalhos. Sobre o 'Foto Postal Colombo', é sabido que este postal possuiu um renome em diversas localidades brasileiras, principalmente nas capitais. Fujioka e Machado (2010) explanam a respeito desta temática relacionada à cidade de Brasília, e no decorrer do texto há imagens significativas que mostram a evolução da construção da capital brasileira. Dentre estas, muitas do 'Foto Postal Colombo'.

Daltozo (2006) disserta também a respeito do Foto Postal Colombo: "As legendas eram escritas com tinta nanquim diretamente sobre os negativos, com letras ao contrário para que saíssem corretamente nas produções. Fotografou centenas de cidades brasileiras." (DALTOZO, 2006, p. 137).

A década de 1930, então, encerrou uma frequente itinerância de fotógrafos para dar início a era dos profissionais com estúdios permanentes em Araguari.

O jornal Gazeta do Triângulo, em 1983, publicou uma reportagem intitulada "Fotógrafos de Araguari: Homenagem aos mais antigos". Devido ao aniversário desta cidade, ocorrido em 28 de agosto, aconteceram várias comemorações festivas, dentre elas um concurso de fotografias para amadores e a entrega de placas aos mais antigos fotógrafos desta urbe, homenageados através de uma solenidade como também pela exposição de

suas fotografias. Dessa forma, em 12 de novembro deste mesmo ano o jornal Gazeta do Triângulo, ao publicar a reportagem acima citada, trouxe em resumo um pouco da história dos três fotógrafos mais importantes e mais antigos de Araguari: Antônio Gebhardt, Geraldo Vieira e Jorge da Costa Neto.

Antônio Gebhardt, alemão oriundo do Estado da Baviera, nasceu em 15 de março de 1895. Lutou na 1ª Guerra Mundial e findada a guerra, veio para o Brasil passando pela cidade de São Paulo, onde casou-se e logo depois, em meados de 1920, instalou-se de vez na cidade de Araguari. Nesta, fundou seu estúdio fotográfico como também registrou muitos fatos importantes.

A fundação do Colégio Regina Pacis, a chegada do primeiro avião, as comemorações do Dia da Cidade, a instalação do telefone automático e tantos outros fatos estão perenizados nas fotos de Antônio Gebhardt, nosso querido alemão. Nosso homenageado caracteriza-se por existência voltada para o trabalho, para o amor à terra que o abrigou durante mais de meio século para a formação da família. (Gazeta do Triângulo, 12 nov. 1983, ano XLVI, nº 5126).

Fotografia 20 - Uma das primeiras bandas de Araguari-MG.
Década de 1920.



Fotografia 21 - Anhanguera, o primeiro avião que aterrissou em Araguari-MG.
Ano de 1926.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Antônio Gebhardt

Já em relação a Jorge da Costa Neto, nascido em Grupiara (antigo município de Estrela do sul - MG) em 30 de maio de 1915, mudou-se para Araguari em 1944. Permaneceu por 23 anos nesta cidade até se transferir para Uberlândia-MG. Relata-se que foi no distrito de Chapada (sub-distrito de Santo Antônio do Leite, Ouro Preto-MG) que deu início à sua profissão de fotógrafo, tendo como mestre Orlando Garcia. De acordo com a leitura de imagens da década de 1910, há uma imagem com a legenda deste fotógrafo em questão. Percebe-se assim que Orlando Garcia deveria fazer visitas periódicas à cidade de Araguari a fins de trabalho.

O jornal, dando sequência à biografia dos fotógrafos, conta em seguida um pouco da vida de Geraldo Viera, o fotógrafo produtor do objeto de estudo desta pesquisa.

Geraldo Vieira. Homenageado por ocasião do aniversário de Araguari, como um dos mais antigos fotógrafos da região. Espírito progressista, dedicado ao trabalho e a formação do lar, através de sua máquina perenizou muitos acontecimentos que pertencem à história da cidade e das famílias. (Gazeta do Triângulo, 12 nov. 1983, ano XLVI, nº 5126).

Em 1935 o fotógrafo Geraldo Vieira dirigiu-se à cidade de Grupiara para trabalhar e assim conheceu Jorge C. Neto. Desde então os fotógrafos ficaram amigos. Nesta época Jorge C. Neto interessou-se em aprimorar suas técnicas e seguir carreira profissional. Dessa maneira, conduziu-se à Estrela do Sul, na residência de Geraldo Vieira a fim de obter os conhecimentos necessários com Honorato Vieira, pai de Geraldo Vieira. Durante uma semana pôde adquirir tais noções a fim de dedicar-se à arte fotográfica. Em 1936 encontrou-se em Monte Carmelo-MG à trabalho. Em 1941 mudou-se para Patrocínio-MG e lá instalou o Estúdio Fotográfico J. Neto. Decorrido 1 ano, o fotógrafo mudou-se para Patos de Minas - MG e em seguida, passados 2 anos, enfim para Araguari -MG. "Na busca da perfeição, desenvolveu sua arte de maneira gloriosa, deixando em nossa história da fotografia a presença marcante de seu nome."(Gazeta do Triângulo, 12 nov. 1983, ano XLVI, nº 5126).

Muitos foram os profissionais da fotografia que passaram por Araguari. Alguns a fizeram de sua morada, construindo carreiras sólidas, renome, como também contribuindo na perpetuação de sua história. Deixaram um legado cuja importância se revela a cada lembrança que a imagem permite resgatar, assim como na organização de uma trama que pondera o estudo das transformações históricas tendo a fotografia como uma aliada para este fim.

Num breve e inicial panorama, aqui resgatado através da identificação de alguns autores de fotografias desde a década de 1910 até 1950 na cidade araguarina, observa-se que tal registro vinculou-se de algumas maneiras: registro de acontecimentos festivos, políticos, cívicos, inaugurações, dentre outros; registro de paisagens e transformações urbanas; registro de arquiteturas da época como também acompanhamento de obras na cidade; fotografias aéreas; de objetos que se remetiam à nova era industrial (a exemplo dos carros, telefonia entre outros); de pessoas, individualmente e/ou em grupos, fotos de família. Enfim, uma estética voltada ao documental. As transformações na cidade, na sociedade e no mundo acompanharam as transformações e inovações das técnicas e maquinários do meio fotográfico. Foram histórias que se construíram paulatinamente.

Na década de 1950 percebe-se a presença dos três mais importantes fotógrafos da cidade de Araguari: Antônio Gebhardt, Geraldo Vieira e Jorge da Costa Neto. Todos, com estúdios então consolidados e afamados pela sociedade, o que levou à não mais precisão de itinerância de profissionais deste ramo, que por conseguinte perderam a importância que no início do século XX representaram para esta cidade. Estes três fotógrafos construíram uma

amizade entre si, pois perceberam a importância da cooperação dos serviços prestados na urbe como também tinham consciência de que havia espaço para que todos pudessem trabalhar.

Sabe-se que nesta época os fotoclubes nas cidades já se faziam presentes, principalmente nas capitais - centros urbanos mais desenvolvidos - a partir da década de 1930. Na década de 1950 outras tendências na fotografia foram incorporadas, novas tecnologias, o papel social do fotógrafo. A realidade de Araguari, cidade interiorana, ainda se galgava numa estética documental. A intenção era documentar os fatos ou pessoas, em contrapartida à linha que vai ao encontro da fotografia como uma atividade apenas artística, desenvolvida por pessoas que possuíam uma condição financeira privilegiada. A fotografia era uma profissão, fonte de renda para supressão de gastos familiares, em relação a estes três fotógrafos em especial. (pois foram os profissionais que permaneceram em voga e detinham da confiabilidade da sociedade araguarina). Porém um adendo quanto à fotografia artística deve ser feito: as fotografias de estúdio. Nestas sim, os fotógrafos dedicavam-se à utilização de certas técnicas e referências da fotografia pictorialista. Assim, nesta época não havia organizações e fotoclubes na cidade.

Diferentemente de Antônio Gebhardt e Jorge C. Neto, Geraldo Vieira conseguiu um maior destaque em Araguari devido ao seu espírito progressista e trabalhos voltados ao fotojornalismo. Talvez possa-se afirmar que nessa época - condizente com a construção de Brasília-DF - foi que o espírito fotojornalístico marcou profundamente a trajetória do fotógrafo, pois juntamente com o jornal Gazeta do Triângulo, Geraldo Vieira foi um dos responsáveis em documentar a epopeia brasiliense. Foi o fotógrafo oficial comissionado para fazer a cobertura da nova capital, tendo seu trabalho exposto em algumas reportagens que o jornal elaborava sobre Brasília - desde sua construção até sua inauguração. Tal feito foi motivo de exposição fotográfica realizada em seu estúdio, fato que incitou os olhares da população local a perceber a nova arquitetura que nascia em Brasília.

E assim foi que Geraldo Vieira marcou época na sociedade araguarina, tanto como um historiador nato, com consciência em registrar diferentes momentos da evolução urbano-social-econômica da urbe enquanto um fotojornalista; no exercer da profissão em seu estúdio fotográfico eternizando pessoas de maneira individual bem como em eventos sociais diversos; e ainda em detrimento de seu engajamento na luta constante pelo desenvolvimento de Araguari.





CAPÍTULO 2

BRASÍLIA E O ACERVO INÉDITO DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 23 - Estradas que chegam e levam à Brasília. Kombi 1957 pertencente à Geraldo Vieira.
1958.

Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: Geraldo Vieira

2.1 | JORNALISMO, FOTOGRAFIA E A POLITIZAÇÃO DO OLHAR¹⁴

O nacional é construído de forma a se moldar com a ideologia do momento. É a ideologia que irá sepultar certos fatos ou recuperar outros, valorizando-os como expressão verdadeira da nacionalidade. A fotografia sempre esteve - e sempre estará - à disposição das ideologias, prestando-se aos mais diferentes usos. (KOSSOY, 2009, p.106)

A par de uma história da fotografia nacional, pode-se acrescentar ainda uma outra em particular: a história da fotografia brasileira. As captações imagéticas de seu cerne que por tantos quilômetros percorreu, influenciou, enalteceu e deixou as marcas de um modernismo genuinamente brasileiro. Este, influenciado pelas teorias estrangeiras, porém elaborado por arquitetos e urbanistas nativos, igualmente erigido pela humilde população de diversas regiões do país, cujos sonhos particulares ali também foram depositados.

A ideia de progresso se volta para um pensamento legítimo de novidade: a inauguração de uma nova história, pautada pela arquitetura e urbanismo inovadores, voltados a um novo homem em sociedade, em um novo lugar: no planalto central brasileiro. Muitos foram os que apoiaram a construção da nova capital brasileira, pois, com este fato consumado, dentre outros, as esperanças desenvolvimentistas para as regiões afastadas dos principais eixos do país poderiam se tornar realidade. O progresso chegaria até a hinterlândia brasileira. E a fotografia soube ser uma grande aliada nesta difusão.

¹⁴ O termo "politização do olhar" foi visualizado em parte de um subtítulo de um artigo de MAUAD (2013) e aqui adotado por empréstimo, já que percebeu-se a concatenação do mesmo com o conteúdo a ser escrito neste tópico do trabalho.

Para a cidade de Araguari não foi diferente. Cidade ávida pelo progresso: seja pela população nativa - através de cobranças relacionadas à melhorias na infraestrutura; seja pelos seus políticos - a fim de inovar com ideias "modernizantes"; seja pelos seus intelectuais, jornalistas e homens influentes da sociedade - por transformarem o ato de pensar em discursos, textos e imagens que iriam influenciar o pensamento de toda a urbe.

Conforme Peixoto e Vieira (2013), em relação ao contexto jornalístico a presença da imprensa instaurou-se em Araguari na década de 1890, após a fundação do primeiro jornal da cidade, em 21 de abril de 1894, por Tertuliano Goulart: o "Araguary". Ainda, "posteriormente outros periódicos foram instituídos, abrindo espaço para publicações de instituições, jornais diversos e revistas." (PEIXOTO; VIEIRA, 2013, p. 176). Mas foi em 1937 o ano de fundação de um jornal araguarino que iria tratar do passo a passo da epopeia brasiliense: jornal Gazeta do Triângulo¹⁵.

A alvorada de 7 de março de 1937, jamais será esquecida pela imprensa escrita de Araguari: nasceu o jornal Gazeta do Triângulo, através do espírito altaneiro e progressista de um grupo seletivo de valores intelectuais dessa cidade, cujo propósito era espalhar por toda a região os significativos sinais da nossa evolução bem como as mais prementes necessidades do povo do Triângulo Mineiro e Sul de Goiás. A primeira etapa estava vencida, com muito sacrifício e muita luta, movida tão somente pelo idealismo e pelo desejo ardente de servir ao povo desta terra. (GAZETA DO TRIÂNGULO, 2014)

Através das publicações periódicas do jornal Gazeta do Triângulo, a população de Araguari e região ficava a par dos acontecimentos locais e nacionais. Em relação à Brasília, o recorte aqui estudado, em 22 de maio de 1955 já se noticiara sobre a escolha da área para a construção da futura capital:

Depois de trabalhosos e acurados estudos, a Comissão de localização da Nova Capital da República escolheu a área onde deverá ser construída a nova sede do governo brasileiro, obedecendo todas as exigências estabelecidas pelo Congresso Nacional.

¹⁵ Sobre a fundação do jornal Gazeta do Triângulo: "Inicialmente, com seu fundador, Bolívar Bittencourt, que juntamente com uma equipe de entusiasmados e dedicados cidadãos da sociedade local, entre eles, seu primeiro diretor João Alamy Filho e Odilon Paes de Almeida, redator e secretário, na manhã daquele histórico 7 de março de 1937, fez chegar ao conhecimento do público leitor o primeiro exemplar do jornal Gazeta do Triângulo rodado na pequena e improvisada gráfica instalada em sua própria residência, situada à rua Rui Barbosa, 30." (GAZETA DO TRIÂNGULO. **Sobre o Gazeta do Triângulo**. Disponível em: <<http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/sobre-gazeta-do-triangulo/>>. Acesso em: 29 de maio 2016.)

A nova área está situada a sudoeste da cidade de Planaltina, medindo 5.800 quilômetros quadrados. Todos os aspectos técnicos para a construção de uma cidade moderna foram devidamente estudados.

Escolhido o local, serão agora iniciados os estudos complementares, através de uma comissão de arquitetos e urbanistas, estudos esses definitivos sobre a área escolhida, examinando-se os problemas de comunicações, eletricidade, água, esgoto, produção agropecuária etc. (Gazeta do Triângulo, 22 maio 1955, ano XIX, nº 1.079).

Na década de 50, o grupo que regia o Jornal Gazeta do Triângulo permaneceu unido pelo 'espírito altaneiro e progressista' como também 'seleto de valores intelectuais'. Dessa forma, iriam se juntar a outras pessoas da cidade araguarina: cidadãos abastados da sociedade, provedores, políticos, profissionais liberais, dentre outros a fim de discutir e disseminar opiniões a respeito de assuntos comuns a todos, principalmente voltados à melhorias para a cidade de Araguari e em especial na década de 1950, na defesa do projeto e construção de Brasília. Este último assunto, cujo tema será destaque em diversos momentos no período de 1957-1960, foi defendido fortemente pelos colaboradores do jornal Gazeta do Triângulo.

Fotografia 24 - Reunião de autoridades: Dr. João Nascimento de Godoy, Veloso Júnior (repórter de rádio), Padre Nilo Tabuquini, Dr. João Alamy Filho, João Domingos, Hélio Vaz, Cel. Belisário, Dr. Eduardo Rodrigues da Cunha.

Década de 1950.



Fonte: PEIXOTO e VIEIRA, 2013, p. 423.

Se até então, anteriormente à década de 1950, vigoravam juntamente aos textos dos jornais de Araguari pouquíssimas imagens, geralmente voltadas ao caricaturismo, nesta década a imagem será de grande importância para contextualizar e convencer os leitores sobre os posicionamentos - políticos ou não - contidos em tais periódicos.

De acordo com Costa e Silva (2004),

A consolidação de um fotojornalismo modernizado e atuante nas revistas ilustradas colocou novos questionamentos para a prática fotográfica como um todo, ditando novos padrões. Os padrões do fotojornalismo passam a ser aceitos genericamente como norteadores da experiência fotográfica. (COSTA; SILVA, 2004, p. 65)

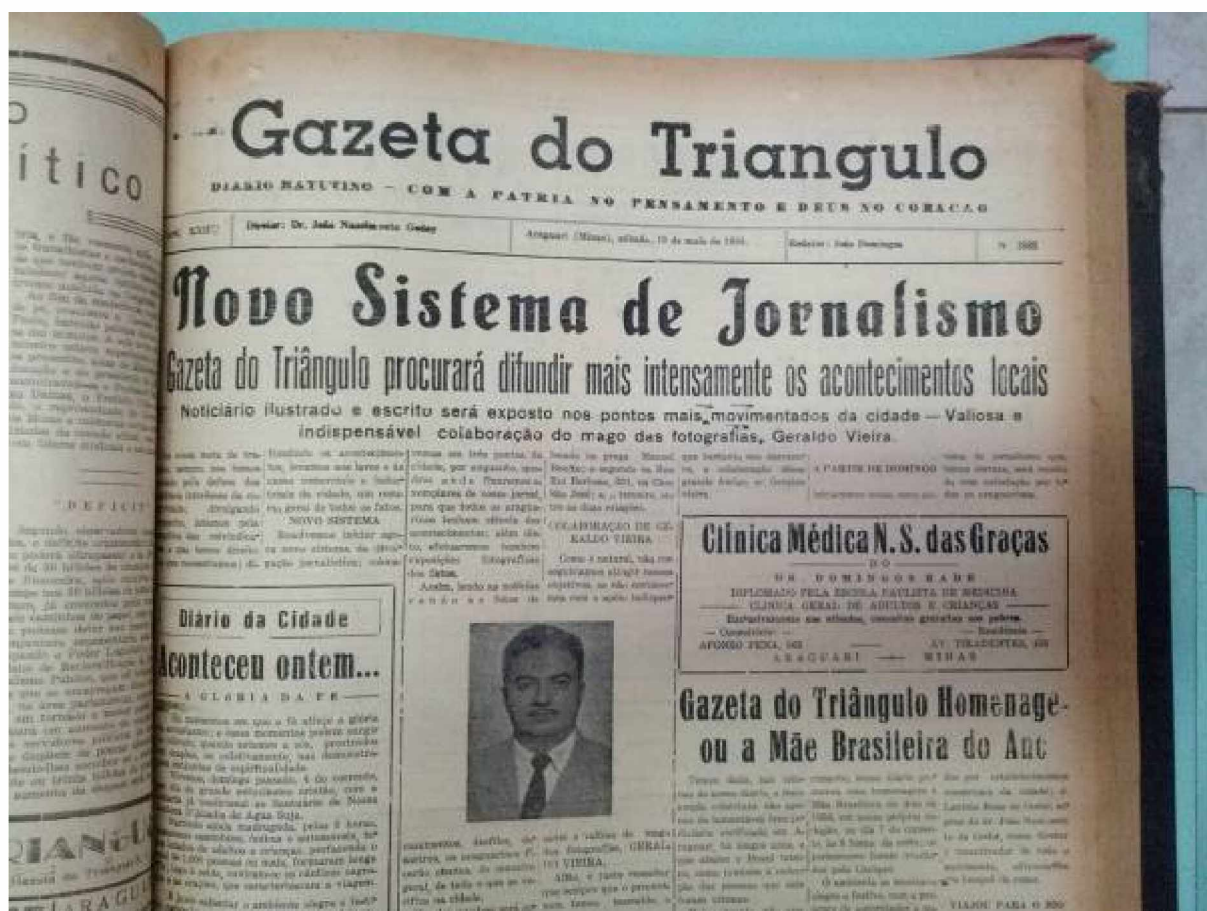
Os autores ainda dissertam que o fotojornalismo em nosso país obteve um desenvolvimento semelhante ao ocorrido na Europa e Estados Unidos, todavia, com o acréscimo das especificidades culturais que aqui se mantinham. Se no início a fotografia possuía a serventia de mera ilustração, a fim de documentar um texto e torná-lo mais agradável, posteriormente passou a criar acontecimentos, numa disputa entre texto e imagem.

Primeiro são colunas densas, feitas de palavras, só. Depois começaram a aparecer timidamente rostos, retratos. Até que a fotografia se apossa das páginas de imprensa: foto-chamada, informação sintética, notícia, que se abre no visual, quase palpável. E o leitor, de informado apenas torna-se - ou pelo menos tem a impressão - participante. (BRILL, 1987 apud COSTA; SILVA, 2004, p. 103)

Em reportagem de 10 de maio de 1958, o jornal araguarino Gazeta do Triângulo trouxe em sua chamada principal: "Novo Sistema de Jornalismo. Gazeta do Triângulo procurará difundir mais intensamente os acontecimentos locais. Noticiário ilustrado e escrito será exposto nos pontos mais movimentados da cidade - Valiosa e indispensável colaboração do mago das fotografias, Geraldo Vieira."

Nesta edição, deixa-se claro os novos rumos que o jornal pretendeu seguir. Vê-se em tal mudança uma maneira de "modernizar" suas chamadas e alcançar um público maior, como também aproximar-se dos veículos de comunicação dos principais eixos do Brasil: São Paulo e Rio de Janeiro, ademais, a capital mineira Belo Horizonte, a qual foi um referencial.

Fotografia 25 - Jornal Gazeta do Triângulo, com reportagem anunciando um novo sistema de jornalismo, em 1958. Na foto, o fotógrafo Geraldo Vieira em destaque. Ano de 1958.



Fonte: NOVO sistema de jornalismo. Gazeta do Triângulo procurará difundir mais intensamente os acontecimentos locais. **Gazeta do Triângulo**, Araguari, 10 de maio 1958. Página principal, p.1.

Acesso: 30/10/2014. Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto.

Foto: Larissa Ribeiro Cunha

Costa e Silva (2004) reportam sobre a mudança do estatuto social do fotógrafo de reportagem, com a idealização da revista "*O Cruzeiro*" na década de 1940, cuja diminuição das vendas ocorreu na metade da década de 50, dando espaço para a revista "*Manchete*", a

revista que se fez veículo da ideologia do desenvolvimentismo do Brasil. A *Manchete* exaltou em suas páginas o governo Juscelino Kubitschek, acompanhando sistematicamente suas realizações e de modo particular a construção de Brasília. (COSTA; SILVA, 2004, p. 105-106)

O mesmo pôde ser visto nas reportagens e colunas especiais publicadas no *Gazeta do Triângulo*. Nesta época, Dr. João Nascimento de Godoy foi diretor e redator do

jornal, além do que foi quem trouxe para Araguari a primeira máquina de imprimir jornais: uma *linotipo*. (PEIXOTO e VIEIRA, 2013, p. 418).

Fotografia 26 - Chegada de uma máquina Linotipo na sede do jornal Gazeta do Triângulo.
Ano de 1956.



Fonte: GAZETA DO TRIÂNGULO. **Sobre o Gazeta do Triângulo**. Disponível em:
<<http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/sobre-gazeta-do-triangulo/>>. Acesso em: 29 de maio 2016.

Se a fotografia alcançara um status de importância nos grandes meios de veiculação da informação, Araguari, como uma cidade progressista, não poderia ficar para trás. A figura de Geraldo Vieira foi fundamental para que este novo estilo de se noticiar - através da apresentação constante de imagens - se fizesse presente no jornal Gazeta do Triângulo, como visto na Fotografia 25. Nela, podemos observar:

NOVO SISTEMA. Resolvemos iniciar agora novo sistema de divulgação jornalística, colocaremos em três pontos da cidade, por enquanto, quadros onde fixaremos exemplares de nosso jornal, para que todos os araguarinos tenham ciência dos acontecimentos, além disto, efetuaremos também exposições fotográficas dos fatos. Assim, lendo as notícias, vendo as fotos de casamentos, desfiles, desastres, os araguarinos ficarão cientes, de maneira geral, de tudo o que se verifica na cidade. Um dos quadros será colocado na praça Manoel Bonito; o segundo na Rua Rui Barbosa, 231, na Casa São José; e o terceiro, entre as duas estações.

COLABORAÇÃO DE GERALDO VIEIRA. Como é natural, não conseguiríamos atingir nossos objetivos, se não contássemos com o apoio indispensável e valioso do mago das fotografias, GERALDO VIEIRA. Aliás, é justo ressaltar que sempre que o procuramos, temos merecido, o que bastante nos desvanece, a colaboração desse grande Amigo, Sr. Geraldo Vieira. A PARTIR DE DOMINGO iniciaremos nosso novo sistema de jornalismo que, temos certeza, será recebido com satisfação por todos os araguarinos. (Gazeta do Triângulo, 10 maio 1958, ano XXII, nº 1692).

Uma aliança de pensamentos recíprocos entre o jornal e o fotógrafo - além de outros indivíduos de importância na sociedade Araguarina; lideranças políticas - fez com que um projeto de defesa do progresso surgisse. Eis que uma campanha a favor da construção de Brasília nascia na cidade de Araguari: apoiada em textos entusiásticos dos colaboradores do Jornal Gazeta do Triângulo, em acompanhamentos constantes dos passos de Juscelino Kubitschek; nas reuniões e discussões de homens com pensamentos semelhantes; nas imagens captadas por Geraldo Vieira, como também nas exposições organizadas pelo fotógrafo. Os progressistas, como também "juscelinistas", iriam fazer parte de um momento histórico de grande importância para a nação brasileira.

Fotografia 27 - Desfile Militar na Praça Manoel Bonito.
Década de 1940.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 28 - Multidão no Aeroporto Santos Dumont à espera da imagem de Nossa Senhora de Fátima.
13 de setembro de 1954.



Fonte: Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto
Foto: Geraldo Vieira

Segundo Peixoto e Vieira (2013), na década de 1950 o fotógrafo já era bem afamado na cidade, com seu estúdio de fotografias consolidado, além da grande ligação com a imprensa araguarina e gosto pela política - ainda que nunca tenha sido um político. Ademais, por seu constante interesse em fotografar os eventos cívicos e acontecimentos gerais em Araguari. Todos estes fatores corroboraram para que Geraldo Vieira fosse o fotógrafo comissionado da equipe de jornalistas e intelectuais do jornal *Gazeta do Triângulo*, a fim de trabalhar na cobertura oficial sobre a construção da nova capital brasileira: Brasília, a cidade símbolo do desbravamento do interior brasileiro.

Nesta empreitada, esses personagens se lançaram em 7 expedições. A primeira - datada de 03 de maio de 1957 - concomitante com a 1ª missa de Brasília, cuja participação se deu em um número expressivo de araguarinos transportadas por uma aeronave Douglas DC-3 da companhia aérea Real Aerovias Brasil. No ano de 1958: em 29 de março, evento com o vice-presidente da rede da *Hilton International Corporation* - Sr. Willian Irving; após,

fotos entre maio e junho que documentam o processo construtivo de algumas edificações e no dia 30 de junho a inauguração do Palácio da Alvorada. Dessa vez o meio de transporte utilizado foi uma Volkswagen Kombi 1957, de propriedade do fotógrafo. Em 1959, em abril, para relatos das obras do Congresso Nacional e Ministérios. Por fim, em 1960, no dia 23 de fevereiro - marco da visita do então presidente dos EUA Dwight D. Eisenhower (1890-1969) à Brasília - contou novamente com a presença de alguns araguarinos. Já na sétima - datada de 21 de abril de 1960, no dia da inauguração da nova capital - Geraldo Vieira foi à Brasília acompanhado de alguns filhos e por lá encontrou outros familiares, notados através do registro das imagens.



2.1.1 | A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO: 3 DE MAIO DE 1957

Hoje é o dia de Santa Cruz. Dia em que Brasília, ontem apenas uma esperança e hoje entre todas a mais nova das filhas do Brasil, começa a erguer-se, integrada no espírito cristão, causa, princípio fundamento da nossa unidade nacional; dia em que Brasília se torna autenticamente brasileira. Porque desde as suas origens o Brasil existe com a presença de Cristo. Este é o dia do batismo do Brasil novo. É o dia da esperança, o dia da ressurreição da esperança. É o dia da cidade que nasce. Plantamos, com o Sacrifício da Santa Missa, uma semente espiritual neste sítio que é o coração da Pátria. Seja-me permitido formular uma ardente súplica, neste momento: que Nossa Senhora da Aparecida, a Padroeira do Brasil e Madrinha de Brasília, vele por esta cidade que surge, resguarde os que a vierem habitar, volva os olhos benignos para os homens públicos que daqui deverão dirigir esta Nação, a fim de que eles honrem os nossos maiores e sirvam condignamente as gerações futuras. Que Brasília se modele na conformidade dos altos desígnios do Eterno; que a Providência faça desta nossa terrestre um reflexo da cidade de Deus; que ela cresça sob o signo da Caridade, da Justiça e da Fé.¹⁶ (CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA. Arquidiocese de Brasília relembram a primeira missa da cidade. Disponível em:< <http://catedral.org.br/arquidiocese-de-brasilia-relembra-a-primeira-missa-da-cidade.html>>. Acesso em: 10 de junho 2016)

A primeira missa em Brasília marcou o início das expedições dos araguarinos. Se inicialmente, os "juscelinistas" transcreviam e criam num projeto de modernidade, neste momento eles puderam ver de fato como também registrar o tão aclamado progresso que a

¹⁶ Dizeres de Juscelino Kubitschek ao final da Primeira Missa de Brasília.

construção brasiliense outrora representara. Estarreceram-se com os discursos que tomavam as feições de uma cidade promissora.

Através de um gesto pioneiro, os integrantes do jornal Gazeta do Triângulo elaboraram um exemplar especial em comemoração à celebração da primeira missa de Brasília, cuja entrega se deu no dia de tal solenidade, em 3 de maio de 1957. De acordo com matéria posterior do jornal, foram impressos mais de 400 exemplares em Araguari, distribuídos aos tripulantes da expedição durante a trajetória aérea até Brasília, como também às autoridades e à população presente no ato da festividade solene.

A NOVA CAPITAL DA REPÚBLICA

Em dia tão significativo como este, no coração do Brasil a Hostia Santa, rezando-se a Primeira Missa no local em que se levantará a Capital da República, nosso jornal não poderia faltar à solenidade.

"Gazeta do Triângulo", jornal interiorano, com vinte anos de lutas, clamando sempre pelos interesses da interlândia, aqui se apresenta, hoje, com a sua modesta roupagem, a fim de trazer a mais efusiva mensagem de sinceras congratulações ao povo brasileiro pelo notável e histórico acontecimento.

Afinal, depois de quatrocentos anos de vida litorânea, surge o homem, o administrador intrépido e audaz, que se propoz a mudar e construir a Capital da República que a nossa Carta Magna reclamava desde 1891! Surge JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA - realizador da magnífica epopéia da verdadeira e vitoriosa "marcha para o oeste"! (Gazeta do Triângulo, 03 maio 1957, ano XXI, nº 1451).

Em 1500 fincou-se no sólo virgem de nossa Pátria a Cruz de Cristo, ao officiar-se a Primeira Missa, na terra descoberta. À sombra daquela cruz nasceu o Brasil, com especial predestinação. Houve as bandeiras. Rompeu-se pela bravura dos anhangúas, o tratado de Tordezilhas. Ampliou-se a ação esperançosamente! Entretanto, a civilização, o comércio e a indústria só se desenvolveram na orla marítima. No interior vicejaram, apenas algumas cidades, mercê do heroísmo dos sertanejos, apegado ao seu torrão natal. Urgia a interiorização da Capital da República. Políticos e sociólogos falavam e repetiam isso. Mas ninguém teve coragem de realizar o gigantesco empreendimento. Um dia, porém, a História registrará: descem das Alterosas um Presidente, eleito triunfalmente pelos brasileiros e que prometêra plantar a Nova capital no coração do Brasil...E cumpriu a promessa! Nasceu Brasília! (Gazeta do Triângulo, 03 maio 1957, ano XXI, nº 1451).

Estas foram as transcrições da primeira página, ilustrada com fotografias de Juscelino Kubitschek e do cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, além da utilização de um mapa que fazia a composição de fundo dos textos e de tais imagens. Jornal

araguarino, progressista e a favor da construção de Brasília, o mapa registrou parte do Triângulo Mineiro, com destaque à cidade de Araguari como uma das rotas até Brasília, além de mais duas: rotas saindo de Goiânia e Belo Horizonte.

Fotografia 29 - Embaixada araguarina rumo à Primeira Missa de Brasília, num avião Douglas DC-3.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A história pátria se repete, com a celebração, na data de hoje, da primeira missa do Planalto Goiano, onde se trava os primeiros combates pela construção da Nova Capital do país. Dizemos que a história se repete, porque, ressalvadas as circunstâncias e os aspectos semelhantes no seu significado, neste mesmo mês de maio, em 1.500, após a descoberta da terra que, anos mais tarde, seria este imenso e futuroso Brasil, era rezada

na baía Cabralina a missa de posse em nome do rei de Portugal. 457 anos depois, com o mesmo sentido simbólico, celebra-se a primeira missa no sertão brasileiro, quando se inicia a construção de Brasília, obra que adquire, pela sua profunda importância, o sentido de um descobrimento desta grande nação, pois a ninguém é dado desconhecer a radical transformação que Brasília imprimirá na vida nacional, promovendo a irradiação equitativa da influência do governo a todos os quadrantes do país, localizada que seja a sua sede no "coração do Brasil". A instalação da Capital do país no Planalto Goiano, irrefutavelmente, importará no povoamento de vasta extensão de território, antes completamente esquecido e abandonado, bem como o aproveitamento econômico de incalculável riqueza até então inexplorada! Daí o porquê dessa arrojada afirmativa de que Brasília representa o descobrimento do Brasil! (Gazeta do Triângulo, 03 maio 1957, ano XXI, nº 1451).

Fotografia 30 - Presidente JK na celebração da 1ª missa de Brasília. Em destaque, Juscelino Kubitschek e ao seu lado, Israel Pinheiro - presidente da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Logo atrás, Ernesto Silva, diretor administrativo da Novacap.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O periódico especial sobre a primeira missa de Brasília seguiu repleto de textos de colunistas que enalteciam a solenidade religiosa, sua importância para a até então "maior nação católica do mundo"; como também a figura de Juscelino Kubitschek, o nascimento da Nova Capital, ironias com o Rio de Janeiro (os quais a chamam de capital provisória). Pode-se também perceber espaços de propaganda de alguns partidos políticos da época: PR (Partido Republicano), PSP (Partido Social Progressista), PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) que parabenizaram Juscelino Kubitschek pela mudança da capital para o interior do Brasil, com a execução de uma 'obra grandiosa' que traria 'vantagens imprevisíveis' para a cidade de Araguari. Dessa forma, não poderia faltar uma página especial de saudação também a Juscelino K. de Oliveira, dotada de fotografias dos representantes políticos em exercício de Araguari: prefeito e vice-prefeito Eduardo Rodrigues da Cunha Neto e Moisés de Carvalho Alves.

Outra coluna interessante é a denominada: "Em avião especial - Grande e ilustre Caravana Aragarina - Hoje / Araguari, única cidade que obteve avião especial - De parabéns o agente Resende". Tal reportagem disserta sobre a ida da comitiva aragarina, que sairia às 6:00 h com destino à Brasília, composta por "figuras do maior destaque na vida social, econômica e política" daquele município. Mais adiante, em outra coluna, são citados todos os integrantes dessa primeira expedição. Ainda, o colunista agradece à alta administração da Real-Aerovias-Nacional, bem como à figura do Sr. Antônio Pereira Resende, "dedicado e dinâmico agente daquele consórcio" em Araguari, pela disponibilização do avião que levaria à futura capital pessoas interessadas em assistir as festividades em Brasília. Falando-se em progresso, nesta edição:

Araguari representará um papel importante nessa luta pela construção de Brasília, porque como cidade "bôca do sertão", localizada como ponto de ligação dos centros mais desenvolvidos e aquela zona do hinterland, e tudo isso nos induz a vaticinar, para esta cidade, dias de febricitante progresso. Que nossos líderes, políticos, comerciais e industriais, bem compreendam tal fato, fazendo com que esteja nossa terra preparada para tal papel. Será esta cidade ponto ideal para instalação de grandes indústrias e organizações que se dediquem ao alto comércio. Diante dessa verdade, tal a posição estratégica em que nos encontramos, devem os nossos capitães da indústria e do comércio preparar as condições necessárias ao aproveitamento desse fator... (Gazeta do Triângulo, 03 maio 1957, ano XXI, nº 1451).

A crença no progresso e desenvolvimentos na cidade de Araguari, contemplada pela construção de Brasília, era um fato consumado por muitos.

Fotografia 31 - Edição comemorativa - 1ª Missa em Brasília, Jornal Gazeta do Triângulo. 03 de maio de 1957.



Fonte: NOVA capital da república. nasceu Brasília. **Gazeta do Triângulo**, Araguari, 03 de maio 1957. Página principal, p.1.

Acesso: 30/10/2014. Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto.

Foto: Larissa Ribeiro Cunha

A embaixada araguarina foi composta por 28 pessoas nesta primeira expedição (integrantes do voo através do avião Douglas DC-3 da companhia Real Aerovias Brasil):

Dr. Elpidio Viana Canabrava e Sra. d. Yone Canabrava; Srta. Vera Canabrava; Ney Canabrava; Dr. Nilo de Oliveira e sra. d. Heloisa de Oliveira; Luiz Dela Pena; Daniel Antunes Junior; **Geraldo Vieira**; Joaquim Magioli; Roosevelt Miranda; João Domingos; Denerval Rodrigues da Cunha; Antônio Boaventura Sobrinho; Eufrosino de Oliveira; Felício de Lúcia Neto; Manoel Cruz Pova; Antônio Veloso de Araújo; Dr. João Alamy Filho; Dr. João Nascimento Godoy; Dolival Gonçalves de Araújo e sra. d. Dináh Mendes Araújo; Rossini Ribeiro Aguiar e sra. d. Yolanda França Aguiar; Srta. Maria França de Sousa; Alarico Assumpção e Frei Demétrio Calicchio.

Na madrugada de ontem (2 de maio de 1957), seguiram, de automóvel, os srs. Ernesto Golias (chefe da delegação) Theodolino Pereira de Araújo e Acari Felix de Souza. (Gazeta do Triângulo, 03 maio 1957, ano XXI, nº 1451).

Porém, segundo pesquisa no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, foi encontrada uma fotografia e uma montagem, que destacou os seguintes indivíduos:

Dr. Sebastião Ferreira Cascão: cirurgião Dentista, fazendeiro, empresário pioneiro, chegou nessa data; Teodolino Pereira de Araújo (Dorico Araújo): fazendeiro, chefe político PSD; Dr. João Godoy: advogado, promotor público; Dorival Modesto (Maninho): pioneiro, empresário; Dr. Elpidio Viana Canabrava: médico cirurgião; Denerval Rodrigues da Cunha: fazendeiro; Sra. Yolanda França Aguiar; Eloísa Oliveira (Sr. Nilo Oliveira); Acary Felix de Sousa: contador; Dr. João Alamy Filho: advogado - escritor- "Caso dos Irmãos Naves"; Dinalva Mendes (Sra. Dolival Araújo); Dolival Araújo: fazendeiro; Vera Canabrava (filha do casal Sr. Elpidio/ Sra. Yone Canabrava); Sra. Yone Canabrava (Sra. Elpidio Canabrava); Sra. Maria Helena Souza; Rossini Aguiar: fazendeiro; Eufrosino de Oliveira: tio do presidente Juscelino Kubitschek, diretor e provedor da Santa Casa de Misericórdia de Araguaia; Dr. Patrocínio Valverde de Moraes: advogado e professor; Ernesto Golias: empresário da "Charqueada Fulgor"; João Domingos: jornalista do jornal "Botija Parda"; Roosevelt Miranda: contador; Manoel Pova: empresário, português, chegou ao Brasil em 1913 de Cordinhan; Dr. José Leopoldo de Lima: médico cardiologista; Ney Canabrava: (filho do casal Yone e Elpidio Canabrava); Alarico Assumpção: contador; Dr. Nilo de Oliveira: médico pediatra; Prof. Nilton Dias de Abreu; Hamilton Rocha: comerciante; José Mundim Guimarães: de Goiás, pediu para tirar a foto junto com o grupo.¹⁷

¹⁷ Estes dados foram coletados em imagem no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, montagem organizada por Sebastião Ferreira Cascão Júnior. Acesso em 30/10/2016.

Fotografia 32 - Embaixada araguarina na 1ª Missa em Brasília. À esquerda, de branco, com um chapéu e cabo de madeira em mãos, Geraldo Vieira.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Desconhecido

Dr. João Nascimento de Godoy encabeça a equipe de "Gazeta do Triângulo", na grande cobertura das festividades de hoje, em Brasília. **As fotografias aéreas e de tôdas as solenidades, estarão a cargo do famoso Geraldo Vieira.** (Gazeta do Triângulo, 03 maio 1957, ano XXI, nº 1451).

Percebe-se que alguns nomes citados na montagem encontrada no Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto não estão citados na coluna do jornal Gazeta do Triângulo. Dessa forma, imagina-se que os outros araguarinos encaminharam-se à Brasília através de

outros meios de locomoção e se encontraram com a embaixada araguarina na cidade em questão.

Fotografia 33 - Embaixada araguarina na 1ª Missa em Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto.

Em 05 de maio de 1957, na edição do jornal Gazeta do Triângulo - posterior à comemorativa da primeira missa em Brasília - foi publicada na página principal uma coluna com relatos sobre as solenidades do dia 03 de maio. Intitulada "Fundamentado em ato de fé cristã o erguimento da Nova Capital da República - Imponente o ofício religioso da 1a. Missa, em Brasília - Milhares de pessoas - Veículos de toda natureza - Índios Carajás assistiram à Missa - Discursos do Cardeal Mota e do Presidente Juscelino - Gazeta do Triângulo deu a nota de sensação jornalística, com seu número especial Brasília será uma realidade."

Fotografia 34 - Jornal Gazeta do Triângulo relatando a primeira missa em Brasília. 05 de maio de 1957.



Fonte: FUNDAMENTADO em ato de fé cristã o erguimento da Nova capital da República. **Gazeta do Triângulo**, Araguari, 05 de maio 1957. Página principal, p.1.

Acesso: 30/10/2014. Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto.

Foto: Larissa Ribeiro Cunha

Como já dito, Geraldo Vieira foi o responsável por fazer o relato fotográfico nesta primeira expedição, como também nas posteriores. Ao ler a reportagem acima e fazer um comparativo com as imagens do acervo inédito, pôde-se perceber que há uma similaridade em ambas as narrativas, tanto na imagética quanto na textual. Dessa maneira, tal reportagem será aqui descrita acompanhada das respectivas imagens a que faz menção.

A celebração da Primeira missa, em Brasília - futura capital da república - constituiu autentico espetáculo cívico, a par de vibrante afirmação de fé católica.

Cinco mil pessoas, mais ou menos, assistiram a Santa Missa, tendo sido grande o número de comungantes, entre os quais varios dos componentes da embaixada araguarina.

A Agência Nacional transmitiu toda a solenidade religiosa, com retransmissão por várias emissoras nacionais. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 35 - Multidão na Primeira Missa de Brasília. Em destaque, à esquerda Israel Pinheiro.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Caravanas de pessoas de todas as partes do país aportaram, em Brasília, por todos os meios de transporte. Aviões de todos os tipos, inclusive quadrimotores e o "Viscount" presidencial, secundados pelas esquadrilhas da Força Aérea, roncavam no céu límpido da futura Capital, quebrando a monotonia em que adormecera por tantos anos o histórico quadrilátero "Cruls", esperando a mudança em execução. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 36 - Aviões pousados no aeroporto de Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Milhares de automóveis formando uma fila interminável serpenteavam pelas estradas que ligavam o Aeroporto ao velho cruzeiro, local da Missa, e daí à cidade provisória. Era deslumbrante a visão harmônica de todo aquele movimento, no coração dos sertões brasileiros, dando-nos a impressão nítida de um despertar de energia em potencial, sacudindo toda uma nação. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 37 - Vista aérea do aeroporto de Brasília. Destaque aos aviões, carros e pessoas.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Índios Carajás assistiram a Missa

Uma nota pitoresca dos acontecimentos festivos foi a presença de um grupo de índios Carajás, enfeitados a caráter, com as penas multicores, tatuagens e berloques, despertando a curiosidade de quantos assistiram a solenidade.

"Gazeta do Triângulo" foi entregue ao cacique, em círculo com os demais índios, o qual gostou muito do colorido de nossas páginas.

Aproveitando ensejo, batemos várias chapas do letrado incola, folheando o nosso jornal. Brevemente publicaremos o registro fotográfico do fato. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 38 - Índio Carajá com o jornal Gazeta do Triângulo comemorativo da Primeira Missa de Brasília. 03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A palavra do Cardeal Mota e do Presidente Juscelino

Usando a palavra logo após à Missa, o Cardeal Mota, Arcebispo de São Paulo, que celebrou o ofício religioso, saudou o presidente Juscelino enaltecendo a sua grande iniciativa mudancista. Referindo-se ao fato, o ilustre Príncipe da Igreja situou a mudança da Capital como um dos três acontecimentos mais importantes de nossa História, mencionando a Descoberta e a Proclamação da Independência, como os dois outros. Afirmou que Brasília representa a verdadeira descoberta do Brasil. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 39 - Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta - Cardeal Motta - Arcebispo e Cardeal em São Paulo, ao microfone, na Primeira Missa de Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O Presidente Juscelino, em seguida, agradeceu a presença das autoridades que se locomoveram até à Capital, prestando homenagem aos poderes constituídos, destacando as autoridades eclesiásticas como merecedoras de seu maior respeito. Reafirmou a sua fé inabalável na construção de Brasília. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 40 - Presidente Juscelino Kubitschek discursando na Primeira Missa de Brasília. Ao seu lado, João Goulart, vice-presidente.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nossa Senhora Aparecida entronizada na Capital

O Cardeal Mota trouxe no avião presidencial, a imagem de N. S. Aparecida, cópia fiel da Padroeira do Brasil. Entre vivas emocionantes, a imagem foi conduzida ao local da Missa, quando se deu a sagração de Brasília, sob a sua invocação. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 41 - Chegada de Nossa Senhora Aparecida para a Primeira Missa de Brasília, através do avião presidencial.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 42 - Nossa Senhora Aparecida sendo encaminhada para o altar na Primeira Missa de Brasília.
Uma das 30 fotos 35mm do acervo de Geraldo Vieira.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 43 - Nossa Senhora Aparecida no o altar na Primeira Missa de Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Furo de "Gazeta do Triângulo"

A presença de "Gazeta do Triângulo", em Brasília em numero especial comemorativo da celebração da Primeira Missa, constituiu um verdadeiro furo. Isto porque, apesar de ter aparecido ali, uns dois outros jornais, inclusive "O Pioneiro", editado na futura Capital, só "Gazeta do Triângulo" apresentou-se em roupagens festivas, com a sua edição em três cores. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 44 - Jornal Gazeta do Triângulo sendo entregue aos índios Carajás por João Domingos (Redator do Jornal Gazeta do Triângulo), na Primeira Missa de Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Foi nosso jornal entregue a todas as autoridades, presentes em Brasília, especialmente, aos Srs. Presidente e Vice Presidente da República, Ministros e altos funcionários de entidades diversas. O pôvo disputava a conquista dos números que distribuimos, alcançando número superior à quatrocentos exemplares.

O senhor Herbert Moses , presidente da Associação Brasileira de Imprensa recebeu de nossas mãos alguns exemplares, sendo este fato registrado pelo nosso fotografo - reporter. Oportunamente, publicaremos os "clichés" referentes à todas solenidades e atividades da caravana araguarina. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 45 - Jornal Gazeta do Triângulo sendo entregue ao presidente da Associação Brasileira de Imprensa - ABI Herbert Moses pelo Dr. João Nascimento de Godoy (Diretor e redator-chefe do Jornal Gazeta do Triângulo), na Primeira Missa de Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 46 - Pavilhão no qual se celebrou a Primeira Missa de Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nesta primeira tomada como "fotógrafo-reporter" em Brasília, Geraldo Vieira não só conseguiu registrar os momentos mais importantes ao decorrer da Primeira Missa, como também pôde visitar a 'Cidade - Livre' - Núcleo Bandeirante, cujos estabelecimentos serviram de apoio aos tripulantes da embaixada araguarina. Dessa forma, pode-se observar que o fotógrafo imprime nesta primeira série de imagens duas tipologias: a primeira, numa estética documental, voltada às características do fotojornalismo, com a preocupação de

fotografar o momento preciso, captar a oportunidade dos fatos escolhidos. Porém, uma instantaneidade com um olhar sutil e perspicaz, na procura dos melhores ângulos, enquadramentos e composições que pudessem resultar em imagens finais repletas de significado. Este, essencialmente resultante da presença da figura humana, das suas ações.

Em relação à Primeira Missa, percebe-se através das imagens uma narrativa formada e que foi bem enunciada por palavras na reportagem já citada (e aqui destacada em parágrafos e ilustrada) do jornal Gazeta do Triângulo de 05 de maio de 1957. Nessas imagens (especificamente nas imagens 30, 35, 39, 40, 41 e 42) já é detectada uma das peculiaridades do fotógrafo: a utilização da câmera *Rolleiflex* de uma maneira que nenhum outro fotógrafo utilizou. São imagens geralmente de cerimônias, aonde há sempre um aglomerado de pessoas. Pode-se comparar esta técnica do fotógrafo com o "pau de *selfie*" da atualidade, mas sem o intuito de fotografar a si mesmo. O profissional utilizava-se de um longo cabo de madeira (aproximadamente 1,5 metros), no qual engatava sua câmera na ponta oposta a que segurava e efetuava os disparos através de um propulsor - um cabo de disparo remoto. Esta técnica, inventada por Geraldo Vieira, dava-lhe a oportunidade de capturar imagens mais amplas, pois se a altura máxima que um profissional conseguia com uma *Rolleiflex* era a altura de seus braços esticados para o alto, o fotógrafo, com este recurso, conseguia um alcance bem maior. Isto permitiu que ele além de fotografar por cima, evitasse a concorrência do espaço com outros fotógrafos, que eram muitos. Também percebe-se que em algumas fotos as pessoas próximas que aparecem nas fotografias tiradas por este método olhavam curiosas ou até riam do mesmo. Mal sabiam elas dos resultados obtidos.

Já a outra tipologia reside na captação de imagens de elementos que se encontram estáticos no espaço, a exemplo, aviões e jardineiras. Por se encontrarem fixos, tais elementos deram ao fotógrafo maior tempo e liberdade para a escolha dos melhores ângulos, a melhor luz, dentre outros fatores. Apesar da intenção primeira ser a fotojornalística, Geraldo Vieira imprimiu a sua poética visual em diversas outras fotos que se relacionam a esta segunda tipologia. Em termos de composição e enquadramento, são fotografias que priorizam a perspectiva, aliada a elementos definidores que o fotógrafo julgou importantes. A exemplo, o céu e a terra, que acabam por definir a composição final de muitas destas fotografias. Nota-se tanto a regra dos terços como a regra das metades. A exemplo da regra dos terços, pode-se citar a fotografia 46, na qual o fotógrafo registra o pavilhão erguido para proteger o altar da Primeira Missa. 1/3 definido pelo gramado; 1/3

definido pelo pavilhão e pessoas; 1/3 definido pelo céu. Este, item de importância em muitas fotografias das expedições vivenciadas pelo fotógrafo.

Dentro das duas tipologias citadas, relacionadas ao conteúdo das fotografias de Geraldo Vieira, pode-se traçar três séries em particular relacionadas à primeira expedição:

- 1| Imagens aéreas;
- 2| Imagens de pessoas;
- 3| Imagens de elementos estáticos.

Sobre a série de imagens aéreas, dividem-se em fotografias no espaço, tanto da embaixada araguarina quanto fotografias do aeroporto de Brasília.

As primeiras imagens de Geraldo Vieira, ainda dentro do avião Douglas DC-3, foram dos componentes da tripulação araguarina, dispostos em seus assentos com os jornais em comemoração à primeira missa brasiliense em mãos, atentos ao discurso do orador oficial da embaixada, Antônio Veloso de Araújo. Na coluna "Mirante Social", ainda do jornal Gazeta do Triângulo do dia 05 de maio de 1957, o fato em relação ao discurso ficou registrado:

Ronda...
ESTIVEMOS na Nova capital.
Brasília nos impressionou, muito.
Em todos os sentidos.
Voltamos confiantes.
No seu destino histórico e grandioso.

Participamos de uma delegação araguarina.
Embaixada brilhante.
Araguari fez-se representar magnificamente.

A DOIS MIL METROS de altura, Antônio Veloso de Araújo discursou duas vezes.
Bastou que o avião adquirisse estabilidade, para que se estabelecessem, a bordo do PP-AXF, da "Real - Aerovias - Nacional", os preparativos para a eleição do chefe da embaixada.
Os trabalhos foram dirigidos pelo dr. João Nascimento Godoy, tendo como escrutinador Roosevelt Miranda. Por unanimidade a escolha recaiu no nome do dr. Elpídio Viana Cannabrava. Em seguida, o primeiro discurso, no espaço, do Tonho Araújo. Foi eleito orador oficial e, nesta qualidade, falou saudando o cirurgião Elpídio Viana Cannabrava. Vibrantes e demorados aplausos.

A's 10,00 chegamos a Brasília.
No aeroporto 5.000 pessoas aguardavam a chegada do sr. Presidente da República e do Cardeal Arcebispo de São Paulo.

Percorrendo, depois, 15 quilômetro, alcançamos o Cruzeiro, onde se realizou o ofício religioso, assinalando a 1a Missa do Novo Distrito Federal. Mais tarde, conhecemos a chamada "Cidade Livre". Fascinante. Um oasis em pleno sertão goiano. Exemplo gritante do verdadeiro pioneirismo.

Regressamos ao entardecer.

A viagem agradou de modo geral.

75 minutos de Araguari a Brasília. (Gazeta do Triângulo, 05 maio 1957, ano XXI, nº 1452).

Fotografia 47 - Antônio Veloso de Araújo, orador da embaixada araguarina, discursando durante o voo para a Primeira Missa em Brasília.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: Geraldo Vieira

Subsequentemente, fotografias aéreas do aeroporto de Brasília foram registradas por Geraldo Vieira. A exemplo, a fotografia 37, imagem que identifica a pista de pouso e decolagem do aeroporto de Brasília em perspectiva, com certa vegetação do cerrado serpenteando os espaços e manchas de luz e sombra, respectivamente, sol e nuvens. Ao fazer uma aproximação da imagem, pode-se detectar vários aviões, carros, jardineiras, pessoas, a estação de passageiros e outros anexos. A fotografia 48 refere-se a outro ângulo de visão. É recorrente que se apareça parte da asa da aeronave em algumas fotos aéreas de Geraldo Vieira.

Fotografia 48 - Vista aérea do aeroporto de Brasília. Uma das cabeceiras da pista de pouso e decolagem.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A série de imagens de pessoas possui um alto valor significativo, pois retoma os principais momentos ocorridos na solenidade da Primeira Missa. Como já dito, pode-se estabelecer uma clara narrativa ao observá-la. Em muitas imagens, a figura de Juscelino Kubitschek se faz presente, já que nesta solenidade foi uma das atrações mais importantes. Mais uma vez, afirma-se a utilização por Geraldo Vieira de sua técnica com o cabo de disparo remoto. Este é o grande diferencial do fotógrafo em relação ao demais profissionais do ramo: um ângulo conseguido exclusivamente pela técnica desenvolvida.

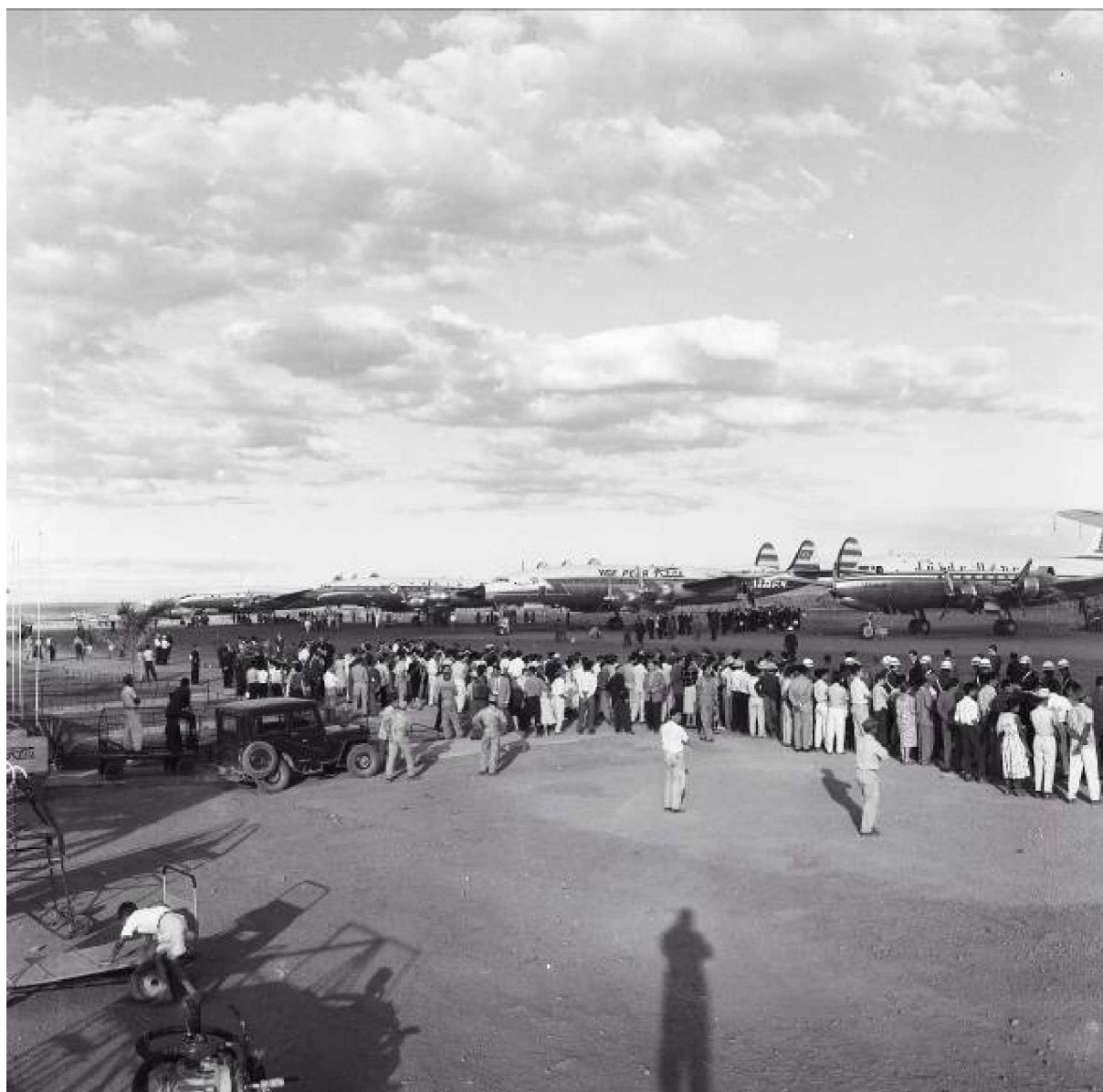
Fotografia 49 - Juscelino Kubitschek, Ernesto Silva e Israel Pinheiro conversando.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A presença da figura humana, de um automóvel ou de um objeto qualquer que possa fazer parte da cena fotográfica é quase que uma constante nas fotografias de Geraldo Vieira. O fotógrafo não excluía estes elementos do quadro fotográfico, já que os mesmos poderiam dar tanto a noção de escala quanto contextualizar a imagem. Mas toda regra há exceções. Outra característica que pode ser observada, eventualmente usada por alguns fotógrafos modernos, é a aparição da silhueta do profissional como composição no quadro fotográfico, um autorretrato. Isto é observado em poucas fotos de Geraldo Vieira.

Fotografia 50 - Aglomeração de pessoas no aeroporto de Brasília. Nota-se a silhueta de Geraldo Vieira. 03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A última série, aqui denominada como imagens de elementos estáticos, caracteriza-se pela presença de imagens de aviões, jardineiras e da 'Cidade Livre' - Núcleo Bandeirante. As imagens 36 e 46 bem representam esta série.

Fotografia 51 - Avião estático nos arredores do aeroporto de Brasília, O "Viscount" FAB - 2100 do presidente Juscelino Kubitschek.
03 de maio de 1957.



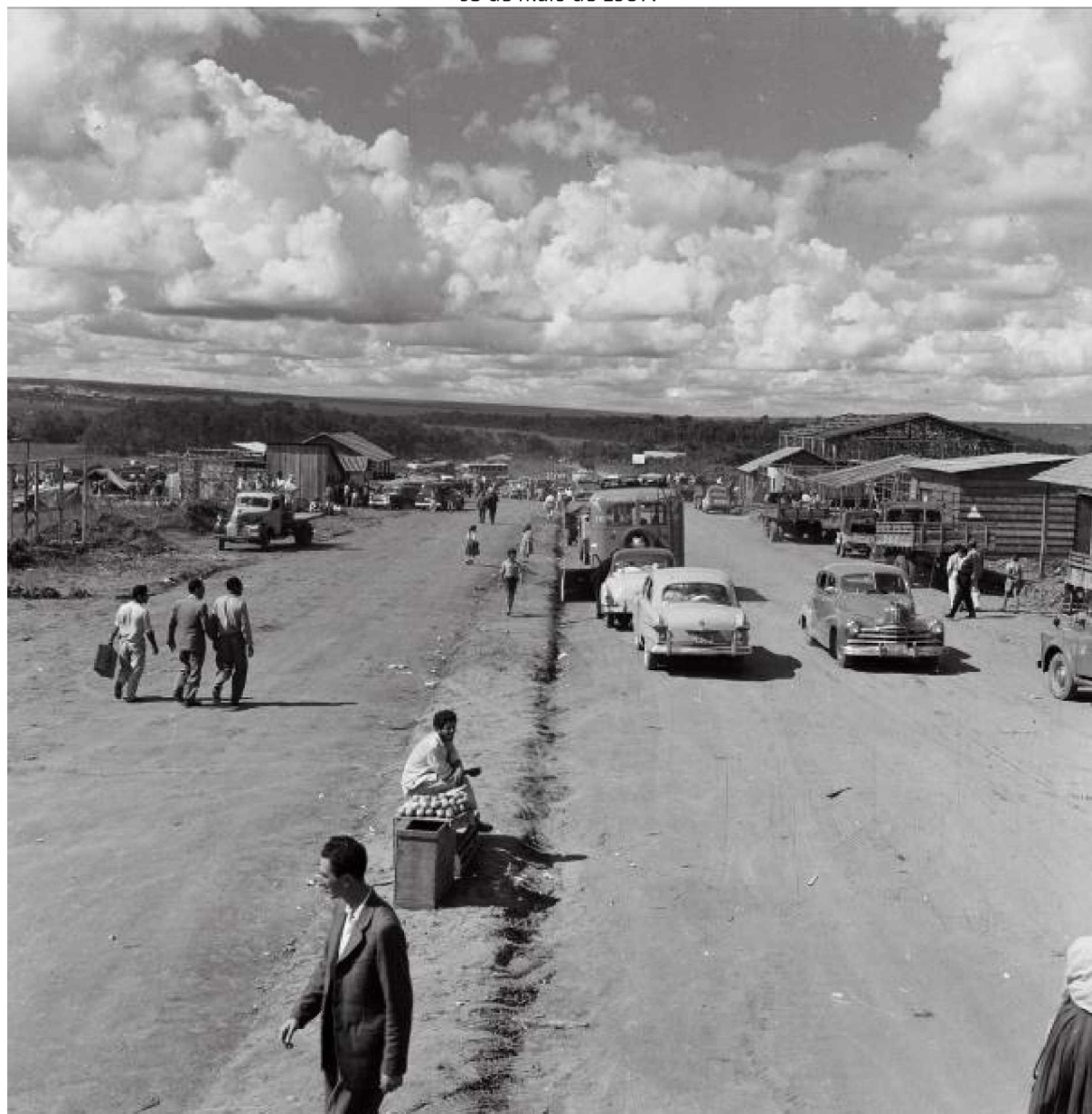
Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Esta fotografia transmite a mensagem de total simetria entre os lados direito e esquerdo, encerrada pela empenagem vertical, conjuntamente às empenagens horizontais,

em terceiro plano, na cauda do avião. Usando a regra dos terços, percebe-se que a porção maior foi dedicada ao céu, 2/3, diante de uma tomada de baixo para cima.

Uma proto-arquitetura, composta por edificações de madeira. Assim foi concebida a 'Cidade - Livre' - Núcleo Bandeirante, cuja destinação era ser um núcleo provisório durante a construção de Brasília. Em detrimento de ser um espaço que oferecia condições de comércio e serviços, para além dos candangos, os visitantes de Brasília também por lá passavam e abasteciam suas necessidades. A fotografia 52 ilustra parte da 'Cidade-Livre', e desta vez a regra dos terços deu ênfase á terra. A tomada em elevação superior propiciou à imagem uma ampla profundidade de campo.

Fotografia 52 - Vista do Núcleo Bandeirante.
03 de maio de 1957.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O registro desta expedição à Brasília foi motivo para a realização da primeira série de exposições fotográficas com as fotos exclusivas tiradas por Geraldo Vieira. Inaugurada no dia 06 de maio de 1957, neste primeiro momento contou com a parceria do Jornal Gazeta do Triângulo e a Revista Ventania.

[...] com o propósito de dar aos araguarinos que não estiveram na futura Capital Federal uma visão do que foram aquelas festividades e o que já se fez na construção da nova sede do Governo Federal. A inauguração desta mostra de fotografias contou com a presença de numerosas pessoas, autoridades locais, todos demonstrando o seu vivo interesse sobre esta oportuna realização. A exposição se acha instalada no prédio da Casa Aníbal, na Rua Rui Barbosa, defronte ao Banco Nacional de Minas. (Gazeta do Triângulo, 07 maio 1957, ano XXI, nº 1453).

O periódico araguarino segue o ano de 1957 com publicações informativas sobre os acontecimentos em Brasília. São elas: em 11 de maio, uma matéria intitulada "Embaixador americano e Senadores visitam o sítio da nova Capital"¹⁸; em 22 de maio "Gigantescos tratores rumo à Brasília"¹⁹; em 24 de maio "Será instalada em Brasília a Caixa Econômica"²⁰; em 5 de junho "Brasília"²¹; em 16 de junho "Primeiro jornal impresso em Brasília"²², em 18 de junho "Centralização em Brasília de todas as comunicações do país"²³; em 23 de junho "Grandes homenagens a CRAVEIRO LOPES, em Brasília"²⁴, em 11 de julho "A vida em Brasília"²⁵, em 25 de julho "Estradas em Brasília"²⁶, em 5 de novembro "Prefeitos triangulinos conferenciarão com Kubitschek"²⁷; em 11 de dezembro "Abastecimento em

¹⁸ EMBAIXADOR americano e Senadores visitam o sítio da nova Capital. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 11 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

¹⁹ GIGANTESCOS tratores rumo à Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

²⁰ SERÁ instalada em Brasília a Caixa Econômica. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 24 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

²¹ NETTO, Al. Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, p. 2, 05 de junho de 1957.

²² PRIMEIRO jornal impresso em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 16 de junho de 1957. Página principal, p. 1.

²³ CENTRALIZAÇÃO em Brasília de todas as comunicações do país. **Jornal Gazeta do Triângulo**, 18 de junho de 1957. Página principal, p.1-2.

²⁴ GRANDES homenagens a CRAVEIRO LOPES, em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, 24 de junho de 1957. Página principal, p. 1.

²⁵ A VIDA em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, 11 de julho de 1957. Nossa Opinião, p. 2.

²⁶ ESTRADAS em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, 25 de julho de 1957. Página Principal, p. 1.

²⁷ PREFEITOS triangulinos conferenciarão com Kubitschek. **Jornal Gazeta do Triângulo**, 5 de nov. de 1957. Página Principal, p. 1.

Brasília"²⁸, em 25 de dezembro "Prestação de contas faz ao povo o Presidente Juscelino Kubitschek" e "Brasília"²⁹; e em 26 de dezembro "Moderno jornal diário circulará em Brasília"³⁰.

O *Gazeta do Triângulo* - pioneiro e o primeiro a circular em Brasília a partir da primeira missa campal de 1957 - foi um importante jornal do interior de Minas Gerais no que tange ao compromisso de fazer a cobertura oficial da construção da futura capital. O periódico se mostrou engajado na promoção da epopeia brasiliense como sinônimo de progresso não só para a cidade de Araguari, mas também para o país como um todo, através de suas constantes publicações. Estas, iniciadas na década de 50 em continuidade até a década de 60. O destaque se dá para a edição especial comemorativa da primeira missa de Brasília, em 3 de maio de 1957; em 22 de agosto 1959, com a publicação de uma página especial contendo fotos de Geraldo Vieira das obras de Brasília em andamento e por fim a edição do dia 21 de abril de 1960, no qual o jornal foi todo dedicado à homenagens ao presidente Juscelino Kubitschek pela inauguração de Brasília.



2.1.2 | A SEGUNDA EXPEDIÇÃO: 29 DE MARÇO DE 1958

[...]

O Amanhã que não demora
e que ascende, de hora em hora,
no coração do país,
a aurora de um mundo novo
conclamando o jovem povo
para um destino feliz!

[...]

Alarico da Silva Costa

(NOVACAP. Na literatura. *Revista Brasília*, Brasília, ano II, n. 15, p. 20, março 1958).

²⁸ ABASTECIMENTO em Brasília. *Jornal Gazeta do Triângulo*, 11 de dez. de 1957. Página Principal, p. 1.

²⁹ PRESTAÇÃO de contas faz ao povo o Presidente Juscelino Kubitschek. *Jornal Gazeta do Triângulo*, 25 de dez. de 1957. Página Principal, p. 1.

BRASÍLIA. *Jornal Gazeta do Triângulo*, 25 de dez. de 1957. Página secundária, p. 2.

³⁰ MODERNO jornal diário circulará em Brasília. *Jornal Gazeta do Triângulo*, 26 de dez. de 1957. Página principal, p. 1.

No ano de 1958, Geraldo Vieira realizou três expedições à Brasília, sendo a primeira no dia 23 de março, a segunda entre os meses de maio e junho e a terceira em 30 de junho. Tal afirmativa se sustenta através da pesquisa e comparação efetuadas entre as fotografias do acervo de Geraldo Vieira e as fotografias que foram veiculadas na Revista Brasília. Editada pela Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil), esta foi um "periódico governamental de difusão, justificativa e defesa da construção da Nova Capital" (CAPPELLO, 2015, p. 206), e teve como fotógrafo oficial a figura de Mario Fontenelle (1919-1986).

Cappello (2015) afirma que Mário Fontenelle foi considerado o mais importante fotógrafo da epopeia brasiliense, pois documentou a capital desde seu primeiro "risco", demonstrado por uma fotografia que retratou o cruzamento da Avenida Monumental com o Eixo Rodoviário de Brasília, publicada pela primeira vez em junho de 1957.

A primeira edição da revista Brasília, de janeiro de 1957, começa a circular em todo o país em 18 de fevereiro como publicação mensal da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). Segundo os editores, esta publicação aparece em consequência do art. 19, da Lei nº 2.874, de 1956, que estatuiu para a Novacap a obrigatoriedade de divulgar, por meio de um boletim mensal, os atos administrativos da Diretoria e os contratos por ela celebrados. Obrigatoriedade então assumida na forma da publicação de uma revista que tinha como objetivo, não apenas documentar, mas também defender a construção, a arquitetura e o urbanismo da nova Capital do Brasil. (CAPPELLO, 2015, p. 207).

A princípio foram separadas as fotografias do acervo que se assemelhavam em relação ao conteúdo. Dessa forma foi identificada uma série na qual aparecem Juscelino Kubitschek, sua esposa e filha, Israel Pinheiro, dentre outros, ladeados por uma faixa escrita 'Brasília Hilton Hotel'. Sabe-se que em todas as revistas Brasília havia a presença de uma coluna denominada 'Diário de Brasília', na qual eram descritos os acontecimentos mais importantes relacionados às visitas de estrangeiros à Brasília como também início de construções e inaugurações de obras.

Assim, na edição desta revista de número 15, referente à março de 1958 foi revelado o motivo da série de fotografias desta segunda expedição: a visita do vice-presidente da *Hilton International Corporation*, William Irving. A revista Brasília foi um aporte importante para que comparações entre fotografias da época com as do acervo de Geraldo Vieira pudessem ser realizadas e descobertas informações importantes acerca de datas e acompanhamento da evolução das obras das principais edificações da futura capital.

Na coluna 'Diário de Brasília', é mencionado o seguinte texto:

WILLIAM IRVING

Convidado pelo Presidente Israel Pinheiro, veio de Nova Iorque especialmente para estudar o local para a construção de um grande hotel, o vice-presidente da *Hilton International Corporation*, Sr. William Irving. A *Hilton Internacional* é a maior organização hoteleira do mundo, mantendo hotéis em mais de 20 países, a começar pelo conhecido Waldorf Astoria, de Nova Iorque. Tendo escolhido o local, regressou ao Rio no dia seguinte. (NOVACAP. Diário de Brasília. **Revista Brasília**, Brasília, ano II, n. 15, p. 22, março 1958).

Fotografia 53 - Filhos de Geraldo Vieira observando desenhos de tipologias de hotéis da *Hilton International Corporation*.

29 de março de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: Geraldo Vieira

Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: Geraldo Vieira

As fotos desta série enquadram-se numa estética documental, mostrando a cerimônia sobre a escolha de uma área para a construção de um grande hotel, ocorrida diante de populares, candangos, políticos e diretores da Novacap.

Há a presença de fotografias posadas. Nestas, verifica-se que olhares foram direcionados a Geraldo Vieira. Crê-se que tal solenidade foi documentada por poucos fotógrafos, diante da observação do grupo de pessoas presentes. Em duas das fotografias foi detectada a presença de um indivíduo com uma câmera fotográfica. Dessa forma, julga-se que esta série fotográfica possa somar e contribuir enquanto documentação histórica deste momento solene com a figura de William Irving.

Ainda ao analisar as pessoas presentes em tal solenidade, notou-se que os filhos do fotógrafo, Luiz, Bruno e Leandro participaram desta expedição com o pai, pois aparecem em algumas fotografias. Não foram encontradas imagens dos filhos no aeroporto de Brasília ou perto de aviões. Julga-se, assim, que nesta expedição o fotógrafo possa ter utilizado como meio de transporte a sua Kombi 57, em companhia de seus filhos.

Em cena, há fotografias nas quais os garotos aparecem num complexo de Kombis montado pela Volkswagen, denominado 'Núcleo Volkswagen'. Neste, foram montados espaços em parceria com os veículos, de recepção, lanches e chuveiros. Imagina-se que foi uma maneira pela qual a concessionária encontrou de fazer propaganda de seus veículos, aliada a facilidades para as pessoas que transitassem por Brasília, naquela época erma, carente de estabelecimentos. No 'Núcleo Bandeirante' tais serviços eram encontrados com maior prontidão.

Há ricas imagens nas quais uma das filhas de Juscelino Kubitschek aparece como centro das atenções - Márcia Kubitschek. Ora sozinha, ora acompanhada de sua mãe, Sarah Kubitschek. Compõem-se de fotos posadas.

Em outra fotografia, há uma imagem pitoresca de Juscelino Kubitschek portando o chapéu de sua esposa, sorridente.

À frente da fotografia 54, Willian Irving aparece lendo um texto, acompanhado de Juscelino Kubitschek, Sara Kubitschek, Márcia Kubitschek e Israel Pinheiro. Aparecem ainda, aos fundos da imagem, Luiz e Leandro, filhos de Geraldo Vieira. Na fotografia 57, nota-se a pose de Sarah Kubitschek e sua filha Márcia, abraçadas por um homem. Não foi possível a identificação do mesmo.

Fotografia 54 - Willian Irving discursando. Ao seu lado direito, Sarah Kubitschek, Márcia Kubitschek e Israel Pinheiro. Ao esquerdo, Juscelino Kubitschek. Aos fundos, Luiz e Leandro Vieira.
29 de março de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Como em graus de importância, ao centro vemos o convidado especial, Willian Irving ladeado das principais figuras representativas de Brasília: Juscelino Kubitschek e sua família e Israel Pinheiro, um dos presidentes da Novacap e braço direito de Juscelino K. de Oliveira. Aos fundos, populares, em penúltimo plano a vegetação do cerrado e por último, o céu: elemento presente na grande maioria das imagens deste acervo de Geraldo Vieira.

Fotografia 55 - Núcleo Volkswagen. Em segundo plano, Luiz Bruno e Leandro Vieira.
29 de março de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Interessante observar a presença dos filhos de Geraldo Vieira nesta fotografia, compondo o segundo plano da imagem. Tanto os garotos escalonados, o poste de iluminação, como os carros num plano posterior configuram-se elementos que conferem escala na fotografia. O topo do poste pode configurar como um ponto de atração na imagem. A regra das metades é clara e evidente: novamente, céu e terra encontram-se ligados pela linha do horizonte, divisora de espacialidade, de dualidades.

Fotografia 56 - Ao centro, Márcia Kubitschek sorrindo.
29 de março de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

As fotografias 56 e 57 são opostas: uma fotografia em que os olhares não estão direcionados ao fotógrafo x uma fotografia com olhares direcionados ao fotógrafo.

Aqui, nota-se tanto a figura de Márcia, ao centro, como também logo atrás um popular, a sorrirem com espontaneidade. Ao lado esquerdo aparece o fotógrafo detectado em meio ao grupo de pessoas e ao direito o homem que não foi possível a identificação.

Fotografia 57 - Sarah Kubitschek e Márcia Kubitschek abraçadas a um homem.
29 de março de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nesta imagem, percebe-se claramente os olhos de Sarah Kubitschek voltados ao fotógrafo, neste caso Geraldo Vieira. O close nas figuras principais do quadro fotográfico, sem deixar de lado o plano de fundo: céu.

Fotografia 58- Juscelino Kubitschek portando o chapéu de sua esposa.
29 de março de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Foto pitoresca de Juscelino Kubitschek usando o chapéu de sua esposa, na lateral direita. Em primeiro plano, crê-se que seja algum político ou autoridade da época. Novamente, as figuras humanas são enquadradas pelo céu como plano superior.

Esta expedição não foi mencionada em reportagens pelo jornal Gazeta do Triângulo. Caso as imagens tenham sido veiculadas para a população araguarina, a maneira de exibição se deu por exposições fotográficas executadas no estúdio de Geraldo Vieira.



2.1.3 | A TERCEIRA EXPEDIÇÃO: ENTRE MAIO E JUNHO DE 1958

Experimento, meus senhores, uma sensação que se assemelha à da tranquilidade. Vejo que o sonho adquire bases firmes de realidade: que tudo começa a concretizar-se. (NOVACAP. Discurso do Presidente da República. **Revista Brasília**, Brasília, ano II, n. 18, p. 4-5, junho 1958) .³¹

Entre o mês de maio e junho de 1958 algumas construções em Brasília estavam em fase de finalização. Na revista Brasília de junho deste mesmo ano, as colunas 'Inaugurações de Brasília', 'Noticiário' e 'Diário de Brasília' foram ilustradas com fotografias que mostram o estado atual em que se encontravam as obras do Palácio da Alvorada, Capela do Palácio e Brasília Palace Hotel. Tais obras estavam plenamente acabadas. Ainda, através da mesma revista, porém de nº 17 relativa a maio de 1958, há uma foto da Capela Nossa Senhora de Fátima com suas últimas escoras.

Baseado nos estágios em que tais obras se apresentavam nesta determinada época próximas da inauguração, foram encontradas fotografias de Geraldo Vieira que, por indícios de trabalhadores presentes nos canteiros de obras como também a presença de maquinários, tapumes e vestígios de movimentações de terra, crê-se que as mesmas foram capturadas entre os meses de maio e junho, muito próximas às datas de inauguração.

Esta expedição resultou em fotografias fantásticas. Aqui pode-se traçar a mesma comparação que Cappello (2015) elucida, quando refere-se aos fotógrafos em sua análise, Mario Fontenelle e Marcel Gautherot (1910-1996). A autora expõe uma leitura sobre a construção de Brasília pelas lentes destes dois fotógrafos, através de imagens publicadas na revista Brasília entre 1957-1960. Algumas questões são colocadas:

Ao analisarmos o trabalho destes dois fotógrafos, dois pontos de vista sobre o campo da fotografia também se colocam: primeiro, a oportunidade do trabalho fotográfico contratado; segundo, como essa oportunidade pode ir além do mero trabalho contratado. Acreditamos que existam aqui dois tipos de fotógrafo o "fotógrafo contratado" e o "fotógrafo artista" e como estes dois fatores podem estar presentes em um só, ou seja podem se mesclarem. (CAPPELLO, 2015, p. 209).

³¹ Discurso do Presidente Juscelino Kubitschek durante a inauguração do Palácio da Alvorada, em 30 de junho de 1958.

Se até então a tipologia fotográfica predominante era relacionada à estética documental, voltada às características do fotojornalismo, pelo fato de Geraldo Vieira estar diante de solenidades e cerimônias aonde a importância maior se dava em aglomerados de pessoas, nesta série a predominância será sobre uma fotografia de arquitetura, pensada nos detalhes que fizessem a diferença no resultado final da imagem. Aqui, tomando as palavras de Cappello (2015), o olhar do fotógrafo-artista se mescla com o olhar do fotógrafo-documental.

Num âmbito geral, as fotografias geradas nesta expedição por Geraldo Vieira são imagens que evidenciam a magnificência que a arquitetura moderna de Brasília deveria transparecer à nação brasileira. São fotografias de arquitetura seladas por perspectivas acentuadas, fortes e marcantes; contrastes; escalas e grandiosidade, representadas pelas obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer. Podemos compará-las às imagens captadas por Marcel Gautherot, que nas palavras de Espada (2012) :

Boa parte de suas imagens do eixo monumental, sobretudo do Congresso Nacional e da praça dos Três Poderes, conjuga o céu imenso com formas arquitetônicas modeladas em *chiaroscuro*, diagonais criadas por perspectivas agudas e sombras densas, Às vezes totalmente negras, em primeiro plano.

[...] Outro procedimento decisivo em suas fotos é a criação de uma espécie de equivalência entre as áreas de céu e chão, por meio do uso de filtros que equilibram as diferentes intensidades de luz da cena. O asfalto se torna límpido como o céu e o céu, denso como o chão. (ESPADA, 2012, p. 146)

A cidade moderna tomava formas. Cada construção finalizada afirmava com convicção a futura mudança da capital brasileira. A arquitetura era vista como um suporte palpável, concreto e real para o progresso vindouro. Assim, a sua forma de retratação e vinculação foram extremamente importantes para que esta crença se consolidasse.

A interpretação do olhar de Geraldo Vieira sobre as obras arquitetônicas emergentes se volta para um aspecto poético e surreal, este, devido também às condições climáticas que Brasília se encontrou naqueles instantes nos quais as fotografias foram tiradas. O fotógrafo deteve a escolha dos melhores ângulos, da iluminação, escuridão dentre outros.

Certas edificações e pessoas parecem estar envolvidas num estado ao mesmo tempo enigmático, misterioso, surreal. Tudo isto proporcionado pela maneira na qual o céu

se mostrara: escuro e nebuloso por uma chuva futura, ainda no período diurno. O resultado final são arquiteturas seladas por perspectivas que parecem nascer do árido chão brasileiro. O fotógrafo soube muito bem aproveitar tal momento proporcionado pela natureza.

[...] Tudo tem dois aspectos: um normal, que quase sempre vemos e é visto pelas pessoas em geral; o outro, o espectral ou metafísico, que só pode ser visto por raras pessoas num momento de clarividência ou de abstração metafísica, tal como certos corpos, que existem dentro da matéria e não podem ser penetrados pelos raios de sol, só aparecem sob a força da luz artificial, sob o raio X, por exemplo. (DE CHIRICO, Giorgio, 1919 apud ESPADA, 2012, p. 149)

Imagina-se que o fotógrafo, com a experiência até então por volta de 30 anos, quando possível também pudesse escolher momentos calculados a fim de obter resultados excepcionais nas imagens captadas. Exequível, ainda, por se tratar de fotografias de elementos estáticos, inanimados.

Esta característica de espera pelo momento ideal para se obter a fotografia perfeita, de acordo com Espada (2012), também pertenceu ao fotógrafo Marcel Gautherot. "Suas próprias imagens são a maior demonstração de que, para ele, fotografar era sobretudo um ato de compor, sendo capaz de prever mentalmente o lugar adequado de cada elemento." (ESPADA, 2012, p. 145)

Outra série detectada é a inserção da figura humana posada, integrando a composição final do quadro fotográfico. Esta série é representada principalmente pela presença das filhas de Napier Nascimento - o Bulute - primo, iluminador e laboratorista de Geraldo Vieira. As garotas - também sobrinhas de Geraldo Viera - compunham-se em três irmãs: as gêmeas Marina e Marilda e a irmã mais velha, Marilena. A presença da mãe e avó materna das garotas ora se faz presente, respectivamente, Neusa e dona Irma. Em expedição posterior, há a presença das mesmas em belíssimas fotos.

São composições com poses pensadas, em consonância com o objeto no qual as figuras humanas iriam se apoiar. É clara a intenção de um pensamento compositivo que resulte num princípio de ordem harmônico e simétrico. Como também, é evidente a relação estabelecida entre a experiência como fotógrafo de estúdio refletida na atuação como fotógrafo externo, ao posicionar as figuras humanas de maneira que se consiga o resultado final esperado.



Fotografia 59- Sobrinhas de Geraldo Vieira: ao centro Marilena, ao seu lado Marina e Marilda. Ainda, Dona Irma e Neusa, mãe e avó das garotas; posadas na Capela Nossa Senhora de Fátima, em fase final de construção.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Na fotografia 59, houve a utilização da regra dos terços com foco principal na cobertura da capela aliada aos princípios de ordem harmonia e simetria. Estes, demonstrados pelo posicionamento das figuras humanas em cena, respeitando as alturas de cada uma delas e centralizando-as ao pilar de sustentação da cobertura da capela, conferindo uma perfeita simetria na imagem final.

Fotografia 60- Palácio da Alvorada.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nas próximas imagens é percebido o grande contraste entre o céu e as edificações. O céu, como dito anteriormente, elemento de importância e constância nas imagens de Geraldo Vieira referentes às expedições de Brasília.

Aqui, o Palácio da Alvorada em perspectiva, com sua fachada permeável e transparente. Em destaque, num plano posterior os pilares que por si só, devido ao seu desenho, parecem flutuar na terra, resplandecem ao olhar. Ainda, a presença das luzes e sombras que se formam dentro da edificação, devido ao reflexo da água, como também nos

vidros, pelo reflexo solar. Linhas puras que se misturam com linhas sinuosas. O reflexo da água na laje de cobertura traz um senso perceptivo de que as nuvens estejam passando por um plano transparente. Uma ilusão de ótica.

Fotografia 61- Capela Nossa Senhora da Conceição.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nesta foto da Capela Nossa Senhora da Conceição, ou Capelinha do Palácio da Alvorada, nota-se o papel a que se submete a figura humana: conferir noção de escala a esta obra. Apesar do enquadramento total e central da edificação, o céu obteve destaque maior se for considerada a regra dos terços. A luz apresentou um papel predominante nesta

imagem. Considerando-se a fachada da cruz como principal, a luz é projetada na direção desta face, conferindo à edificação a iluminação necessária para que uma hierarquia seja estabelecida.

Fotografia 62- Brasília Palace Hotel.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

As fotos referentes ao Brasília Palace Hotel são marcadas por perspectivas agudas, que conferem uma relação de monumentalidade à obra. Mais uma vez é percebido o contraste entre edificação e o céu através do posicionamento da luz. As sombras dos

pilares projetadas na terra configuram, assim como os próprios pilares, um princípio de ordem de ritmo que parece tender ao infinito, em decorrência da perspectiva.

Fotografia 63- Brasília Palace Hotel.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Notável imagem em perspectiva aguda. O grande bloco de linhas puras resplandece em contraste com o céu nebuloso e escuro. A impressão é a de que uma grande escultura pousou na terra árida, que aos poucos foi se transformando na sonhada metrópole moderna. O foco principal é a edificação, o céu, secundário. Porém, se a imagem

estivesse centralizada na foto, de modo que o mesmo espaço dedicado ao céu também se dedicasse à terra (chão), não se teria igualmente o efeito perceptivo de monumentalidade.

Fotografia 64- Brasília Palace Hotel.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Simetria e eixo são os princípios de ordem. Uma foto que foge totalmente do convencional, um olhar poético que não revela uma vontade de transmitir um sentimento óbvio. Céu e terra se confundem, sombra e luz não se sobrepõem, mas se complementam.

Fotografia 65- Brasília Palace Hotel.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Esta imagem também possui uma perspectiva aguda e profunda, dando a impressão de um comprimento gigantesco. Sua composição contém a presença de objetos estáticos como também da figura humana. Ao contrário das imagens 63 e 64, a hierarquia estabelecida entre edifício, céu e terra estão estabilizadas.

Fotografia 66- Trabalhadores no plantio de grama no entorno do Brasília Palace Hotel. Parede revestida de azulejos de Athos Bulcão.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Ao analisar bem esta imagem, percebe-se que entre os trabalhadores há um outro fotógrafo que também compõe uma cena específica. Assim, estabelece-se uma relação de contiguidade. A regra das metades é evidente. O chão gramado equivale à somatória da edificação em plano de fundo com o céu. Transparece, ainda, um contraste de sensações e texturas: as nuvens, pela maciez; a laje de cobertura, pela lisura; o painel de azulejos, pela granulosidade; a grama, pela aspereza.

Fotografia 67- Trabalhadores em canteiro de obras. Aos fundos, Palácio da Alvorada.
Entre maio e junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Mais uma vez, Geraldo Vieira utiliza-se da contraluz para evidenciar os trabalhadores fulgurantes em contraste com o céu escuro e nebuloso. Utiliza-se ainda do princípio de ordem da simetria, estabelecida através da projeção de seu autorretrato. A luz evidencia as figuras humanas, ainda que o quadro fotográfico confira maior destaque ao céu.



2.1.4 | A QUARTA EXPEDIÇÃO: 30 DE JUNHO DE 1958

No silêncio da paisagem êrma, em meio ao belo natural, o belo artístico se impõe. É o Palácio da Alvorada, ostentando todo o seu esplendor e estética arquitetônica. Mais uma vez o gênio brasileiro, de braço com o Brasil, na sua flora e na sua fauna, aparece para a sua glória visível. Oscar Niemeyer planta o marco de sua imortalidade histórica dando à Brasília a primeira jóia. Ali, o Palácio da residência do Presidente da República, ladeado de belíssimo lago artificial - símbolo da paz nacional, e de uma capela, onde Deus receberá os gemidos e as aspirações pátrias, descobre-se, para sua inauguração, no dia 30 de junho próximo. (NOVACAP. A marcha da construção de Brasília. **Revista Brasília**, Brasília, ano II, n. 17, p. 5, maio 1958)

Passado-se pouco tempo, a quarta expedição à Brasília foi realizada. Desta vez, desbravando o interior mineiro rumo ao Palácio da Alvorada por meio de uma Volkswagen Kombi 1957, figuraram apenas o fotógrafo Geraldo Vieira acompanhado de um amigo, segundo entrevista realizada com seu filho Bruno Vieira. Na análise das fotografias geradas por esta expedição também pôde-se notar a ausência de fotos de grupos de pessoas que se assemelhassem ao grupo da embaixada araguarina, outrora presente na primeira expedição do dia 3 de maio de 1957.

Os anos de 1958 assinalaram a publicação de textos - pelo jornal Gazeta do Triângulo - ainda mais efusivos sobre a concretização da mudança da nova capital. Foram ao total 18 edições nas quais os temas Brasília e Juscelino Kubitschek estiveram presentes. Em destaque, devido às imagens de Geraldo Vieira contidas nas publicações, pode-se mencionar as edições de 17 de junho de 1958 e 22 de junho de 1958. Ao fazer a análise de tais imagens contidas nestas edições, observa-se que as mesmas fazem parte do conjunto de fotografias geradas na primeira expedição à Brasília (1957). No decorrer do ano de 1959 permanecem publicações referentes à Brasília e num determinado número é editada uma reportagem com fotos especiais de Geraldo Vieira. (Ver anexo 2)

Em 17 de junho de 1958, a matéria intitulada "BRASÍLIA: a obra do século!" - escrita por João Domingos, um dos redatores do jornal Gazeta do Triângulo - foi estampada na capa principal do periódico: (ilustrada com a fotografia real aqui disposta como número 29).

ARAGUARI, no Triângulo Mineiro, situa-se no mais importante entroncamento na rota de Brasília, futura Capital Federal.

GAZETA DO TRIÂNGULO tem sido, desde os primeiros e vitoriosos momentos do nascimento de Brasília, a interprete legítima das esperanças de milhões de brasileiros, nesta faixa do Brasil Central.

A foto nos mostra a caravana araguarina que visitou o sítio da Nova Capital, em 3 de maio de 1957, por ocasião da primeira Missa celebrada em Brasília. A bordo de um DC-3 da Real, vemos: srs. Antônio Boaventura Sobrinho - Dr. João Nascimento Godoy - Antônio Veloso de Araújo - Frei Demétrio Calichio - Dr. Elpídio Viana Canabrava e sra. - Dr. Nilo de Oliveira e sra. - Sr. e sra. Rossini Aguiar Ribeiro e outros.

Agora, ao aproximar-se a inauguração oficial do Palácio da Alvorada, dia 30, os araguarinos se movimentam para participar do grande acontecimento político-social, na vida da República brasileira. (Gazeta do Triângulo, 17 de junho 1958, ano XXII, nº 1719).

Fotografia 68 - Reportagem "Brasília: a obra do século!".
17 de junho de 1958.



Fonte: BRASÍLIA: a obra do século! Gazeta do Triângulo, Araguari, 17 de junho 1958.

Página principal, p.1.

Acesso: 30/10/2014. Arquivo Histórico e Museu Dr. Calil Porto.

Foto: Larissa Ribeiro Cunha

A reportagem já prenuncia o motivo e a próxima data de retorno à Brasília pelos responsáveis em fazer a cobertura oficial ao jornal Gazeta do Triângulo: a solenidade de inauguração do Palácio da Alvorada, ocorrida em 30 de junho de 1958. A descoberta desta expedição só foi possível através de comparações entre as fotografias do acervo e fotografias publicadas na época, especialmente através da Revista Brasília, na edição de número 18 (na qual o assunto principal foi a inauguração do Palácio da Alvorada).

Nesta expedição, pode-se notar que as tipologias das imagens se repetem: voltadas a uma estética documental e imagens de elementos estáticos: arquiteturas, estradas, paisagens.

Em relação à estética documental, as imagens se referem à solenidade de inauguração do Palácio da Alvorada por Juscelino Kubitschek, ato que foi considerado o marco inicial da transferência da Capital para o Brasil Central.

De acordo com a Revista Brasília,

A inauguração do Palácio da Alvorada foi a solenidade culminante das que se realizaram, todas elas relacionadas com o nascimento da futura Capital brasileira, que já se agiganta nas obras da Novacap. Estradas com revestimento asfáltico, blocos de casas populares, conjunto de apartamentos, granjas ortículas, fundações de concreto para os edifícios do Congresso e do Supremo Tribunal, além de outras, são obras que vão surgindo cêleremente no cenário de Brasília, de conformidade com o Plano Piloto, a fim de que no dia 21 de abril de 1960 a cidade esteja em condições de transformar-se em Capital do país. (NOVACAP. Inaugurações de Brasília. **Revista Brasília**, Brasília, ano II, n. 18, p. 2-3, junho 1958).

Ainda, é mencionada a inauguração do marco comemorativo da solenidade do Palácio da Alvorada, simbolizado por um bloco de granito colocado no espelho d'água desta edificação; a inauguração da estrada Anápolis - Brasília (foi a primeira desta série de inaugurações no dia 30 de junho); a inauguração do Brasília Palace Hotel e da Avenida das Nações.

Outras estradas estavam em processo de pavimentação e abertura, como também de planejamento. A viagem de Kombi propiciou que Geraldo Vieira retratasse tais rodovias, paisagens. O veículo também foi objeto compositivo em algumas imagens, como pode-se notar na fotografia 22 e 73.

Fotografia 69 - Juscelino Kubitschek discursando na inauguração do Palácio da Alvorada.
30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nesta imagem pode-se perceber que o fotógrafo deu ênfase à estrutura do Palácio da Alvorada, diga-se plano do teto e o plano de piso. Se for traçada uma linha imaginária do horizonte, nota-se que a parte relacionada ao teto obteve maior importância. Tal fator se deve ao posicionamento que Geraldo Vieira concedeu à *Rolleiflex*: apoiou a câmera na mureta que separa o palanque de discursos, posicionado em um nível superior ao nível do piso do Palácio, este, aonde se encontravam os convidados. Dessa forma, a imagem obtida gerou um ponto de fuga descentralizado, localizado exatamente na posição da

câmera fotográfica. Tal elevação da área de discursos conferiu, em relação às escalas humanas, maior grau de importância na figura do presidente Juscelino Kubitschek, que encontra-se na lateral direita da fotografia. Em segundo plano e em vista frontal, encontra-se a parte final da mureta já mencionada. O espelho, localizado em penúltimo plano, conferiu a uma das linhas de iluminação do teto certa continuidade. Através do reflexo gerado, pôde-se notar o posicionamento do fotógrafo e da câmera *Rolleiflex*.

Fotografia 70 - Embaixadores e congressistas na inauguração do Palácio da Alvorada.
30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 71 -Autoridades eclesiásticas deixando o Palácio da Alvorada após a inauguração. Ao centro, cardeal - arcebispo de São Paulo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. 30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Na fotografia 70, ainda em posição privilegiada, Geraldo Vieira retratou parte dos congressistas e embaixadores. É grande o contraste da iluminação externa com a interna devido ao contraluz gerado. Os populares, que aguardavam a saída do Presidente Juscelino Kubistchek e das autoridades transmitem certa noção da escala em relação aos pilares do Palácio da Alvorada, conferindo-lhes grandiosidade. A fotografia 71 retrata as autoridades eclesiásticas saindo do Palácio da Alvorada. Instante propício, enquadramento da imagem de

maneira que o céu novamente pudesse ser visto: ao natural e refletido nos panos de vidro do Palácio.

Fotografia 72 -Vista de parte do Palácio da Alvorada.
30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Mais uma vez a linguagem desta imagem segue a dualidade céu e terra, e o Palácio da Alvorada a mediania entre os dois. A lateral direita da fotografia gera uma abertura pela finalização da edificação e confere ao piso de concreto junto à grama um caminho em perspectiva. As moças na lateral direita da imagem, trajando vestidos, refletem alguns códigos de comportamento da classe social da época. Certa noção de representação

social, assim, pode ser identificada. As fotos mostram indícios de que a participação de populares na solenidade de inauguração do Palácio da Alvorada não foi tão expressiva, se compararmos à quantidade de convidados presente no Palácio.

Fotografia 73 -Canteiro de obras.

30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: Geraldo Vieira

Aqui a dualidade céu e terra se repete, separados pelas obras em crescimento. O fotógrafo utiliza-se de sua Kombi 57 para compor a cena e isto é repetido em outras imagens. Dessa forma, percebe-se a intenção de Geraldo Vieira em documentar nesta série de fotos o meio de transporte usado para esta expedição.

Fotografia 74 -Estradas que saem e levam à Brasília
30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O princípio de ordem de simetria bilateral é notadamente expresso nesta imagem. A regra dos terços também, evidenciada em maior proporção na estrada (2/3), elemento no qual o fotógrafo designou ser o foco principal do quadro fotográfico. Desta série de fotos nas estradas, pôde ser confirmado um trajeto que afirmadamente o fotógrafo e seu amigo percorreram com a Kombi 57. Um trecho da Rodovia Belo Horizonte - Brasília. A imagem 75 exprime as rotas que levavam à Brasília nos anos de 1958, em detalhe se a rodovia se encontrava pavimentada ou não, em processo de projeto ou construção.

Fotografia 75 - Acessos rodoviários à Brasília



Fonte: (NOVACAP. Rodovias. **Revista Brasília**, Brasília, ano II, n. 23, p. 17, novembro 1958)

Fotografia 76 -Rodovia Belo Horizonte - Brasília | Trecho Paracatu - Luziânia
30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: *Self Timer Rolleiflex*

A afirmação de passagem pela Rodovia Belo Horizonte - Brasília está documentada nesta imagem, como também na fotografia 77. Aqui, Geraldo Vieira e seu companheiro de viagem posam juntamente com a Kombi 57 na placa indicativa de obras rodoviárias, especificamente no trecho Paracatu - Luziânia. A parada na cidade de Paracatu também foi documentada. Geraldo Vieira registrou três fotos da cidade: uma, relativa à um casarão da época e as demais das Igrejas Matriz de Santo Antônio e Igreja Presbiteriana de Paracatu.

Fotografia 77 -Aos fundos, Igreja Matriz de Santo Antônio de Paracatu, Paracatu-GO.
30 de junho de 1958.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.

Foto: Geraldo Vieira

A fotografia 77 registra uma rua típica das cidades de interior, ainda com calçamento em pedra. A perspectiva direciona à lateral da Igreja Matriz de Santo Antônio. Atualmente, resta apenas uma palmeira ladeando a mesma. A iluminação natural aparece com maior incidência no lado esquerdo da imagem, assim como na igreja, aonde um ponto de fuga pode ser imaginado. Novamente, diante do efeito da luz, pode-se notar a escuridão da terra e a claridão do céu.

2.1.5 | A QUINTA EXPEDIÇÃO: ABRIL DE 1959

[...]
Brasília!
Um gigante se levanta
E dos Planaltos espanta
A seriema veloz!
Novos pássaros de aço,
Asas libertas no espaço,
O Brasil por todos nós!
Brasília!
Brasília!³²

(NOVACAP. Brasília na literatura. **Revista Brasília**, Brasília, ano III, n. 28, p. 16, abril de 1959).

Na edição da revista Brasília de abril de 1959 foram publicadas fotografias de Mário Fontenelle que demonstram o estado em que se encontravam as obras em Brasília, como era o costume e dever de tal publicação mensal. A coluna intitulada 'O Congresso Nacional' foi o parâmetro para que a provável data das fotografias desta expedição pudesse ser identificada: o mês de abril. Nas edições anteriores do ano de 1959, as obras - em especial do Congresso Nacional e Esplanada dos Ministérios - mostravam-se em fase inferior de construção se relacionadas às imagens semelhantes de Geraldo Vieira. Contudo, em fotografias publicadas no mês de abril, assemelham-se completamente. Dessa forma, fotografias que remetem à construção do Congresso Nacional e da Esplanada dos Ministérios formam a série fotográfica desta expedição.

Diante da leitura dessas imagens foi detectada uma característica comum a todas: o registro de estruturas metálicas, as quais conformariam os prédios do Congresso Nacional e da Esplanada dos Ministérios. Encontravam-se erigidas e finalizadas. Já em concreto, observou-se construídas apenas a cúpula do Senado e consequentemente a laje que a sustenta, como também a rampa do Congresso Nacional.

Tais fotografias demonstram um aspecto permeável, desértico e de ossatura dessas edificações. Os esqueletos estruturais de uma arquitetura vindoura. São imagens que trazem a sensação de que uma arquitetura está a nascer do solo árido do sertão goiano, com

³² Trecho da primeira composição poética sobre Brasília, de dezembro de 1956. Foi cantada na solenidade da Primeira Missa de Brasília.

tomadas que ora conferem monumentalidade às obras, ora pequenez diante do imenso céu. Diferentemente de muitas imagens retratadas por Marcel Gautherot, as fotografias em questão de Geraldo Vieira conferem um sentido documental e não simbólico à nascente arquitetura brasiliense, como disserta Espada (2011) ao referir-se à imagens de M. Gautherot que retratam o eixo monumental em construção. A série de imagens assemelha-se mais ao estilo de retratar de Mário Fontenelle, fotógrafo oficial da revista Brasília.

Numa das fotos mais emblemáticas sobre a construção do eixo monumental, feita por volta de 1958³³, as torres do Congresso Nacional e as estruturas metálicas da Esplanada dos Ministérios, situadas na linha do horizonte e diluídas numa nuvem de poeira, parecem surgir do nada. Vemos o topo das torres logo acima do ponto de fuga de uma perspectiva que é apenas esboçada na terra. Não há trabalhadores, não há esforço humano. Somente as nuvens, ocupando quase dois terços da foto, têm um desenho nítido e reluzente. Elas desempenham um papel decisivo na imagem a nos dizer que a edificação da capital é um "milagre". [...] O sentido da imagem é decididamente mais simbólico do que documental. É como se a cidade moderna nascesse de um sopro, de uma vontade divina. O fato de ela mostrar Brasília como um esboço, no plano da promessa, amplia ainda mais o seu significado. (ESPADA, 2011, p. 26)

Fotografia 78 - Print screen da imagem de Marcel Gautherot relativa à citação acima. Retrata, a partir do Eixo Monumental, a estrutura metálica das torres do Congresso Nacional ao centro e nas laterais, as estruturas dos ministérios.



Fonte: INSTITUTO MOREIRA SALES. **Acervo fotográfico de Marcel Gautherot sobre Brasília.** Disponível em: <www.fotografia.ims.com.br. Acesso em: 02 julho 2016.

³³ Diante de todas as pesquisas efetuadas pela autora é sabido que nos anos de 1958 ainda não havia sido erguida as estruturas metálicas das torres do Congresso Nacional. Assim, pode-se afirmar que tal imagem pertence ao ano de 1959.

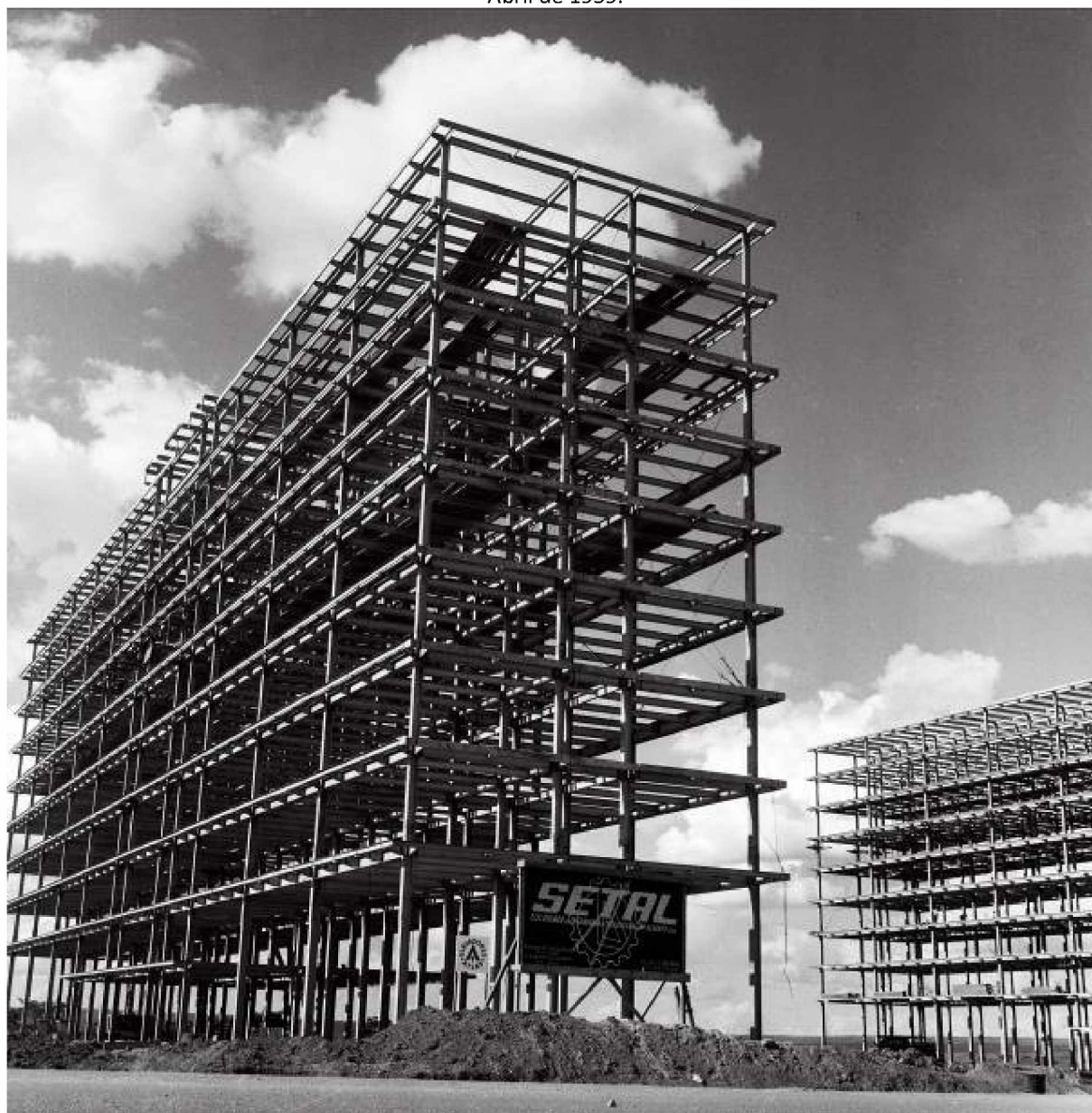
Fotografia 79 -Estrutura metálica erigida dos Ministérios.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A fotografia 79, pela regra das metades, exhibe a dualidade céu e terra separada pela linha do horizonte. Em segundo plano destaca-se a trilha na terra impressa por algum veículo, nitidamente observável pela diferença de tons de cinza. O mesmo ocorre com as vigas metálicas em "i", em plano posterior. Ainda, atrás das vigas há a presença de barracões de madeira para apoio à construção e por conseguinte a sequência dos ministérios em leve perspectiva. A permeabilidade que a estrutura metálica impõe faz com que se possa avistar até certo ponto o horizonte. Pelo distanciamento do quadro fotográfico, as estruturas perdem certa impressão de monumentalidade.

Fotografia 80 -Estrutura metálica erigida dos Ministérios.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Ainda sobre as estruturas metálicas dos ministérios, nesta imagem pode-se perceber com maior clareza os detalhes construtivos. Tanto pelo ângulo da foto como pela perspectiva gerada, o ministério torna-se semipermeável, enquanto que ao seu lado e um pouco mais adiante o outro bloco de estruturas metálicas torna a característica da permeabilidade mais aparente. Aqui o foco principal se deu na estrutura, que pela imposição causa a impressão de monumentalidade. As nuvens no céu, como pano de fundo, parecem até alcançáveis.

Fotografia 81 - Congresso Nacional em construção.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A partir desta imagem há uma sequência de diferentes vistas causadas pelo distanciamento do fotógrafo em relação ao objeto que conferiu maior importância para cada quadro fotográfico. Todas são relativas ao Congresso Nacional. A fotografia 81 utiliza-se da regra dos terços para dar maior ênfase no contraste das torres com o céu. A única imagem deste conjunto a apresentar a figura humana em sua composição. A laje que sustenta as cúpulas e conecta-se à rampa segue certo paralelismo com a linha do horizonte, por pouco não se tornaram coincidentes.

Fotografia 82 - Congresso Nacional em construção.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Aqui observa-se a altivez do céu em contraposição às estruturas da edificação. O helicóptero à esquerda da fotografia confere a diferenciação de escalas: um ponto mínimo diante do céu como também das torres do Congresso. O destaque maior foi encarregado ao céu. Neste helicóptero provavelmente encontrava-se Juscelino Kubitschek. É sabido que o J. K. fazia vistorias nas obras de Brasília através deste meio de locomoção.

Fotografia 83 - Congresso Nacional em construção.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Na fotografia 83, apesar da hierarquia das formas entre o esqueleto estrutural metálico das torres em relação à cúpula em segundo plano, ambos transmitem a sensação de monumentalidade. Num close maior, se comparado à fotografia 82, avista-se novamente o helicóptero. A definição de tons de cinza e a pouca incidência de nuvens no céu faz com que o mesmo se torne um pano de fundo de menor importância, se for pautada a comparação com as imagens anteriores. Aqui a dualidade ficou por conta dos materiais

empregados nas estruturas como também das formas: o concreto x o metal; a linha sinuosa x a linha retilínea.

Fotografia 84 - Congresso Nacional em construção.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A perspectiva gerada pelo ângulo de tomada, juntamente ao uso da regra das metades fez com que fosse gerada esta incrível imagem. Como no Brutalismo, a verdade dos materiais é forte, aparente. As escalas dos elementos chegam quase a se equiparar, tamanha a espessura da laje em primeiro plano. Em penúltimo plano e quase

desapercebido, o helicóptero se faz presente. Outro fator de importância é a diversidade de texturas que pode-se perceber nesta fotografia.

Fotografia 85 - Congresso Nacional em construção.
Abril de 1959.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A fotografia 85 revela a perspicácia no olhar de Geraldo Viera. Aqui, o seu lado de fotógrafo-artista predominou. Aproveitando-se da posição solar, o fotógrafo conseguiu o contraluz ideal para a composição desta imagem. Os raios solares parecem sair de dentro do esqueleto metálico das torres, como se algo fosse suceder. Um contraste é gerado através

da escuridão das estruturas arquitetônicas em detrimento da resplandecência das nuvens. Ainda, estrutura e céu se mostram com iguais graus de importância.

Como dito anteriormente, a intenção do fotógrafo-documental é diferente da intenção do fotógrafo-artista, porém em alguns momentos estas características se mesclam inevitavelmente. Igualmente a M. Fontenelle, a princípio Geraldo Vieira fora contratado para documentar o passo a passo da construção de Brasília; fotógrafo-repórter, assim designado nas matérias dos jornal Gazeta do Triângulo. É inegável que além da responsabilidade documental o fotógrafo também imprimiu o seu lado artístico e poético na retratação da epopeia brasiliense. Porém, tal impressão não se pautava numa longa espera a fim de aguardar o momento ideal para um registro específico, assim como Marcel Gautherot o fazia.

Em 22 de agosto de 1959 é publicada uma reportagem no jornal Gazeta do Triângulo, com o texto do colaborador Abdala Mameri e fotos especiais de Geraldo Vieira, intitulada "BRASÍLIA - A CONQUISTA DE UMA NOVA ERA. A mais arrojada realização brasileira do presidente Juscelino Kubitschek." Será a penúltima edição ilustrada com imagens do fotógrafo. (Ver anexo 2)

Quatro fotografias foram publicadas em acompanhamento ao texto. Mostrar a evolução das obras era algo importante para o jornal, na medida em que a fotografia se despontava como um meio concreto e realístico, em detrimento das colunas progressistas escritas pelos colaboradores do periódico. A imagem como respaldo de um texto.

Não foi mencionado nos periódicos posteriores exposições fotográficas do Gazeta do Triângulo em parceria com Geraldo Vieira. Porém, em entrevista com seu filho, Bruno Vieira afirmou que o pai realizava periodicamente exposições em seu estúdio fotográfico.

O jornal continuará a noticiar reportagens sobre Brasília até a sua inauguração, em 21 de abril de 1960³⁴. E apenas nesta edição, especial sobre a inauguração, voltará a publicar imagens concebidas por Geraldo Vieira. Diante do número de expedições realizadas pelo fotógrafo, é de se intrigar sobre a não publicação de suas imagens em tempo real nas reportagens sobre Brasília escritas pelo jornal Gazeta do Triângulo.

³⁴ Como o recorte de estudos desta dissertação compreende até meados de 1960, não foram pesquisados periódicos que vão além desta data.

2.1.6| A SEXTA EXPEDIÇÃO: 23 DE FEVEREIRO DE 1960

"Prezado dr. Pinheiro. Como suponho que o sr. percebeu, fiquei impressionado, muito mais que as palavras podem descrever, pela Brasília que eu vi e pela Brasília que eu tenho certeza que será uma completa realidade dentro de poucos meses. Peço que aceite minhas sinceras congratulações por uma das mais significativas realizações dos tempos modernos. Ao senhor e a cada um dos milhares de pessoas que participam do projeto de Brasília, qualquer que seja sua tarefa individual, eu renovo minha profunda admiração. Muito lhe agradeço sua cortesia e gentileza para comigo. Com os melhores votos e afetuosos cumprimentos, sinceramente, D. Eisenhower."³⁵ (NOVACAP. Eisenhower e Brasília. **Revista Brasília**, Brasília, ano IV, n. 40, p. 90, abril 1960).

De acordo com a revista Brasília, edição nº 40 de abril 1960, o então presidente dos Estados Unidos da América - Dwight David Eisenhower - pousou seu avião *Air Force One* no aeroporto brasiliense no dia 23 de fevereiro de 1960, a dois meses da inauguração da nova capital do Brasil. Desde a sua descida do avião, Eisenhower foi aclamado por autoridades, políticos, populares, dentre outros.

A sua recepção ficou por conta do presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, como também de militares, chefes de Estado, autoridades etc. Após os devidos cumprimentos e continências, Eisenhower juntamente a Juscelino embarcaram no carro presidencial e seguiram até a Praça dos Três Poderes, através da Avenida Monumental.

Ao percorrer Brasília, conhecer as edificações finalizadas como também as que se encontravam em construção, Eisenhower demonstrou-se entusiasmado com a nascente capital. Ainda, lançou a pedra fundamental do edifício da Embaixada dos Estados Unidos que viria a ser construído.

Este acontecimento em Brasília chamou a atenção de pessoas diversas, principalmente de fotógrafos. Estes, que se somavam em grande número, alocados nas barreiras de proteção que foram distribuídas nos arredores do aeroporto, na ocasião da chegada de Eisenhower.

Tal ocorrência foi o motivo da sexta expedição de Geraldo Vieira, cuja participação se deu juntamente com outras personalidades de Araguari. Em especial,

³⁵ Trecho de uma carta escrita por Dwight David Eisenhower - na época presidente dos Estados Unidos - para Israel Pinheiro, logo após a sua visita em Brasília em 23 de fevereiro de 1960.

destaca-se a presença do diretor e redator do jornal Gazeta do Triângulo, João Nascimento de Godoy e do repórter da Rádio Cacique de Araguari, Veloso Júnior.

As fotos desta expedição também enquadram-se em uma estética documental, representadas pelas imagens da recepção, trajetos automobilísticos e solenidades concedidas a Eisenhower. Geraldo Vieira acompanhou quase todos os momentos importantes vivenciados pelo presidente estadunidense em Brasília. Dessa forma, as fotos seguem uma narrativa visual que se equipara à narrativa textual escrita na revista Brasília, número 40, de abril de 1960, sobre a reportagem 'Eisenhower em Brasília'. Novamente Geraldo Vieira utilizou de sua técnica do cabo de disparo remoto, detectada em imagens onde há um aglomerado maior de pessoas.

É interessante notar que Geraldo Vieira permaneceu numa posição diferente da grande aglomeração dos fotógrafos. Estes, no aeroporto a aguardar a descida de Eisenhower da aeronave, se encontravam na ponta dianteira do avião, enquanto Geraldo Vieira encontrava-se numa borda oposta, ao lado de uma tropa de militares em fila. Ao analisar as imagens, acredita-se que o fotógrafo, por estar localizado nesta posição, tenha obtido imagens em um ângulo diferente da grande maioria dos fotógrafos. (Uma das imagens é a fotografia 87).

Repete-se também a tipologia de fotografias de arquitetura, ora transparecendo magnitude, ora apenas como plano de fundo. Não obstante, ainda nota-se a presença de fotografias posadas, referentes à pessoas de Araguari, populares e novamente das sobrinhas de Geraldo Vieira, Marilena, Marina e Marilda. Estas, presentes em um número expressivo de imagens.

Neste momento percebe-se uma Brasília efusiva relacionada ao término das construções priorizadas por Juscelino Kubitschek. O árido sertão goiano vai aos poucos dando lugar à cidade de concreto, moderna, branca, linear, metódica, monumental. Através das imagens de Geraldo Vieira sobre as expedições, pode-se acompanhar claramente a evolução de algumas edificações. Inacreditável é a palavra ao se pensar que num espaço de tempo de dois meses imagens captadas nesta expedição iriam se transfigurar com tamanha rapidez. A fotografia 99 reflete esta indagação, ao ser comparada à fotografia 113 da próxima e última expedição da epopeia brasiliense.



Fotografia 86 - Avião *Air Force One* do presidente Eisenhower.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A tomada desta fotografia transparece a sensação de que o *Air Force One* seja muito maior do que é na realidade. A sequência de planos delimita os graus de imponência, comparando-se a grandiosidade da turbina com a estatura das pessoas. Neste momento Geraldo Vieira certamente pôde calcular o melhor ângulo e iluminação a fim de retratar esta cena.

Fotografia 87 - Presidente Eisenhower, após descida do avião.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A fotografia 87 traduz em palavras: ordem e sequência. Da linha do horizonte, localizada exatamente ao meio da imagem, surgem duas linhas de fuga que se findam nas bordas da lateral direita da fotografia. Um cone é formado e perfeitamente preenchido pelos militares, devido à postura retilínea e constante dos mesmos. Ao centro da imagem, a figura de Eisenhower é composta harmoniosamente.

Fotografia 88 - Populares e fotógrafos após derrubada das barreiras de proteção. Ao centro, Juscelino Kubitschek, Eisenhower e demais autoridades.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nesta imagem Geraldo Vieira utilizou de sua técnica do cabo de disparo remoto. Na posição em que se encontrava, seria difícil 'lutar' por espaços tanto com os demais fotógrafos quanto com os populares, que invadiram a área delimitada ao presidente Eisenhower. É possível identificar os dois presidentes aplicando-se um *zoom* na imagem. O quadro fotográfico é quase que preenchido totalmente pelas pessoas.

Fotografia 89 - Populares acompanhando Juscelino Kubitschek e Eisenhower nos trajetos à Brasília.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Nota-se nesta série que foram confeccionados elementos que reportam a Eisenhower, a fim de recepcioná-lo. Aqui, a exemplo de um cartaz colocado em um Romi - Isetta, o primeiro carro fabricado no Brasil, em 1956. Dessa forma, ter um carro significava pertencer à uma classe social mais abastada. Certa noção de representação social, então, pode ser identificada. A imagem dividi-se em duas partes iguais, interseccionadas pela moça que porta um lenço na cabeça. Um enquadramento harmônico.

Fotografia 90 - Solenidade de descerramento do marco comemorativo que demarcou o local destinado à construção da Embaixada Americana, em homenagem à visita de Eisenhower à Brasília.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Aqui, o registro do descerramento do marco comemorativo que demarcou o local destinado à construção da Embaixada Americana. Com as mãos na bandeira americana, o presidente Eisenhower. A fotografia contém uma tomada de ângulo bem superior, demonstrando que mais uma vez Geraldo Vieira utilizou-se do método do cabo de disparo remoto.

Fotografia 91 - Estado em que se encontrava as obras das torres do Congresso Nacional.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Essa fotografia traduz completamente a ideia de uma arquitetura monumental. A escolha da distância, o ângulo de tomada como também a presença das figuras humanas colaboraram para tal impressão. As personagens que compõem a foto são as sobrinhas de Geraldo Vieira juntamente à mãe e avó. Quase que desaparecem no horizonte. Ao contrário da fotografia 91, as duas que se seguem colocam a arquitetura em segundo plano. Diante do

ângulo e distância que o fotógrafo delimitou para as cenas, a escala que confere monumentalidade às obras arquitetônicas é substituída pela modéstia.

Fotografia 92 - As sobrinhas de Geraldo Vieira, Marina, Marilena e Marilda.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O foco principal é a figura humana, que literalmente "rouba a cena." A imagem 92 também transmite a ideia de texturas virtuais diversificadas. Mais uma foto posada por instrução do fotógrafo, conferindo equilíbrio e beleza à composição final.

Fotografia 93 - Componentes da embaixada araguarina. Aos fundos, o Palácio da Alvorada.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Esta imagem ainda pertence ao seguimento no qual a escala humana possui maior importância em relação à arquitetura. Esta, que concebe uma ideia de localização. A paginação do piso em linhas de fuga instrui o olhar para o centro da foto, aonde se encontra o Palácio da Alvorada. A regra das metades (no sentido horizontal) assim como a regra dos terços (no sentido vertical da imagem) pode ser observada. Como numa capa de disco dos anos 50, Geraldo Vieira certamente orientou os rapazes para se posicionarem desta maneira.

Fotografia 94 - Vista de um canteiro de obras. Na lateral direita, vê-se parte das torres do Congresso Nacional.
23 de fevereiro de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A imagem 94 retrata o estado em que se encontravam parte das obras do Congresso Nacional e do Palácio do Planalto. O ângulo escolhido pelo fotógrafo confere uma ampla profundidade de campo. A presença de elementos a exemplo de carros e pessoas transmitem a sensação de monumentalidade à parte das torres do Congresso Nacional, posicionada à esquerda do quadro fotográfico, como também da imensa área de chão que em breve seria concretada e construído um espelho d'água. O céu, mais uma vez, em destaque e equilíbrio com a terra (obras e construções).

2.1.7| A SÉTIMA EXPEDIÇÃO: 21 DE ABRIL DE 1960

Nunca te vi de perto; agora vejo
e sinto e apalpo todo o meu desejo
é que sejas em tudo uma cidade
completa, firme, aberta à humanidade,
e tão naturalmente capital
como o Rio é uma coisa sem igual.
(ANDRADE, 1967 apud OLIVEIRA, 2008, p.1)

Enfim, o tão proclamado dia da inauguração da transferência da nova capital chegara. O desafio que fora lançado tomou formas concretas. Brasília, ainda que não totalmente erigida tornou-se realidade, tendo a arquitetura e urbanismo como elementos sólidos para esta efetivação.

Araguari, com seus intelectuais, jornalistas, personalidades e pessoas importantes da cidade as quais acreditavam na concretização de Brasília (diga-se aqui principalmente os "juscelinistas"), também festejaram esta 'vitória'. Afinal, para alguns destes personagens foram três anos e meio de acompanhamento das etapas do desenvolvimento paulatino; de publicações ufanistas relacionadas à defesa da epopeia brasiliense; do registro pragmático e artístico da arquitetura que tomava formas; da disseminação do ideário de interiorização da Capital e por conseguinte, do Brasil, que propiciaria a realização do sonho de um movimento desenvolvimentista econômico, social, estratégico e cultural para o interior brasileiro.

As solenidades comemorativas da inauguração de Brasília se iniciaram no dia 20 de abril e findaram em 23 de abril de 1960. Assim sendo, estes dias marcaram também o início e fim da última expedição fotográfica de Geraldo Vieira. Acompanhado de seus filhos Luiz, Bruno e Leandro, o fotógrafo - como até então de praxe - registrou praticamente todos os momentos solenes de tais dias célebres.

A série gerada por esta expedição é a que contém o maior número de fotografias, pelo fato de que num curto espaço de tempo vários acontecimentos se somaram. Se estes forem transcritos através das imagens de Geraldo Vieira, novamente poderá ser notada uma narrativa imagética em harmonia com a narrativa textual. Na revista Brasília de nº 41, na coluna 'A inauguração de Brasília' encontra-se esta narrativa textual

cujos momentos mais importantes foram citados, e ainda no decorrer da revista, ilustrados com fotografias dos colaboradores.

Foram percebidas nesta série a repetição das tipologias presentes também nas outras expedições: a de uma estética documental, voltada às características do fotojornalismo, representada pelas imagens relacionadas ao registro das solenidades; de elementos estáticos, representadas por imagens de automóveis; de arquitetura, tanto diurnas quanto noturnas, voltadas a uma percepção de monumentalidade ou composições que deixem a arquitetura em segundo plano em detrimento de pessoas que se encontram juntamente nas imagens; fotos posadas, representadas primordialmente pela presença dos filhos ou parentes de Geraldo Vieira e fotografias de estradas.

Porém, outras tipologias também foram notadas: imagens de elementos dinâmicos, representadas por fotografias de fogos de artifícios, dos aviões da Esquadilha da Fumaça e de carros em movimento; como também imagens com tomadas inusitadas, se comparadas à maioria das tipologias típicas vistas até agora nas fotografias de Geraldo Vieira. Esta última tipologia vai ao encontro de um termo que Espada (2012) se refere a algumas fotos de Marcel Gautherot sobre Brasília: "digressões fotográficas". A mesma disserta que:

É importante destacar que, entre suas (de Marcel Gautherot) fotos do eixo monumental e residencial, há algumas que, embora revelem aspectos essenciais dos projetos da cidade, não poderiam ser classificadas apenas como "fotografias de arquitetura". O conjunto possui uma série de "digressões fotográficas", autorretratos e imagens de índole lírica, feitas sem a preocupação de uma aplicação prática. (ESPADA, 2012, p. 147)

Mais uma vez pode-se ler tais imagens que se desviam do foco principal - a documentação do "real" - como uma sobreposição do papel do fotógrafo - documental com o fotógrafo - artista. Em especial, a fotografia 110, a qual retrata um zoom nas estruturas metálicas das escoras da Catedral de Brasília. Tal imagem denota uma semelhança com o olhar para certos objetos que László Moholy-Nagy (1845-1946) imprimia em suas fotografias, em especial a intitulada "*Eiffel Tower Work*", de 1925 (Ver anexo 3).

As 207 imagens registradas por Geraldo Vieira nesta expedição foram separadas por blocos. Os blocos relacionados às solenidades puderam ser organizados pelas datas, entre 20 e 23 de abril. Assim, o primeiro deles é referente à fotos da missa noturna de inauguração da Capital, ocorrida no dia 20 de abril de 1960 às 23:45 h. Desde a procissão dos

convidados, Juscelino e Sara Kubitschek, João Goulart, Cardeal Cerejeira, Cardeal Dom Carmelo e demais convidados até a solenidade em si ocorrida no Palácio da Justiça (Supremo Tribunal Federal). Fotos de pessoas prevalecem, desde aglomerados até fotos bem próximas dos eclesiásticos, Juscelino Kubitschek e sua esposa e João Goulart.

Num segundo bloco, uma missa diurna que ocorreu no dia 21 de abril, num espaço dotado de cobertura em estrutura metálica ao lado dos esqueletos estruturais da Catedral de Brasília. Imagina-se que foi uma estrutura temporária para solenidades e celebrações aonde o público geral pudesse participar. Nestas fotos há a presença de vários eclesiásticos, dentre eles o cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, como também do então arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes, este em uma foto de close. Acredita-se que seja a solenidade em que a Arquidiocese de Brasília foi instalada, como também empossado o Arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida.

Imagens da apresentação da Esquadilha da Fumaça compõem um terceiro bloco. Outro, relacionado ao desfile de contingentes militares e da Banda do Corpo dos Fuzileiros Navais, que se apresentaram na tarde do dia 21 de abril. Às 20:00, deste mesmo dia, foram queimados os fogos de artifício. No dia 23 de abril ocorreram provas automobilísticas, tendo o Eixo Monumental como trajeto principal. Um afamado piloto da época concorreu a uma das provas: Francisco Sacco Landi (1907-1989).

Em meio às comemorações da inauguração de Brasília, ainda um grande canteiro de obras, quatro corridas de automóveis realizadas em 23 de abril de 1960 foram algumas das atrações. As categorias disputadas eram Mecânica Nacional, Carros Esportes Bipostos, Turismo Geia até 1.330 cilindradas e Turismo Geia acima de 2.000 cilindradas, sendo essas duas últimas uma vitrine da nossa recém-nascida indústria automobilística. Houve ainda desfiles, convidados e autoridades do mundo todo, e intensa cobertura jornalística nacional e internacional. Era o começo da paixão dos brasilienses por carros de competição. (CORREIOS WEB, 2013)³⁶

Foi montado um palanque transitório para que autoridades, convidados, Juscelino Kubitschek e família pudessem assistir tais corridas privados do público geral. Assim, outro bloco de fotografias foi originado.

³⁶ CORREIOS WEB. **A corrida inaugural.** Disponível em: <http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2013/02/28/interna_revista,477/a-corrida-inaugural.shtml>. Acesso em: 20 junho 2016.

Ainda, há blocos de carros e ônibus; estradas; políticos diversos; fotos de Juscelino Kubitscheck, esposa, filhas e João Goulart no parlatório do Palácio do Planalto; fotos de parentes de Geraldo Vieira; de arquitetura com pessoas, de arquitetura em turnos diurno e noturno.

É perceptível o espírito fotojornalístico de Geraldo Vieira, pois conseguiu eternizar momentos específicos da inauguração de Brasília em detalhes. Com maestria, o fotógrafo captou imagens que constituem uma narrativa visual das principais solenidades ocorridas. Além, de fato, de imprimir o seu olhar de fotógrafo-artista.

Fotografia 95 - Estradas que levam à Brasília.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A imagem 95 mostra um trecho de estradas que se encaminham à Brasília. Com uma vasta profundidade de campo, a imagem, tomada em um ângulo superior, confere maior destaque à terra. A estrada em primeiro plano é formada por linhas de fuga num ponto central da imagem, porém num plano posterior essa linha retilínea se curva, a tender ao infinito.

Fotografia 96 - Comitiva de ônibus da empresa Viação Aragarina.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Na imagem 96, uma perspectiva dotada de sincronicidade, profundidade e ritmo, através da disposição dos automóveis, estes, em perfeita linha de divisão entre terra e céu. O equilíbrio se dá tanto pela divisão média como pelo contraste e texturas do céu x terra.

Fotografia 97 - Missa diurna em estrutura localizada ao lado da futura Catedral de Brasília.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Mais uma vez a técnica do cabo de disparo remoto é utilizada. Na lateral direita da imagem, presidente e vice-presidente sentados. Aos fundos, nota-se a viga em estrutura metálica da cobertura e o esqueleto estrutural da futura Catedral de Brasília.

Fotografia 98 - Juscelino Kubitschek, Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Sara Kubitschek e João Goulart em procissão até o edifício do Supremo Tribunal Federal, a fim da realização da missa noturna de inauguração de Brasília.
20 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Aqui, Geraldo Vieira conseguiu uma série de fotos com proximidade das principais personalidades da missa noturna de inauguração de Brasília. O fundo escuro emoldura os personagens, em contraste com o piso reluzente.

Fotografia 99 - Missa noturna no edifício do Supremo Tribunal Federal.
21 de abril de 1960.

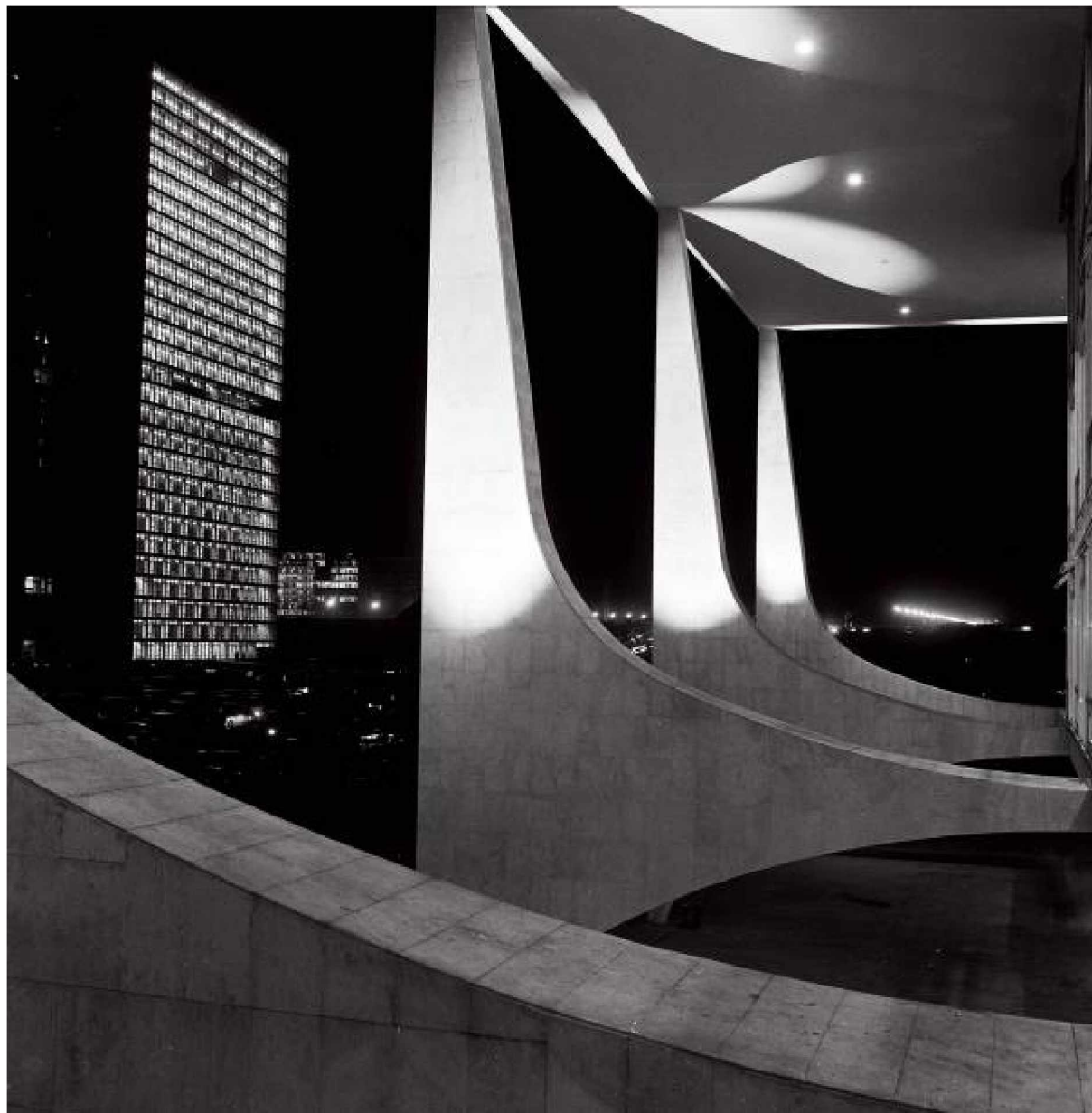


Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

As fotografias 99, 100 e 101 compõem a série de fotografias de arquitetura noturnas. Aqui, o fotógrafo conseguiu imprimir a sensação de que o Supremo Tribunal

Federal estivesse flutuando. Aproveitou da iluminação que resplandecia da edificação para centralizá-la no quadro fotográfico, conferindo aos fundos o papel emoldurador do elemento principal: a arquitetura.

Fotografia 100 - Vista noturna das torres do Congresso Nacional através do Palácio do Planalto.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Vários elementos nesta imagem chamam atenção. O enquadramento dos elementos arquitetônicos em planos distintos transpareceu ao mesmo tempo a grandiosidade tanto das colunas do Palácio do Planalto, quanto, aos fundos, de parte das

torres do Congresso Nacional, evidenciada pelo contraste preto e branco através da iluminação noturna. A efeito ainda desta iluminação, percebe-se a reflexão da luz como em planos em série, disposta ainda nos pilares do Palácio do Planalto em perspectiva.

Fotografia 101 - Skyline de Brasília.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Harmoniosa composição que reflete a dualidade céu x terra, nesta imagem com proporções e graus de importância muito maiores que a arquitetura do lugar, que mostra-se pontual e cintilante na linha divisória do horizonte. A regra das metades se fez presente.

Fotografia 102 - Esquadrilha da Fumaça em apresentação decorrente à abertura das corridas de carros.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Geraldo Vieira conseguiu nesta fotografia captar um momento exato de sincronicidade das aeronaves da Esquadrilha da Fumaça. Certo contraluz pode ser percebido, em relação às pessoas em detrimento ao céu. Este, que obteve maior importância no quadro fotográfico, com dois terços de exibição. O posicionamento das figuras humanas voltadas ao espetáculo que parecem quase tocar os aviões, devido à tomada do ângulo escolhida pelo fotógrafo.

Fotografia 103 - Palanque para convidados erguido ao lado do Palácio do Planalto, no Eixo Monumental, devido à corridas de carros.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O interessante a ser observado nesta fotografia é a dupla composição de figuras humanas na cena: tanto dos eclesiásticos e demais autoridades e convidados encimados no palanque para assistir às disputas automobilísticas, quanto aos fotógrafos - repórteres, flagrados em diversas posições com suas máquinas fotográficas e flashes, através das sombras no plano de madeira divisor de espaços. Aqui o autorretrato do fotógrafo não está em solidão: ele é acompanhado dos demais profissionais colegas de profissão.

Fotografia 104 - Ao centro e de perfil, o famoso corredor Francisco Sacco Landi, em prova das corridas de carros.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Representando a série de fotografias das corridas automobilísticas, um close foi captado entre pilotos e populares. Uma das sensações do evento se faz presente ao centro da imagem: o corredor Francisco Sacco Landi, a distribuir autógrafos às pessoas. Uma típica foto referente ao fotojornalismo.

Fotografia 105 - Prova de corrida de carros.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Mais uma imagem que retrata a corrida de carros do dia 23 de abril. O ângulo escolhido pelo fotógrafo, quase no nível da linha do horizonte, conferiu certa perspectiva observada através do posicionamento dos postes de iluminação ao longo da via. A técnica do foco utilizada imprime os graus de importância relacionado ao objeto que o fotógrafo pretende destacar. Neste caso, os automóveis são mais importantes, apesar de estarem em um plano posterior. Dessa maneira, como a terra encontra-se em primeiro plano, uma alternativa foi desfocá-la.

Fotografia 106 - Congresso Nacional.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

O conjunto do Congresso Nacional foi o destaque nesta imagem. Por graus de escala, percebe-se a grandiosidade das edificações se comparadas aos automóveis estacionados à sua frente. Apesar de que o céu contemple um maior destaque no quadro fotográfico pela tomada do fotógrafo num ângulo abaixo da linha do horizonte, a retratação de uma folha pairada na grama em primeiro plano transmite uma sensação de que a edificação estaria ao alcance das mãos.

Fotografia 107 - Cúpulas do Congresso Nacional.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Aqui a arquitetura, tanto pelas formas quanto pela escala conferida pela tomada fotográfica transmitem uma concepção de monumentalidade às edificações. As escalas humanas parecem míseros pontos localizados na imensa laje de piso, aonde pousam as enormes cúpulas de concreto. O céu, ocupando metade da cena, compõe-se de uma massa de nuvens que parecem tender ao infinito. Por uma questão de centímetros as linhas de fuga em cone não se mostraram completamente centralizadas num ponto de fuga na linha

do horizonte. Isto devido à não coincidência da linha de fuga no canto direito e abaixo do quadro fotográfico. As três figuras humanas maiores próximas à cúpula são os filhos de Geraldo Vieira: Luiz, Bruno e Leandro. Em muitas fotografias os garotos participam da cenas retratadas, ora espontaneamente, ora posados.

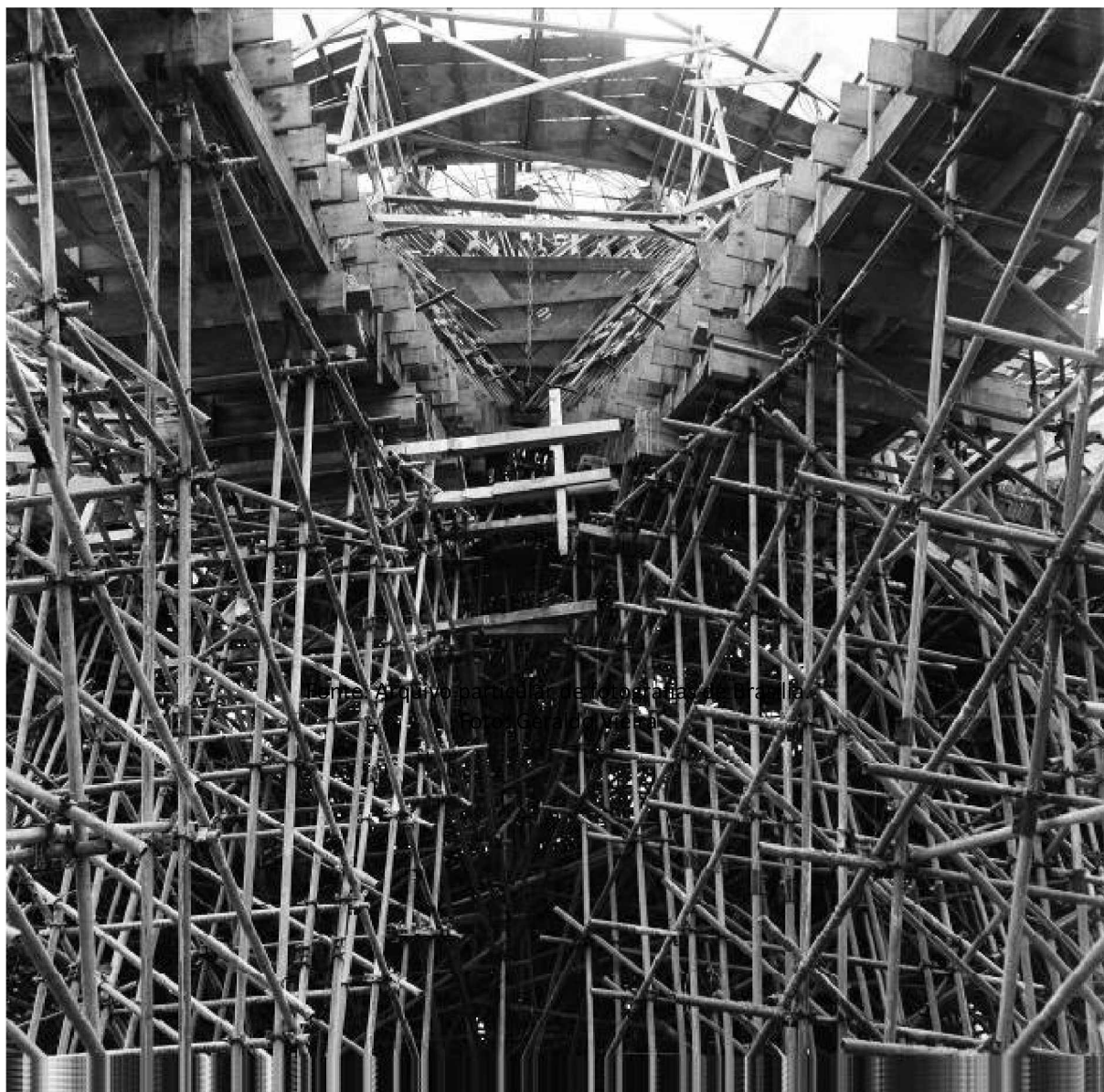
Fotografia 108 - Catedral de Brasília em construção.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Mais uma vez a monumentalidade da arquitetura se impõe, desta vez representada pelos esqueletos estruturais da futura Catedral de Brasília, na imagem 108. Um registro diurno no dia 21 de abril, mostra a profusão de pessoas presentes nas ruas de Brasília. O espaço estava tão disputado que nota-se populares a subir nas escoras e colunas de concreto da edificação em construção. A imagem 109 é um detalhe aproximado das escoras metálicas da Catedral de Brasília.

Fotografia 109 - Catedral de Brasília em construção. Detalhe para as escoras metálicas.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Imagens como esta despertam a curiosidade em tentar analisar o porquê do interesse do fotógrafo na escolha de um ângulo tão inusitado, se comparado às suas maneiras predominantes de se fotografar. São imagens que retomam o termo que Espada (2012) referiu-se ao fotógrafo Marcel Gautherot: "digressões fotográficas", já explicitado anteriormente. Na imagem 110 retoma-se novamente uma maneira diferenciada de retratar a imagem de Juscelino Kubitschek. As linhas que conformam a rampa, ascendentes, coincidem também com o alinhamento dos guardas. Aos fundos, nota-se o presidente, e à frente a laje que conforma a rampa de acesso ao Palácio do Planalto, superdimensionada em detrimento do ângulo ao qual foi fotografada.

Fotografia 110 - Juscelino Kubitschek subindo a rampa.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Fotografia 111 - Vista para os Ministérios.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A fotografia 111 compõe-se de linhas perspécticas que ora se cruzam, se distanciam, como também se repelem. O contraluz gerou uma sombra no gramado, cuja forma espelha-se na estrutura da laje de cobertura. Assim, um cone de visão é formado, estreito na lateral esquerda e na medida em que vai ao encontro da lateral direita, alarga-se. Pela luminosidade do interior do cone, os objetos que lá estão possuem um grau de importância maior em relação à figura humana que se encontra em destaque (Leandro Vieira, filho de Geraldo Vieira). Em perspectiva, uma sucessão de ministérios é detectada, em repetição e ritmo constante.

Fotografia 112- Entorno do Palácio da Alvorada.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

Esta imagem confere um contraste ao se analisar a disposição dos componentes. O conjunto formado pelo carro e pelas crianças conferem dois terços da imagem, assim, maior importância no quadro fotográfico. Porém, se for levado em consideração a arquitetura e o céu aos fundos, também serão compostos por dois terços. Numa proximidade, observa-se melhor os filhos de Geraldo Vieira. O menor e à frente, Leandro, o maior, Luiz, e o intermediário, Bruno Vieira, já portando uma máquina fotográfica. Assim

como Honorato Vieira cedo transmitiu os saberes fotográficos à Geraldo Vieira, este também seguiu a tradição e instruiu logo cedo seu filho Bruno, aos 13 anos de idade.

Fotografia 113 - Vista do Congresso Nacional para o Palácio do Planalto.
21 de abril de 1960.



Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

A fotografia 113 é passível da mesma descrição que foi feita à fotografia 94. Ampla profundidade de campo, presença de elementos que transmitem a sensação de monumentalidade à parte das torres do Congresso Nacional; o céu, mais uma vez, em destaque e equilíbrio com os elementos terrenos. O fotógrafo repete a mesma cena que outrora encontrava-se em obras. Aqui, finalizada, após decorridos dois meses. Uma memória

fotográfica documentada com possibilidades de comparação relativa á evolução da construção de Brasília.

Novamente, no dia 21 de abril o jornal Gazeta do Triângulo confeccionou um número especial em comemoração à inauguração de Brasília, prestando as homenagens ao acontecimento tão esperado pelos componentes progressistas do periódico.

Com reportagens detalhadas, os redatores fizeram uma retrospectiva dos acontecimentos desde o lançamento da pedra fundamental até as vias de inauguração. Reportagens com textos longos, muitas páginas com estabelecimentos comerciais ou pessoas físicas homenageando Juscelino Kubitscheck, além de imagens diversas. Em destaque, várias fotos especiais tiradas durante as expedições³⁷ de Geraldo Vieira, algumas já publicadas em edições anteriores. (Ver anexo 4)



³⁷ É interessante ressaltar que as expedições eram financiadas pelos próprios profissionais, a exemplo de Geraldo Vieira. Como visto, em muitas delas o profissional utilizou-se de seu próprio veículo, uma Kombi 1957. Ainda, a terminologia "expedições" foi aqui usada na condição de que tais viagens foram executadas por pessoas que dispunham de um propósito - histórico e fotojornalístico - num destino específico: Brasília.



CAPÍTULO 3

485 OLHARES

Fotografia 114 - Filhos de Geraldo Vieira. Aos fundos, Palácio da Alvorada.
21 de abril de 1960
Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

3.1| SOBRE UMA NOVA ÓTICA DO OLHAR

O objeto percebido tem um status ambíguo: ele é o objeto que percebo porque está presente diante de mim, mas, ao mesmo tempo, é outra coisa; é esta realidade diferente que a percepção não esgota. (DEFRUNNE, 1953 apud SOULAGES, 2010, p. 31)

485 olhares...

Diante de uma análise voltada à compreensão das vertentes fotográficas, é desafiante submeter as imagens de um fotógrafo de interior até então não inserido a tais enquadramentos. Um fotógrafo que paulatinamente adquiriu experiência profissional através da experimentação e vivência. Um fotógrafo que não aprendeu as técnicas em escolas de Fotografia, Design ou Arquitetura. Que também não viveu cercado aos meios artísticos. Geraldo Vieira não possuía delimitações temáticas em seu trabalho. Foi fotógrafo de estúdio, de eventos cívicos e individuais, de arquitetura e de tudo o mais a que fosse desafiado.

Por mais que comparações possam ser traçadas, a busca de um enquadramento formal dos olhares de Geraldo Vieira sobre Brasília talvez seria colocá-lo num patamar que, ao mesmo tempo, poderia restringi-lo e simplificá-lo. Não só fotógrafos de arquitetura puderam ter a oportunidade de fotografar Brasília e imprimir sua técnica, sensibilidade e particularidades. Talvez aí resida a riqueza da diversidade dos olhares, tanto de fotógrafos anônimos, pouco conhecidos, quanto de fotógrafos notáveis.

Outro pensamento que vem à tona é a questão do pioneirismo, cuja autoria de determinado ângulo de visão necessariamente pertença a um fotógrafo ou outro. Porém, é importante ressaltar que se diversos fotógrafos se encontravam num mesmo dia, numa mesma solenidade e num mesmo local, esse pré-julgamento talvez seria descabido. O que verdadeiramente leva-se em consideração ao se vincular imagens inéditas a um determinado fotógrafo está ligado principalmente à sua visibilidade enquanto um profissional notável. Isto, relacionado a como suas imagens foram veiculadas, qual tipo de receptores as consumia, ou quais outros antecedentes levaram este profissional a possuir certo prestígio e predileção.

Novamente, as figuras de Marcel Gautherot e Mario Fontenelle participam desta discussão, já que este foi o fotógrafo oficial da revista Brasília, como já dito e aquele, o fotógrafo oficial escolhido por Oscar Niemeyer para o registro da evolução das obras arquitetônicas na capital, que se deu a partir de 1958, como discorre Cappello (2015). Ao se falar em fotografias sobre a documentação da epopeia brasiliense, estes nomes são vistos como as principais referências, amplamente estudados por pesquisadores. Ainda, outro fotógrafo deve ser citado: o alemão Peter Scheier, com olhares ímpares sobre a construção de Brasília. Estes personagens, além da gama de contribuições em disseminar a arquitetura moderna de Brasília em revistas brasileiras, também contribuíram para a difusão da arquitetura moderna brasileira em revistas internacionais especializadas e livros, de acordo com pesquisas de Cappello (2015).

O fotógrafo francês Marcel Gautherot (1910-1996) foi um profissional de exímio trabalho. ESPADA (2011) discorre - dentre outros questionamentos - a respeito das imagens por ele relatadas do eixo monumental de Brasília, no início da década de 1960. A autora aponta a importância que o fotógrafo exerceu para a historiografia da arquitetura moderna brasileira, ao narrar a parceria e preferência de Oscar Niemeyer para a documentação de suas obras de arquitetura, em especial, sobre Brasília: "Ainda assim, quando o assunto é a ilustração de Brasília, as imagens de Gautherot estão entre as preferidas dos editores de diferentes publicações." (ESPADA, 2011, p.11). Ainda de acordo com ESPADA (2011), o número de negativos deste fotógrafo sobre Brasília chegou a um montante de 3.500, os quais pertencem ao acervo do Instituto Moreira Sales.

É importante destacar a participação de obras fotográficas de Gautherot na *Feira Mundial de Nova York*, em 1939 e 1940, como também no livro *Brazil builds: architecture*

new and old, 1652-1942 - de Philip Goodwin e G. E. Kidder Smith - e *Modern architecture in Brazil*- de Henrique Mindlin., além das revistas *Módulo: Revista de Arquitetura e Artes Plásticas*; *Brasília*, da Novacap; *The Architectural Forum*; *Arts e Architecture*; *Aujourd' hui Art et Architecture* e *L'Architecture d'Aujourd' hui*, de acordo com Espada (2011). Por estas e outras publicações, há de se notar o quão importante Gautherot foi para a disseminação da arquitetura brasileira no país e no exterior, igualmente um fotógrafo notável.

Segundo Cappello (2016), Mario Moreira Fontenelle (1919-1986) detém da maioria da documentação fotográfica da construção da capital publicada nas revistas *Brasília*, já que foi o seu fotógrafo oficial, tendo esta denominação adquirida a partir da revista de número 17, referente à maio de 1958. O fotógrafo, antes de assumir tal profissão, em 1945 foi mecânico de avião no governo de Juscelino Kubitschek em Minas Gerais, acompanhando-o desde então. No ano de 1956 transferiu-se juntamente à comitiva de Juscelino para Brasília, momento no qual recebeu do presidente uma câmera *Leica* 35mm. No ano de 1957 Fontenelle tornou-se o fotógrafo oficial da Novacap, consagrado como o autor da foto aérea que retratou o marco zero de Brasília.

Gouveia (2008) faz uma análise voltada ao fotógrafo alemão Peter Scheier (1908-1979) - mas sem deixar de citar outros fotógrafos importantes que também tiveram seus trabalhos nas publicações tanto de *Brazil Builds, Latin American Architecture since 1945* (1955) - de Henry-Russell Hitchcock e *Modern Architecture in Brazil*, baseado nestes três livros nos quais a produção de arquitetura moderna brasileira foi evidenciada.

A vinda para o Brasil não apagou seus quase trinta anos de vivência na Europa, num ambiente marcado por uma estética visual presente em revistas e jornais ilustrados, em cartazes e em exposições de arte. Portanto, o papel de Peter Scheier, junto com os demais fotógrafos imigrantes no Brasil, foi inserir suas experiências vivenciais na cultura visual brasileira da época, ampliando a extensão das correntes vanguardistas para muito além dos círculos restritos dos fotoclubes, atingindo uma grande parcela da população através da fotografia comercial, publicitária, industrial e jornalística. (GOUVEIA, 2008, p. 9)

Sobre Brasília, Peter Scheier publicou um livro temático intitulado 'Brasília Vive!' (1960), que de acordo com a descrição de seu perfil no site do Instituto Moreira Sales, foi uma de suas melhores séries fotográficas, as quais trazem imagens da inauguração da nova capital brasileira.

Os monumentos arquitetônicos ganham menos destaque nessas fotos de Scheier – o que parece prender os olhos do fotógrafo são as figuras humanas que povoam a nova cidade. São pessoas passeando pelas ruas ainda mal formatadas do Núcleo Bandeirante, cheio de barracos que lembram muito mais a cenografia dos *westerns* americanos, bem como crianças indo e voltando da escola e fregueses de supermercados incipientes. (IMS, 2015)

De acordo com Kossoy (2007):

A consagração de um nome de um profissional, de um artista, é sempre resultante de um processo seletivo que é, por sua vez, ideológico. A consagração historiográfica se faz pelo efeito cumulativo da repetição. Desta forma, os nomes se cristalizam, tornam-se referências definitivas. (KOSSOY, 2007, p. 66)

Dessa forma, é importante que um resgate e pesquisa sobre os fotógrafos desconhecidos e/ou comuns se estabeleça, pois é a oportunidade de que novos dados sejam descobertos tanto para a história do objeto específico de retratação, como também para a história da fotografia, seus modos de expansão e aplicações em diferentes regiões. Em síntese, "novos dados para o conhecimento do passado", também pelas palavras de Kossoy (2007). Ainda,

Sejam quais forem os fatores ou conjunto de fatores que contribuíram para seus desempenhos, os fotógrafos freqüentemente mencionados podem, ou não, estar entre os melhores; certamente, porém, não serão os únicos. Os modelos clássicos da história da fotografia repetem à exaustão os mesmos nomes, (e as mesmas imagens) como exemplos das diferentes categorias: *portrait*, documentário, social, fotografia artística etc. Essa concepção é falha, pois adia a descoberta de inúmeros outros fotógrafos até então jamais mencionados nas páginas da historiografia tradicional. (KOSSOY, 2007, p. 68)

Se para alguns, a incumbência de registrar Brasília se pautava num olhar no qual a ideia de representar uma monumentalidade era a ordem primeira, para outros a documentação se bastava. O simples fato de presenciar os acontecimentos na decorrência dos anos de 1957-60 já era um motivo para ser e se fazer história. Para os progressistas "juscelinistas" de Araguari a grandiosidade de Brasília se pautava primeiramente na ideia de desenvolvimento e interiorização do Brasil. De fornecer oportunidades às cidades interioranas em possuir um futuro próspero e sem barreiras territoriais. A imponência na

qual a arquitetura moderna se estabeleceu em Brasília apenas fortificou ainda mais a crença destes indivíduos em uma real mudança, concretizada a cada arquitetura emblemática erigida. O papel da fotografia impressa nas edições do jornal Gazeta do Triângulo foi também uma forma de legitimar o conteúdo escrito até certo ponto ufanista à respeito da crença da mudança da Capital.

Na busca de uma metodologia de análise das fotografias geradas pelas expedições à Brasília - onde cada bloco de imagens (das expedições) foi denominado de série fotográfica - tipologias diversas foram detectadas, tendo algumas destas se repetido a cada nova expedição. A chamada 'documental, voltada às características do fotojornalismo' foi a predominante³⁸. Com ela, vieram as demais: de pessoas, de objetos estáticos, de objetos dinâmicos, de arquitetura, posadas, de estradas e algumas imagens que representam uma "digressão fotográfica".

Segundo Kossoy (2009, p. 57), "Complementa a idéia da desmontagem do signo fotográfico [...] a investigação sistematicamente conduzida segundo metodologias adequadas de análise e interpretação." Assim, fazem parte desta metodologia a ANÁLISE ICONOGRÁFICA e a INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA.

Na análise iconográfica uma verdadeira "arqueologia" do documento é empreendida. Duas linhas de análise multidisciplinares são sugeridas para a decodificação de informações explícitas/implícitas no documento fotográfico e no suporte que o contém e que tem por meta:

1. a reconstituição de um processo que originou o artefato, a fotografia: pretende-se, assim, determinar os elementos que concorreram para sua materialização documental, (seus elementos constitutivos: assunto, fotógrafo, tecnologia) em dado lugar e época (suas coordenadas de situação: espaço, tempo);
2. a recuperação do inventário de informações codificadas na imagem fotográfica: trata-se de obter uma minuciosa identificação dos detalhes icônicos que compõem seu conteúdo. (KOSSOY, 2009, p. 58)

Partindo-se desta metodologia para uma ANÁLISE ICONOGRÁFICA, uma análise foi pré-estabelecida.

Num primeiro momento, sobre a questão da 'reconstituição de um processo que originou a fotografia' (meta 1), o subcapítulo 1.3, denominado "Cidade, história, memória:

³⁸ Sabe-se que as imagens são do passado, documentam uma determinada época, um determinado acontecimento. Apenas por isso o termo 'documental' já se auto denomina para todas as tipologias aqui detectadas. Entretanto, as fotografias que aqui são enquadradas nesta tipologia determinam primordialmente a captação de imagens referentes às solenidades, aonde um agrupamento de pessoas se fazia presente.

cenários de Araguari na década de 50", acrescido do subcapítulo 2.1, "Jornalismo, fotografia e a politização do olhar" formaram as bases necessárias para que um entendimento das predileções políticas e intelectuais dos "juscelinistas" fosse evidenciada. O intuito primeiro foi relatar o contexto da época na qual estes personagens viveram, as suas crenças, engajamentos, descobrindo assim o porquê do otimismo em um projeto progressista. Ainda, sobre como a junção de ideias e ideias destes personagens resultou num projeto concreto ('início') em defesa de tal progresso (simbolizado pela realização de Brasília): o vínculo entre elementos textuais (futuros textos publicados no jornal Gazeta do Triângulo) e imagéticos (futuras fotografias de Geraldo Vieira), o 'meio' para que isto pudesse ser efetivado: as expedições e um 'fim' (finalidade, mensagem): as publicações, exposições e revelações de imagens que afirmassem a ideologia progressista.

Já sobre a questão da 'recuperação do inventário de informações codificadas na imagem fotográfica', em cada expedição, dos itens 2.1.1 ao 2.1.7 as imagens selecionadas foram descritas sob diversos aspectos: enquanto enquadramento, foco, texturas, pontos de fuga, tomadas, perspectivas, escalas, monumentalidade, representatividade social, dentre outros. Tais abordagens partiram do repertório pessoal da autora enquanto arquiteta e urbanista. Sabe-se que as fotografias podem ser reproduzidas, passadas gerações a fio. Porém, a interpretação está na alçada do presente. Cada um, subjetivamente, terá percepções e sensibilidade diferentes ao analisar os itens iconológicos de uma dada imagem num dado espaço de tempo. O olhar está intrinsecamente ligado às realidades vivenciadas. Dessa maneira,

As informações obtidas por meio da análise iconográfica são definitivamente úteis, na medida em que nos revelam dados concretos sobre o documento no que diz respeito à sua materialização documental e aos detalhes icônicos nele gravados.

Busca-se, através da análise iconográfica, decodificar a realidade exterior do assunto registrado na representação fotográfica, sua face visível, sua segunda realidade. (KOSSOY, 2009, p. 58-59)

Em relação à uma INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA, Kossoy (2009) disserta que

É o momento de lembrarmos que o documento fotográfico é uma *representação a partir do real*, uma representação onde se tem registrado um aspecto *selecionado* daquele real, organizado cultural, técnica e

esteticamente, portanto ideologicamente. O chamado testemunho fotográfico, embora registre em seu conteúdo uma dada situação do real - o referente - sempre se constitui numa elaboração, no resultado final de um processo criativo, de um modo de ver e compreender especial, de uma visão de mundo particular do fotógrafo; é ele que, na sua mediação, cria/constrói a representação.

Nesta altura não podemos mais estabelecer essa ou aquela "regra" interpretativa posto que, embora o documento siga sendo a nossa referência, nos situamos além dele, nos círculos das idéias, na esfera das mentalidades. Dois caminhos básicos temos sugerido para essa decifração:

1. resgatar, na medida do possível, a história própria do assunto, seja no momento em que foi registrado, seja independentemente da mesma representação;

2. buscar a desmontagem das condições de produção: o processo de criação que resultou na representação do estudo.

Busca-se, pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade, além da verdade iconográfica. (KOSSOY, 2009, p. 59-60)

Em relação à questão do 'resgate da história do próprio assunto' (caminho 1), as 485 imagens foram separadas por similaridades. Logo após, a orientação foi observar até o que os mínimos detalhes explicitavam, no intuito de refinar ainda mais os blocos de imagens afins. Detalhes como objetos que se repetiam nas cenas, roupas, estampas de gravatas, condições climáticas, dentre outros fizeram parte desta divisão. Como a autora obteve o acesso às imagens escaneadas (e não aos negativos), sendo que as mesmas não estavam na ordem dos acontecimentos registrados, foi extremamente necessário que este processo de separação fosse iniciado e concluído. Sabe-se que as imagens foram geradas a partir de negativos escaneados e não possuem qualquer tratamento.

Findada esta primeira etapa, buscou-se aparatos históricos a fim de discernir quem eram os principais personagens que apareciam nas imagens, para que os eventos e/ou solenidades fossem detectados, além de obter uma orientação sobre a temporalidade das etapas de construção das edificações. A revista Brasília - como já dito, foi um periódico mensal que retratou o passo a passo da construção da Capital - foi o aparato histórico fundamental para que uma rearticulação dos fatos fosse vinculada aos vestígios das imagens do acervo. A leitura - principalmente das imagens - favoreceu a descoberta não só do número exato de expedições atribuídas à Geraldo Vieira, mas também o assunto a que cada uma delas se referia. Assim a etapa do resgate histórico - escolhida como análise para uma interpretação iconológica - pôde ser concluída.

Ainda, se tratando da interpretação iconológica, qual a mensagem que estas fotografias deveriam/poderiam passar aos receptores araguarinos, naquela época? Ao mesmo tempo, um realismo das etapas de construção e dos acontecimentos em Brasília, mas voltados à uma ideia de convencimento dos receptores de que o progresso havia chegado no interior do Brasil, e, por consequência, chegaria também à cidade de Araguari. Ainda que, nas fotografias perceba-se um apuro da construção da imagem e uma singular subjetivação poética.

Ainda por Kossoy (2001, p. 121) "A ideologia determina a estética de representação: os mecanismos de produção e de recepção da imagem são governados por este princípio." Aqui, a ideologia está representada no apoio e crença ao progresso que Brasília proporcionaria à cidade de Araguari. Assim, tal ideologia integra como uma mensagem a ser transmitidas através da fotografia acrescida aos textos do jornal Gazeta do Triângulo.

Em relação à representação fotográfica,

[...] não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência... Suas informações se abrem às diferentes "leituras" que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações. (KOSSOY, 2009, p. 38)

Ao referir-se à leituras de imagens relacionadas à situações e representações de uma realidade já conhecida, as interpretações geradas estão passíveis de um pré-concebimento. "Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua *realidade interior*, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente e que se confunde com a *primeira realidade* em que se originou." (KOSSOY, 2009, p.36).

Assim sendo, até que ponto uma interpretação já está previamente construída, ante ao contato visual com as imagens? Talvez pela temática de uma série fotográfica já ser conhecida devido à veiculação de imagens em diferentes meios, cada indivíduo poderá rearticular e ressignificar tais imagens de acordo com o seu repertório subjetivo. Partindo ainda do pressuposto de que a interpretação de uma obra não é limitada, vários sentidos poderão assim ser construídos.

Se para os receptores, uma possível poli-interpretação pode ser construída a partir da visualização do objeto final (uma imagem escaneada ou a imagem impressa em papel), ao papel do autor da imagem também pode ser atribuída uma articulação no ato de fotografar e revelar. Pois é ele o primeiro a pensar em como retratar o quadro fotográfico, na composição final da imagem como também na manipulação da mesma utilizando-se de filtros; ademais, em interferências no ato da revelação química.

Ao se tratar das interferências primeiras do fotógrafo, Soulages (2010) disserta a respeito do 'problema da especificação da fotografia'. De acordo com o autor, há três realidades que parecem especificar a fotografia: "as condições de possibilidade de uma foto, suas condições de produção e suas condições de recepção." (SOULAGES, 2010, p. 125)

A articulação do fotógrafo no ato de fotografar e revelar permite que discussões sejam feitas acerca das 'condições de produção' da fotografia, em relação às realidades que especificam a fotografia, ainda segundo Soulages(2010). Para o autor, o caminho a ser explorado na finalidade de especificar a fotografia está atrelado ao "estudo das condições de produção de uma foto e, dessa maneira, o estudo da própria foto em sua realidade mais material." (SOULAGES, 2010, p. 128).

Para isso, o autor disserta a respeito da materialidade de uma foto, ao confrontar-se com a sua 'impossível' definição, pois uma foto pode ser feita em um número indefinido de matérias, ou ainda, pode existir apenas em estado de luz, a exemplo do *slide*. Dessa maneira, materialmente falando, o autor se pergunta o que há de comum entre um *slide* projetado na tela e uma fotografia impressa em um livro. Conclui que aparentemente nada. E novamente lança a pergunta: "o que é uma foto no caso de um *slide*? O próprio *slide* ou a imagem projetada? Da mesma maneira, deve-se pensar que a foto é o negativo ou a imagem material que se fabricou a partir dele?" (SOULAGES, 2010, p. 129).

Coloca então que o cerne do problema é a maneira na qual a análise da fotografia será pensada. Numa 'abordagem humanista' ou numa 'abordagem materialista'.

A abordagem humanista é relativa ao homem fotógrafo, dividida entre o tempo do homem com a máquina e após o tempo do homem no laboratório. Chega-se aqui através de duas etapas: por ocasião do 'ato fotográfico' (relacionado ao fotógrafo enquanto agente que aperta o disparador e dessa maneira abre-se o obturador da máquina - ou este se abre automaticamente - e o filme fotográfico é exposto à luz, de virgem transforma-se em exposto). A segunda etapa é a da 'obtenção do negativo', na qual consiste em transformar o

filme exposto em negativo; e tempo da revelação que consiste em cinco etapas: a revelação propriamente dita, banho interruptor, fixação, lavagem e secagem.

Já a abordagem materialista é relativa ao material fotográfico: perpassa da primeira exposição à secagem do negativo à da segunda exposição à secagem da foto. Isto devido à terceira etapa da realização da foto, que pode ou não ocorrer: a cópia da foto - trabalho com o negativo - que demanda ao fotógrafo além das cinco etapas da obtenção do negativo, a sexta relativa à ampliação - exposição da luz no material sensível, tendo assim a revelação do papel, que também passará por um banho interruptor, fixação, lavagem e por fim, secagem.

Crê-se que para uma análise fotográfica as duas abordagens devem ser pensadas enquanto coexistentes e complementares. Como numa dialética - tese, antítese e síntese - enxerga-se primeiro o fotógrafo que aciona a máquina, esta modifica o negativo virgem e novamente o homem retorna com o seu papel de agente modificador e revela o objeto final: a fotografia.

Então, se o fotógrafo enquanto agente articulador tem o discernimento em dois momentos da escolha da tomada da foto - enquanto enquadramento no presente e enquanto ampliação da imagem no futuro - cabe a ele o papel primeiro de modificador da realidade fotográfica. Primeiramente, e por duas vezes consecutivas...

Soulages (2010) ainda atribui mais dois estados sobre o ato fotográfico: a perda e a permanência. Assim, "A fotografia é, pois, a articulação entre o que se perde e o que permanece". (SOULAGES, 2010, p. 132). Novamente, isto está nas mãos do fotógrafo.

Não se saberá, em relação a este questionamento enquanto análise da fotografia, os possíveis desdobramentos dos 485 olhares de Geraldo Vieira para Brasília. Em entrevista, o seu filho Bruno Vieira afirma que o pai selecionou diversas fotos do acervo de Brasília e confeccionou um álbum para Juscelino Kubitschek. Mas ninguém nunca soube do paradeiro desta coletânea de imagens, nem mesmo Vieira, enquanto ainda em vida.

Ao analisar as imagens, nota-se que em várias, o fotógrafo poderia escolher qual assunto do quadro fotográfico de maior importância deveria ser ampliado e/ou descartado. Porém, apenas se as fotografias reveladas por ele se encontrassem disponíveis esta análise de Geraldo Vieira enquanto agente articulador final de suas próprias imagens poderia ser constituída.

Portanto, deixou-se aqui, no decorrer desta dissertação, algumas análises referentes aos 485 olhares da autora, na busca de uma reflexão sobre as práticas artísticas, os fundamentos de uma estética geral, os caminhos percorridos, as particularidades e as contribuições das imagens do acervo de fotografias de Brasília do fotógrafo Geraldo Vieira.

Por hora, como conclusão provisória, podemos dizer, emprestando um vocabulário da linguística estrutural, que o signo fotográfico é ao mesmo tempo motivado e arbitrário: motivado porque, de qualquer maneira, não há fotografia sem que um referente pose diante da câmera para refletir para a lente os raios de luz que incidem sobre ele; arbitrário porque essa informação de luz que penetra na lente é refratada pelos meios codificadores (perspectiva, recorte, enquadramento, campo focal, profundidade de campo, sensibilidade do negativo e os demais elementos constitutivos do código fotográfico [...]), a fim de convertê-los em fatos da cultura, ou seja, em signos ideológicos. Porque os dados luminosos do objeto ou do ser fotografado estão sendo trabalhados pelo código, é preciso investigar esse código até reencontrar o referente. Abstrair ou ignorar esse trabalho significa fatalmente transformar o referente em fetiche. (MACHADO, 2015, p. 179-180)



Esta dissertação se propôs a levantar e analisar a trajetória e produção fotográfica de Geraldo Vieira (1911-1993), profissional que atuou na cidade de Araguari e região entre as décadas de 1950 e 1970, cujo legado para a história da fotografia brasileira nunca foi explorado, perante a um desconhecimento num prisma nacional e acadêmico.

Em contraposição, foi possível apontar a importância e o prestígio adquiridos ao longo de sua trajetória. Ao escolher a cidade de Araguari para sua morada, contribuiu significativamente na construção de uma historiografia local, ao perenizar através de seu olhar fatos, acontecimentos, arquiteturas e habitantes por um período de cinquenta anos. Tal importância se reflete no acervo de negativos e fotografias gerados, pertencentes hoje ao Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto, tombados pelo município e reconhecidos como patrimônio cultural de valor inestimável.

Através da trama de relações sociais e políticas empreendida, Geraldo Vieira desfrutou de certo prestígio e legitimidade perante à população araguarina em função de sua popularidade e profissionalismo. Assim, a primeira parte desta dissertação pretendeu esboçar as características pessoais e artísticas de Geraldo Vieira, vinculadas à sua profissão de fotógrafo na cidade de Araguari.

Embora a sua atuação profissional esteja atrelada às cidades interioranas, o fotógrafo detinha de uma visão progressista a qual o fez trilhar por caminhos atípicos. Por apoiar um possível ideal de desenvolvimento nacional, na década de 1950 juntou-se à outras personalidades de Araguari as quais detinham de pensamentos semelhantes a fim de documentar a epopeia da construção de Brasília. Ele e os demais foram apelidados de "juscelinistas", pela defesa de um ideal progressista e interiorização brasileira pregados por Juscelino Kubitschek.

Nesta empreitada, participou de sete expedições nas quais retratou desde a Primeira Missa de Brasília até a inauguração da Capital, fato que deu origem ao acervo inédito de fotografias, objeto de estudo da presente pesquisa.

Dessa forma, as sete expedições geraram sete séries fotográficas, compostas por 485 imagens de tipologias diversas por meio do olhar do fotógrafo, ora documental, ora artístico, ora entremeados. A investigação das expedições foi viabilizada através da pesquisa efetuada nos periódicos publicados entre 1957-1960 do jornal Gazeta do Triângulo como também por comparações entre imagens de profissionais notáveis veiculadas neste período. A revista Brasília, por ter sido um periódico de lançamento mensal aonde diversas informações acerca da progressão construtiva de Brasília eram publicadas, foi uma das principais referências para a identificação de pessoas importantes, de solenidades e a temporalidade das mesmas. Tal foi um dos métodos de pesquisa abordados: um raciocínio comparativo e dedutivo. Este, vinculado à seleção das imagens de cada série fotográfica.

Para esta segunda parte da dissertação, a intenção foi evidenciar o recorte proposto para esta pesquisa: o acervo inédito de fotografias sobre o emergir de Brasília pelas lentes de Geraldo Vieira. Ademais, demonstrar a importância do ineditismo desta documentação como também a relevância de um estudo sobre o registro fotográfico de um episódio tão importante na visão de um profissional do interior. Assim, a importância do estudo das imagens de Vieira também reside em somar esforços às reflexões recentes sobre a representação da capital do país por diversos fotógrafos, não apenas aos notáveis do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, amplamente estudados e consagrados pela historiografia da fotografia brasileira.

Pôde-se perceber que a contribuição de Geraldo Vieira perpassou à questão da representação fotográfica enquanto documentação. As imagens de Vieira publicadas pela imprensa demonstraram uma maneira de legitimar o conteúdo escrito até certo ponto ufanista à respeito da crença da mudança da Capital. Assim, suas fotos reiteraram a materialização das expectativas de uma parcela da população oriunda de uma cidade que febricitava com um ideal de modernidade e progresso provindos de Brasília.

A terceira e última parte deste estudo evoca questões referentes às possíveis análises das imagens de Geraldo Vieira, guiadas pelas observações de Boris Kossoy no que tange à uma investigação conduzida segundo metodologias que abarcam a análise iconográfica e a interpretação iconológica. Também utiliza-se de questionamentos

explanados por François Soulages, ao que se refere à uma discussão relativa à fundamentos na razão de uma estética da fotografia. Um capítulo de reflexões mais densas, que discutem questões relativas ao papel do fotógrafo enquanto modificador primeiro da realidade fotográfica por ele criado, da interferência de conhecimentos pré-concebidos pelo receptor das imagens as quais irá analisar, da preponderância em distinguir olhares fotográficos 'clássicos' à fotografos específicos, dentre outras colocações.

Além do papel de fotógrafo, Vieira também pôde se fazer presente enquanto um agente social formador de opinião, que lutou por melhorias na cidade de Araguari e através de suas fotografias colaborou para a recepção da arquitetura moderna nesta cidade. Ainda, a veiculação de suas imagens corroborou para que elementos da arquitetura de Brasília fossem vistos como ícones, sinônimos de progresso. Assim sendo, os códigos desta arquitetura foram assimilados e refletidos em projetos de arquitetura vernacular em Araguari.

A análise das informações abordados permitiu contemplar satisfatoriamente as contribuições e especificidades de Geraldo Vieira. Ao retratar o emergir de Brasília desde a Primeira Missa até a inauguração, suas fotografias tornam-se um importante acervo documental do patrimônio da arquitetura e urbanismo modernos brasileiro. Ainda que sem a instrução comparada aos grandes fotógrafos notáveis brasileiros e estrangeiros, Geraldo Vieira revelou em suas imagens a construção de linhas e geometrias perfeitamente enquadradas e a reprodução exata das formas puras da arquitetura moderna nascente. Dessa maneira, há que se discordar de Marcel Gautherot quando ele diz que "Fotografia é arquitetura" e que "Uma pessoa que não entende de arquitetura não é capaz de fazer uma boa foto." (ESPADA, 2011 apud ANGOTTI-SALGUEIRO, 2007, p. 253).

Estima-se que a soma do legado fotográfico da construção e inauguração de Brasília seja imensa, diante de análises obtidas pela observação das fotos de Geraldo Vieira. A presença deste tipo de profissional era maciça, muitos destes anônimos em nossa sociedade. Por esta ótica, é importante que um resgate sobre os fotógrafos comuns/pouco conhecidos se estabeleça, pois é uma oportunidade de contribuir com novos dados e pesquisas à historiografia da fotografia brasileira.

Mais que a conclusão de um processo de pesquisa, esta dissertação deve ser interpretada como um percurso que se desdobrará em um longo caminho de análises e considerações.

Dessa maneira, os resultados da investigação revelam não só a presença das fotografias de Geraldo Vieira enquanto elemento marcante na propagação da linguagem visual de uma determinada época, como também na compreensão de elementos e/ou componentes estilísticos, na apreensão de espaços projetuais e principalmente, quando se discute a fotografia e a arquitetura como interlocutoras de significados. Não obstante, o acervo inédito de Brasília só veio a enaltecer ainda mais este fotógrafo-artista. Não só pelas belas imagens retratadas, como também pelo senso de repórter-jornalístico: um olhar progressista que apoiou a epopeia brasiliense e o legado deixado por um profissional do interior do Brasil, que cada vez mais deve afirmar que um resgate aos fotógrafos anônimos/ desconhecidos/pouco conhecidos da história da fotografia brasileira deve ser evidenciado.



AMAR, P. J. **História da Fotografia**. Lisboa, PT: Edições 70, 2011.

BARDI, P. M. **Em torno da Fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Banco Sudameris Brasil, 1987.

BARTHES, R. **A Câmara Clara: Notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. **Pequena história da fotografia** in: Obras Escolhidas vol. 1: Magia e técnica, arte e política. Ed. Brasiliense, 1985.

CAMPLIGIA, G. O. O. **Importância de formas fotográficas na atividade de informação bibliográfica e documentária**. São Paulo: ABP, 1958.

CAPPELLO, M.B.C.; BAUER, S. **A imagem moderna como produtora e produto da arquitetura moderna: as imagens fotográficas de Mario Fontenelle e Marcel Gautherot na construção da nova capital do Brasil nas revistas Brasília e Módulo**. IN: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DO DOCOMOMO BRASIL. Anais... Recife: DOCOMOMO_BR, 2016. p. 1-12.

Disponível em:

<http://www.seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/CampoLica_dia%2018/DOCO_PE_CL1_CAPPELLO_BAUER.pdf>. Acesso em: 15 maio 2016.

CAPPELLO, M. B. C. **Arquitetura em Revista: Arquitetura Moderna no Brasil e sua Recepção nas Revistas Francesas, Inglesas e Italianas (1945-1960)**. 2005. 336 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAPPELLO, M.B.C. **Documentos do patrimônio moderno na revista Brasília: o olhar fotográfico de Mario Fontenelle e Marcel Gautherot na construção da nova Capital do Brasil**. In: 3º Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design, 2015, Lisboa. Anais...Lisboa: 2015, Brasil - Portugal UFU-UFAL, Trabalhos. 1 CD-ROM.

CAPELLO, M. B. C. **Recepção e difusão da arquitetura moderna brasileira nos números especiais das revistas especializadas europeias (1940-1960)**. In: 9º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2011, Brasília. Anais... Brasília: 2011, DOCOMOMO Brasil, Trabalhos. Disponível em <http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/000_M20RecepcaoEDifusaoDaArquitetura-ART_maria_beatriz_cappello.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2015.

CAPPELLO, M.B.C. A revista Brasília na construção da Nova Capital: Brasília (1957-1962). **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, São Carlos, n. 11, p. 43-57, jan. 2010. ISSN 1984-4506. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44791/48422>>. Acesso em: 07 julho 2016.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CHING, Francis. **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COSTA, E. A. **'Brazil Builds' e a construção de um moderno, na arquitetura brasileira**. 2009. 281 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

COSTA, H.; SILVA, R. R. **Fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

COSTA, L. **Lúcio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CUNHA, L. R. **A repetição como reflexo de uma modernidade**. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Artes: Unidade, Repetição, Transformação, Programa de Pós Graduação em Artes, PPGARTES, 2014.

DALTOZO, J. C. **Cartão-Postal, Arte e Magia**. Gráfica Cipola: Presidente Prudente (SP), 2006.

ESPADA, H. Photography, architecture, art and advertising: the Brasilia of Marcel Gautherot in magazines, fairs and exhibitions. **An. mus. paul.**, São Paulo , v. 22, n. 1, p. 81-105, jun. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142014000100081&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 jul. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/0101-4714v22n1a03>.

ESPADA, H. (org). **As construções de Brasília**. São Paulo: instituto Moreira Sales, 2010.

ESPADA, H. **Monumentalidade e sombra: a representação do centro cívico de Brasília por Marcel Gautherot**. 2011. 224 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ESPADA, Heloisa. Monumento e sombra na Brasília de Marcel Gautherot. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo , n. 93, p. 145-166, Julho 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Julho 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002012000200010>.

FABRIS, A. **A fotografia e a crise de identidade**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

_____ (org). **Fotografia: Usos e Funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Identidades Virtuais: uma Leitura do Retrato Fotográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

FALBEL, Anat. **Peter Scheier: visões urbanas de um fotógrafo moderno na América.** In: Anais do 7. DOCOMOMO Brasil, Porto Alegre, 2007.

FERRO, S. **Arquitetura e trabalho livre.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.

_____. **Nova Arquitetura.** Arte em Revista n. 4, pp. 89-94, ago. 1980.

FLUSSER, V. **Hacia una filosofia de la fotografia.** México, D.F., Editorial Trillas, 1990.

FUCKS, A. M. S; FRANÇA, M.N.; PINHEIRO, M.S.F. **Guia para normalização de publicações técnico-científicas.** Uberlândia: EDUFU, 2013.

Fundação Aragarina de Educação e Cultura. **Aeroporto Santos Dumont: tempo, história e memória.** Araguari: Prefeitura Municipal de Araguari, 1996. Catálogo informativo.

FUJIOKA, P. Y.; MACHADO, L. G. Brasília através de cartões-postais: alguns exemplos e questões. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo.** São Carlos, Edição 11, USP, primeiro semestre 2010. Disponível em: <http://www.iau.usp.br/revista_risco/Risco11-pdf/00_sumario_risco11.pdf> . Acesso em: 27 maio 2016.

GOODWIN, P. L. SMITH, G. E. K. **Brasil Builds: architecture new and old 1652-1942.** New York: The Museum of Modern Art, 1943.

GORELIK, Á. **Das vanguardas á Brasília: cultura urbana e arquitetura na América Latina.** Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. **O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização.** In: MIRANDA, Wander Mello (org.). Narrativas da modernidade. Belo Horizonte, Autêntica, 1999, p. 55-80.

GOUVEIA, S. M. M. **A fotografia de arquitetura de Peter Scheier em três publicações.** In: 8º Seminário DOCOMOMO Brasil, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: 2008, DOCOMOMO Brasil, Trabalhos. Disponível em:

<<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/015.pdf>>. Acesso em: 10 janeiro 2014.

_____. **O homem, o edifício e a cidade por Peter Scheier**. 2008. 412 f.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2008.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

KOSSOY, B. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

_____. **Fotografia & história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KUBITSCHEK, J. **Porque construí Brasília?** Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1975

_____. **50 anos em 5: Meu caminho para Brasília, Volume III**. Rio de Janeiro: Block Editores S.A., 1978.

KUBRUSLY, C. **O que é Fotografia?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

LISPECTOR, C. "Nos primeiros começos de Brasília". In: **Visão do esplendor: impressões leves**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

_____. "Brasília esplendor". In: **Visão do esplendor: impressões leves**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

MACHADO, A. **A ilusão especular: uma teoria da fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

MARTINS, C. A. F. . **Identidade Nacional e Estado no projeto modernista. Modernidade, estado e tradição..** In: Guerra, Abílio. (Org.). Textos Fundamentais sobre a História da Arquitetura Moderna Brasileira, parte 1. São Paulo: Romano Guerra, 2010, v. , p. 279-297.

MARTINS, J. S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENDÉZ, P. **A fotografia na arquitetura moderna**. Disponível em:
<<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.086/229>>. Acesso em: 22 janeiro 2014.

MINDLIN, H. E. **Modern Architecture in Brazil** . Rio de Janeiro / Amsterdam: Colibris Editora Ltda., 1956.

NAVES, M.C.M.; RIOS, G. M. **Araguari: cem anos de dados e fatos**. Araguari: FAFI, 1988.

NEWHALL, B. **Historia de la fotografia**. 2.ed. Barcelona, ES: Editorial Gustavo Gili, 2002.

OLIVEIRA, D. D. Os rumos da utopia brasiliense: observações sobre a representação da capital federal no conto "Brasília" de Clarice Lispector. **Sociedade e Cultura - Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais**, Goiás, v. 11, n. 1, jan/jun 2008. Disponível em:
<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/download/4475/3875>>. Acesso em: 08 agosto 2015.

PANOFSKY, E. **O significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **A perspectiva como forma simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

PEDROSA, M. **Brasília, a cidade nova**. In: PEDROSA, Mário. Acadêmicos e Modernos. Textos escolhidos III. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **Reflexões em torno da nova capital.** In: PEDROSA, Mário. Acadêmicos e Modernos. Textos escolhidos III. São Paulo: Edusp, 2004.

PEIXOTO, J. A.; VIEIRA, A. G. S. **Araguari e sua história.** Goiânia: Kelps, 2013.

POSSOMAI, Z.R. **Cidade fotografada:** memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. Tese de Doutorado, 2005. Acesso: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5251>> .

SANTOS, J. V. (2002). **O ponto de vista semiótico na fotografia de Alexander Ródchenko.** São Paulo: PUC. Dissertação de Mestrado.

SCHWARTZ, J. (org.) **Da Antropofagia à Brasília: Brasil 1920-1950.** São Paulo: FAAP e Cosac & Naify, 2002.

SOULAGES, F. **Estética da fotografia-perda e permanência.** Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. Título original: Esthétique de la photographie: la perte et le reste.

XAVIER, A. (org.) **Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira.** São Paulo. Cosac & Naify. 2003.

XAVIER, A.; KATINSKY, J. R. (Orgs.). **Brasília: Antologia Crítica.** São Paulo: Cosac Naify, 2012

PERIÓDICOS

Revista Brasília, 1957-1963, no. 1- 81.

JORNAL A NOITE - 1955

UNIRAM-SE os chefes políticos de Araguari, com o propósito de incentivar o progresso daquele rincão mineiro! **Jornal A Noite**, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1955. Coluna política, p. 7.

JORNAL GAZETA DO TRIÂNGULO - 1957

A NOVA capital da República. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 03 de maio de 1957. Página principal, p.1.

FUNDAMENTO em ato de fé cristã o erguimento da Nova Capital da República. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 05 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

TIRADAS em Brasília no dia da Primeira Missa no Planalto Goiano. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 7 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

EXPOSIÇÃO de fotografias com flagrantes de Brasília está sendo muito visitada. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 8 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

CONSTRUÇÃO de grande usina elétrica em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 11 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

EMBAIXADOR Americano e Senadores visitam o sítio da Nova Capital. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 11 de maio de 1957. Coluna geral, p. 4.

GIGANTESCOS tratores rumo à Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

SERÁ instalada em Brasília a Caixa Econômica Federal. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 24 de maio de 1957. Página principal, p. 1.

LOURIVAL Fontes: "Não acredito em Brasília." **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 05 de junho de 1957. Página principal, p. 1.

BRASÍLIA. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 05 de junho de 1957. Página 2, p. 1.

O PIONEIRO: primeiro jornal impresso em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 16 de junho de 1957. Página principal, p. 1.

CENTRALIZAÇÃO em Brasília de tôdas as comunicações do país. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 18 de junho de 1957. Página principal, p. 1.

GRANDES homenagens a Craveiro Lopes, em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 23 de junho de 1957. Página principal, p. 1.

A VIDA em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 11 de julho de 1957. Coluna geral, p. 2.

ESTRADA para Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 25 de julho de 1957. Página principal, p. 1.

PREFEITOS triangulinos conferenciarão com Kubitschek. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 05 de novembro de 1957. Página principal, p. 1.

ABASTECIMENTO em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 11 de dezembro de 1957. Página principal, p. 1.

PRESTAÇÃO de contas faz ao povo o Presidente Juscelino Kubitschek. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 25 de dezembro de 1957. Página principal, p. 1.

MODERNO jornal diário circulará em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 26 de dezembro de 1957. Página principal, p. 1.

JORNAL GAZETA DO TRIÂNGULO - 1958

BRASÍLIA: obras atuais. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 de janeiro 1958. Coluna geral, p. 2.

EM BRASÍLIA. Várias inaugurações no dia 3 de maio. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 23 de janeiro 1958. Coluna geral, p. 2.

VISITARÁ Araguari o Presidente Juscelino Kubitschek. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 25 de janeiro 1958. Página principal, p. 1.

BRASÍLIA - Revolução. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 28 de janeiro 1958. Coluna geral, p. 2.

A VISITA de JK. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 29 de janeiro 1958. Página principal, p. 1.

JK em Araguari. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 30 de janeiro 1958. Página principal, p. 1.

ESPERADO para amanhã com vivo interesse do povo, o Presidente J.K. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 01 de fevereiro 1958. Página principal, p. 1.

BRASÍLIA. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 02 de fevereiro 1958. Página principal, p. 1.

PREPAREMO-NOS para o futuro com o advento de Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 20 de fevereiro 1958. Coluna Indústrias, p. 1.

EFEITOS de Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 26 de fevereiro 1958. Coluna geral, p. 2.

ACONTECEU ontem... **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 04 de março 1958. Coluna geral, p. 2.

960 LOTES já foram vendidos em Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 03 de junho 1958. Página principal, p. 1.

NOVO sistema de jornalismo. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 10 de maio 1958. Página principal, p. 1.

BRASÍLIA: a obra do século!. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 17 de junho 1958. Coluna geral, p. 1.

BRASÍLIA um fato. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 19 de junho 1958. Coluna geral, p. 2.

BRASÍLIA: a epopeia de um povo! **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 junho 1958. Coluna geral, p. 1.

BRASÍLIA: Alvorada de um Brasil novo! **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 27 julho 1958. Coluna geral, p. 2.

BRASÍLIA é atração para o mundo todo. Declaração do Sr. Paulo Carneiro delegado da UNESCO, que veio inaugurar o Simpósio Internacional de Arquitetura. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 9 outubro 1958. Coluna geral, p. 3.

BRASÍLIA - Anápolis. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 11 de outubro 1958. Página secundária, p. 2.

JORNAL GAZETA DO TRIÂNGULO - 1959

SÓ poderá ser contra Brasília quem ainda não a visitou. As estruturas metálicas que se erguem às pistas de asfalto que se estendem são uma afirmação de sua vitalidade. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 08 de fevereiro de 1959. Coluna geral, p. 2.

BRASÍLIA a realização do século XX. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 28 maio 1959. Coluna geral, p. 2.

IMPRESSÕES sobre Brasília. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 2 de agosto 1959. Coluna geral, p. 3.

PRESIDÊNCIA da república. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 20 de agosto 1959. Página principal, p. 1.

BRASÍLIA: a conquista de uma nova era. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 de agosto 1959. Coluna especial, p.3.

Brasília a conquista de uma nova era. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 23 de agosto 1959. Coluna geral, p. 4.

CONTINUA o reaparelhamento da Mogiana. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 25 outubro de 1959. Coluna geral, p. 2.

JORNAL GAZETA DO TRIÂNGULO - 1960

A VITÓRIA de Juscelino. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 14 fevereiro 1960. Coluna geral, p. 3.

Brasília tempo de brasilidade antevisão do futuro. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 9 de março 1960. Página principal, p.1.

HISTORIA da excursão... **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 1 de abril de 1960. Coluna geral, p. 2.

Nossa Homenagem. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 21 de abril 1960. Página principal, p.1.

BRASÍLIA capital da esperança. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 de abril 1960. Página principal, p. 1.

DO RIO a Brasília a pé. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 27 de abril 1960. Coluna geral, p. 2.

JORNAL GAZETA DO TRIÂNGULO - 1983

FOTÓGRAFOS de Araguari: Homenagem aos mais antigos. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 12 de novembro 1983. Página principal, p. 1.

JORNAL DIÁRIO DE ARAGUARI - 2001

MARCAS de um tempo. **Jornal Diário de Araguari**, Araguari, 21 de junho 2001. Coluna geral, p. 4.

PRINCIPAIS SITES CONSULTADOS

BRASÍLIA POÉTICA. **O dia a dia da construção**. Disponível em: <http://brasiliapoetica.blog.br/site/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=8&Itemid=28>. Acesso em: 05 maio 2016.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **A Noite**. Disponível em: < <https://bndigital.bn.br/artigos/a-noite/>>. Acesso em: 05 maio 2016.

CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA APARECIDA. **Arquidiocese de Brasília relembram a primeira missa da cidade**. Disponível em: <<http://catedral.org.br/arquidiocese-de-brasilia-relembram-a-primeira-missa-da-cidade.html>>. Acesso em: 10 de junho 2016.

GAZETA DO TRIÂNGULO. **Gazeta do Triângulo: 77 anos de amor a Araguari**.

Disponível em: <<http://gazetadotriangulo.com.br/tmp/noticias/gazeta-do-triangulo-77-anos-de-amor-a-araguari/>>. Acesso em: 06 janeiro 2014.

História e Preservação: Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. **Cidade de Araguari**. Disponível em:
<http://www.arqmoderna.faued.ufu.br/doc_moderno/index_docomomo.html>. Acesso em: 20 agosto 2015.

Instituto Moreira Sales. **Marcel Gautherot**. Disponível em:
<<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/marcel-gautherot/perfil>>. Acesso em: 20 agosto 2015.

Instituto Moreira Sales. **Peter Scheier**. Disponível em:
<<http://www.ims.com.br/ims/explore/artista/peter-scheier>>. Acesso em: 20 agosto 2015.

NUTHAU. **Acervo de revistas Brasília**. Disponível em:
<<http://www.nuthau.faued.ufu.br/bra>>. Acesso em: 15 maio 2016.

SENADO FEDERAL. **Institucional - Biblioteca**. Disponível em:
<<http://www12.senado.leg.br/institucional/biblioteca>>. Acesso em: 05 maio 2016.

VIEIRA, Henrique. **Brasília: Um olhar de Geraldo Vieira**. Disponível em:
<<http://henriquevieira.com.br/2009/04/29/brasil-um-olhar-de-geraldo-vieira/>>Acesso em: 08 agosto 2015.

VIEIRA, Henrique. **Brasília: Um olhar de Geraldo Vieira II**. Disponível em:
<<http://henriquevieira.com.br/2009/05/04/brasil-um-olhar-de-geraldo-vieira-ii/>>
Acesso em: 08 agosto 2015.

VIEIRA, Leila. **A construção de Brasília sobre o olhar de Geraldo Vieira**. Disponível em:
<<http://leilavieira.wordpress.com/2009/06/23/a-construcao-de-brasil-sob-o-olhar-de-geraldo-vieira/>>. Acesso em: 08 agosto 2015.

VIEIRA, Leila. **Geraldo Vieira na capa da Photo Magazine**. Disponível em:
<<https://leilavieira.wordpress.com/2010/04/19/geraldo-vieira-na-capa-da-photo-magazine/>> Acesso em: 08 agosto 2015.

VIEIRA, Leila. **O acervo fotográfico de Geraldo Vieira**. Disponível em:
< <https://leilavieira.wordpress.com/2010/01/21/o-acervo-fotografico-de-geraldo-vieira/> Acesso em: 08 agosto 2015.

ARQUIVOS

Arquivo Público e Museu Dr. Calil Porto - Araguari - MG.

ENTREVISTAS

MACHADO, Honor. [**Entrevista sobre Araguari na década de 50**]. Araguari, 15 de maio de 2016. Depoimento concedido à Larissa Ribeiro Cunha.

VIEIRA, Maria Leila. [**Entrevista sobre Geraldo Vieira**]. Araguari, 23 de novembro de 2014. Depoimento concedido à Larissa Ribeiro Cunha.

VIEIRA, Aparecida da Glória Campos. [**Entrevista sobre jornais, autoridades e populares de Araguari**]. Araguari, 03 de maio de 2015. Depoimento concedido à Larissa Ribeiro Cunha.

VIEIRA, Bruno. [**Entrevista sobre Geraldo Vieira**]. Araguari, 23 de novembro de 2014. Depoimento concedido à Larissa Ribeiro Cunha.

ANEXO 1 - REGISTROS DE CÉLIA VIEIRA SOBRE GERALDO VIEIRA

Nasceu em E. do Sul dia 6.4.34
 Fez o curso primário em E. do Sul.
 Com 12 anos começou a trabalhar
 no Garimpo Mexia com "boia"
 que retirava a água no lugar
 de garimpo. Trabalhava como este-
 leiro (na fazenda) quando cortava
 cabelo de "roscas". Estudou música
 com o pai: tocava violino e mandolin.
 Compôs algumas músicas.
 Quando mais tarde, ⁽¹⁹⁴⁵⁾ mudou-se para Ita-
 guara, formou um conjunto musical
 com Flávio de Lima, Pipan Maciel
 e outros. ^{Abandonou o estudo da fotografia}
 Possui um cinema em E. do Sul.
 Exercer a profissão de ator fotógrafo
 em algumas cidades de Eritreia.
 Era amigo íntimo de Jorge Nêlo
 quando se conheceram em
 Itaipava em 1935 quando
 comprou o ateliê fotográfico de
 seu tio estudou de fotografia atuando

me para sua R. Barão próximo à
Igreja Matriz. Por sua dedicação e
capricho logo se destacou na profis-
são. Assim que o pai morreu
trouxe a mãe D. Manoela e sua
irmã Nini para Araguaia.
Vieram também Napier de Nas-
mento (Bulub) e Orfeu de Lima.
Seu círculo de amigos em O era
muito grande, inclusive Dimas
Lury, Abdala Mameri, Afel Nader
com os quais lutou muito pelo ergon-
doimento de Araguaia.

Com Dimas Lury fundou uma banda
de música infantil que fez várias
apresentações em Araguaia.

Quando começaram as construções
de estradas asfaltadas pela região
lutou para aquela que liga o
Triângulo a Brasília passar por
Araguaia. Abdala Mameri foi
seu companheiro assíduo nesse movi-
mento. Conseguiram a estrada

que iria passar por M. Carmelo fosse
hoje por Araguari. Diariamente visi-
tava as obras do asfaltamento.
Lutou também para que a imagem
do telecrânio chegasse a Araguari.
Seu aparelho foi o 3º a ser com-
prado em Araguari. Quem comprou
o 1º foi ... o 2º foi ...
e o 3º foi ele. Pegou que imagem!
As vezes, quando havia nuvens de
chuva, os filhos vibravam quando
aparecia alguma coisa.

Casou-se em 1945 com Lúcia de
Longo Vieira. Deste casamento nas-
ceram 7 filhos. O 1º José Geraldo e
depois Luiz de Gonzaga, hoje vice-
reitor da Faculdade Católica de Goiânia,
Bruno, que segue a profissão do
pai e hoje é bem conhecido pelas
qualidades e caprichos que herdou do
pai, Leandro engenheiro ^{eletricista} talentoso e
^{dedicado} residente em Brasília, Maria Lúcia

pianista muito conhecida no Brasil
 nasceu 1904 em Maracanaú
 no Estado da Paraíba e hoje
 é professora da Faculdade de
 Ubatuba, João Arnaldo
 sedente da Banda Municipal
 de Goiânia e Antônio Marcos
 excelente profissional da Linhas
 de Goiás. Foi exemplar marido
 de Beira de Souza Vieira e
 dedicadíssimo pai especialmente
 com seu filho João Geraldo, que
 teve disfunção cerebral e hoje é
 dependente em seus movimentos, e tem
grande inteligência. No entanto
 nunca total carinha e dedicação
 dos pais, e da família e dos amigos.
Grison 3 netos, filhos de João de G.
 2 netos, filhos de Bruno e Beira
 2 netos, filhos de Leandro e Elizabeth
 1 neto, filho de M. Lúcia e Vitorino
 2 netos filhos de J. Arnaldo e Beira
 2 " " " A. Marcos e Nelson

7.º ano
Morou em Goiânia onde era
bem conhecido e deixou grandes
amizades.



Reportagem especial sobre Brasília no Jornal Gazeta do Triângulo, ilustrada com imagens do fotógrafo Geraldo Vieira.

Fonte: BRASÍLIA: a conquista de uma nova era. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguari, 22 de agosto 1959.

Coluna especial, p.3.

Foto: Larissa Ribeiro Cunha



Fonte: The Charnel - House. Disponível em: <<https://thecharnelhouse.org/2015/08/19/laszlo-moholy-nagy-and-his-vision/#jp-carousel-27960>>. Acesso em: 06 julho 2016.



Edição especial sobre a inauguração de Brasília, ilustrada com imagens do fotógrafo Geraldo Vieira.
 Fonte: Nossa Homenagem. **Jornal Gazeta do Triângulo**, Araguaína, 21 de abril 1960. Página principal, p.1.

Foto: Larissa Ribeiro Cunha



APÊNDICE

O REFLEXO DE UMA MODERNIDADE

Fotografia 115 - Vista do Palácio da Alvorada.
Entre maio e junho de 1958.
Fonte: Arquivo particular de fotografias de Brasília.
Foto: Geraldo Vieira

7.1 | ASSIMILAÇÕES POPULARES: O REFLEXO DE UMA MODERNIDADE

A imagem é aquilo que permanece.
(COUCHOT, 1982 apud SOULAGES, 2010, p. 125)

A pesquisa, como é de se esperar, caminhou também para um outro desdobramento. Análises no jornal Gazeta do Triângulo correspondente às décadas de 1957 a 1960 levou a concluir que, além do cunho informativo e defensor de um progresso que beneficiaria a cidade de Araguari com a construção e idealização de Brasília, tais reportagens, juntamente às imagens de Geraldo Vieira, apontaram para uma recepção da arquitetura moderna em Araguari. Tal fato resultou na assimilação de elementos da arquitetura moderna de Brasília em arquiteturas vernaculares desta cidade.

As imagens veiculadas sobre o processo de construção de Brasília e seu significado num cenário nacional assumem que a cidade foi efetivamente um ícone. A arquitetura moderna da capital passou a carregar outros atributos, além de monumental, excêntrica, sóbria. Para uma parcela da população esta arquitetura significou progresso. Dessa maneira, desejar que esta arquitetura fosse assimilada no interior do país passou a ser sinônimo de modernização aos habitantes que ali viviam.

De acordo com Joly (1996)

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale (...) a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e de comunicação. Quer ela seja expressiva ou comunicativa, podemos admitir que uma imagem constitui sempre uma mensagem para o outro, mesmo quando este outro é o próprio autor da mensagem. (JOLY, 1996, . 61)

Como já explicitado, as expedições dos "juscelinistas" foram o meio para que textos fossem elaborados e publicados, imagens fossem veiculadas, expostas. Assim, uma linguagem propagandística também foi gerada. Textos que proclamavam a defesa da mudança da capital, informativos sobre as principais solenidades, o progresso vindouro, dentre outros, no intuito de deixar a população araguarina sempre a par dos acontecimentos em tempo real. E a fotografia, como alicerce, construtora de narrativas.

As exposições fotográficas em ação conjunta com colaboradores do jornal Gazeta do Triângulo, como também as exposições que somente Geraldo Vieira organizava em seu estúdio contribuíram para a construção de um imaginário moderno em Araguaçu. Assim, pode-se considerar que as fotografias sobre Brasília de Vieira - hoje documentais - naquela época ganharam ares também de publicidade, na medida em que as mesmas foram instrumentos de comunicação, informativo e ideológico, estimulando a imaginação e o inconsciente dos receptores sobre um ideário de progresso. Como pôde-se perceber nas expedições, imagens que remetiam à abertura de estradas, à utilização de equipamentos modernos de locomoção, como também a uma arquitetura monumental podem exemplificar esta consideração.

Se, de alguma maneira, uma parcela da sociedade araguarina cria na realidade de Brasília, as fotografias de Geraldo Vieira poderiam ser consideradas ainda como a materialização das expectativas destas pessoas. Nelas, eram vistos e comprovados o andamento das construções, o erigir das arquiteturas monumentais, a presença constante de Juscelino Kubitschek - figura afamada na cidade, dentre outros.

As formas das edificações pensadas por Oscar Niemeyer tornaram-se módulos de representação e afirmação da nova arquitetura no país. Gorelik (2007), em seu texto "Brasília: museu da modernidade", reporta:

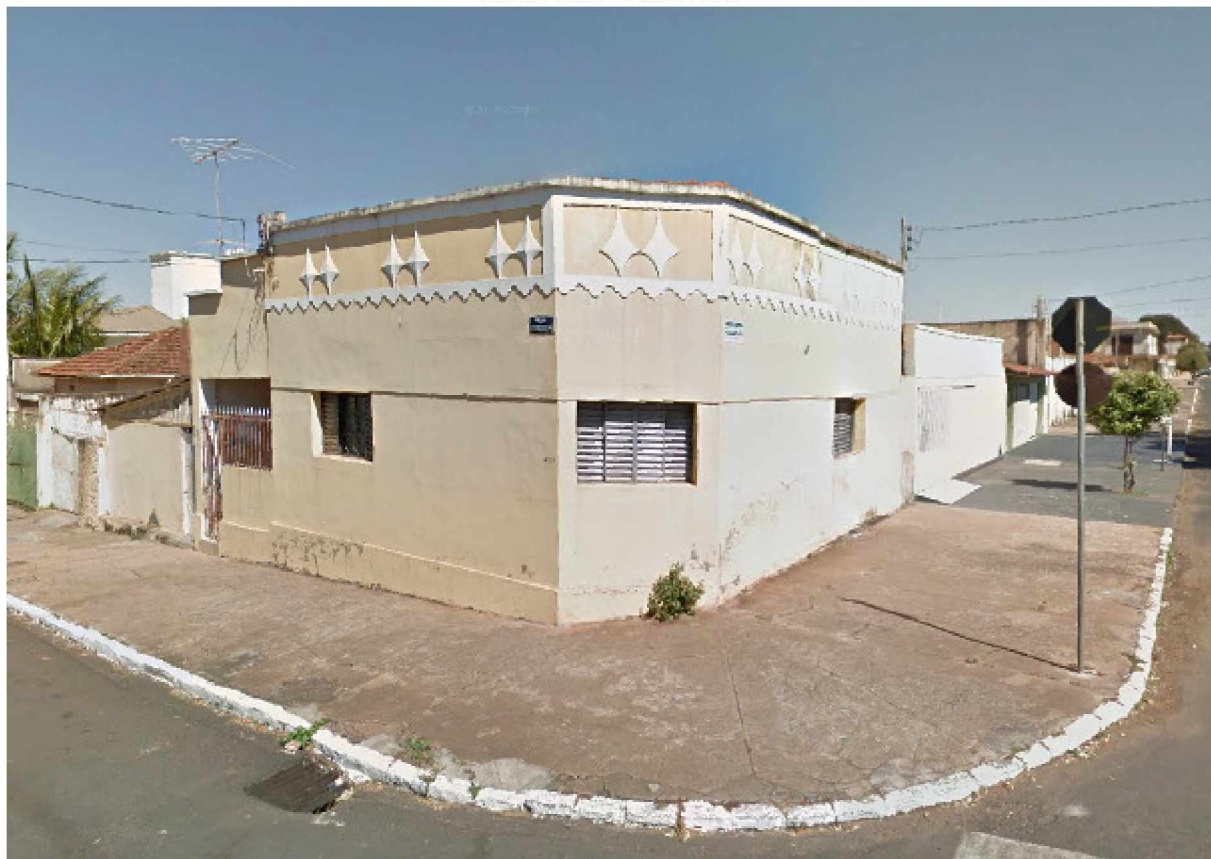
É neste sentido profundo que as arquiteturas de Brasília são monumentais: porque tornam presente o acontecimento e a vontade que as produziu, como representações acabadas de uma modernidade que soube ser estética, política e cultural. O próprio talento inventivo de Niemeyer - que o leva com frequência à superficialidade arquitetônica - contribui nessa direção monumental. Sabe-se, por exemplo, que as tão características colunas do Palácio da Alvorada foram incorporadas maciçamente ao imaginário popular em todo o Brasil, reproduzidas em modestas arquiteturas populares como ícone de uma vontade de modernidade nacional e folclórica. Isso não é só um indício de aceitação popular do "estilo" Brasília, mas também da capacidade de Niemeyer como produtor de símbolos - como *incon giver* - cuja eficácia comunicativa deveria ser

uma das vias de compreensão do fenômeno Brasília e de seu lugar específico na modernidade ocidental. (GORELIK, 2007 apud KATINSKY E XAVIER, 201, p. 411)

Dessa forma, é possível afirmar que em Araguari involuntariamente as imagens de Geraldo Vieira sobre Brasília reforçaram a difusão do Movimento Moderno na cultura arquitetônica desta cidade. Assim sendo, os códigos desta arquitetura foram assimilados e refletidos em projetos de arquitetura vernacular. Ainda, pode-se dizer que tal recepção de uma nova arquitetura que nascia no interior do Brasil propiciou que exemplares arquitetônicos e urbanísticos modernos fossem implantados na cidade posteriormente. Muitos deles perduram até os dias atuais.

Tais edificações foram detectadas e conferidas as devidas interlocuções, no que tange às repetições de formas e detalhes arquitetônicos. Como proferiu Gorelik (2007), nesta cidade o desenho das colunas do Palácio da Alvorada foram as formas que obtiveram maior êxito em repetições.

Fotografia 116 - Residência localizada na Rua Cesário Alvim, com detalhes na platibanda que remetem ao pilares do Palácio da Alvorada de Brasília - DF.
Street View - Julho 2013



Fonte: Google Maps
Acesso: 30/10/2014

Fotografia 117 - Residência localizada na Avenida Minas Gerais, com detalhes no alpendre remetendo os pilares do Palácio da Alvorada de Brasília - DF.
Street View - Julho 2013



Fonte: Google Maps
Acesso: 30/10/2014

As fotografias 116, 117 e 118 são exemplares dessa assimilação do vocabulário moderno numa arquitetura de caráter popular.

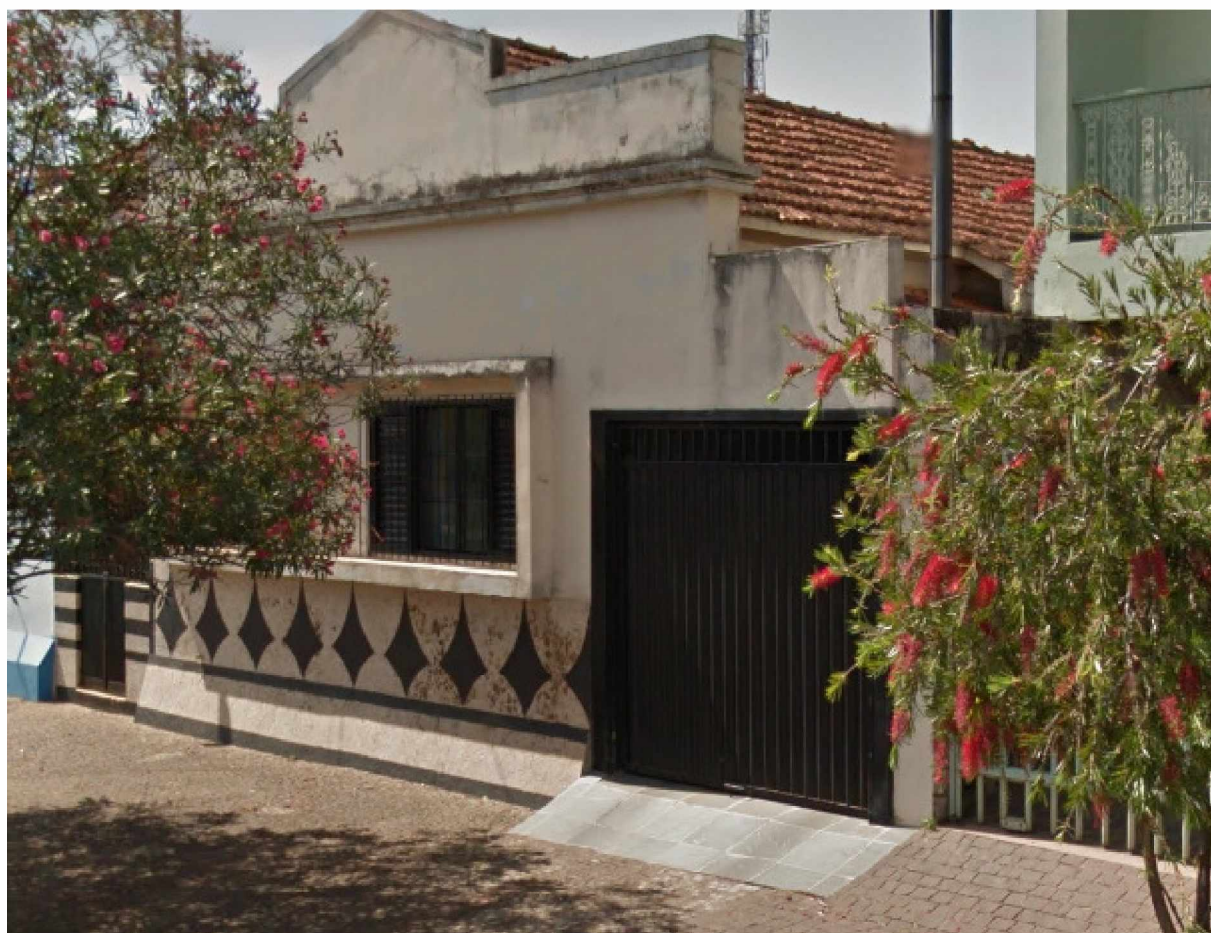
Em pesquisa já desenvolvida, foi revelada que a inserção de exemplares de arquitetura moderna em Araguari se iniciou na década de 50 e perdurou até a década de 70.³⁹ São construções de tipologias diversas, como residências, prédios, edifícios mistos, de serviços públicos, recreação etc.

É importante ressaltar que, apesar de estar fora da rota dos grandes eixos de desenvolvimento da produção arquitetônica do país, Araguari contribuiu para a difusão da arquitetura moderna no interior do Triângulo Mineiro devido à presença de exemplares significativos nesta cidade.⁴⁰

³⁹ A autora fez parte do Núcleo de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design, da Universidade Federal de Uberlândia, como estudante de iniciação científica do projeto intitulado "Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação". Alguns dos objetivos foi a realização de pesquisas sobre documentação, análises de obras de arquitetura moderna e a elaboração de inventários dos projetos arquitetônicos e urbanísticos modernos.

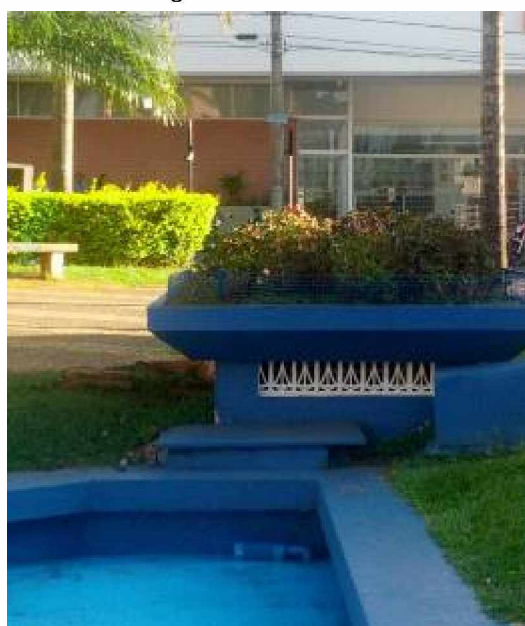
⁴⁰ Alguns destes exemplares encontram-se sistematizados no site desenvolvido pela equipe de projeto de iniciação científica já citado em nota anterior. Mais informações através do endereço eletrônico: http://www.arqmoderna.faued.ufu.br/doc_moderno/html/araguari.html

Fotografia 118 - Residência localizada na Rua Uberaba, com detalhes na fachada remetendo ao pilares do Palácio da Alvorada de Brasília - DF.
Street View - Agosto 2011



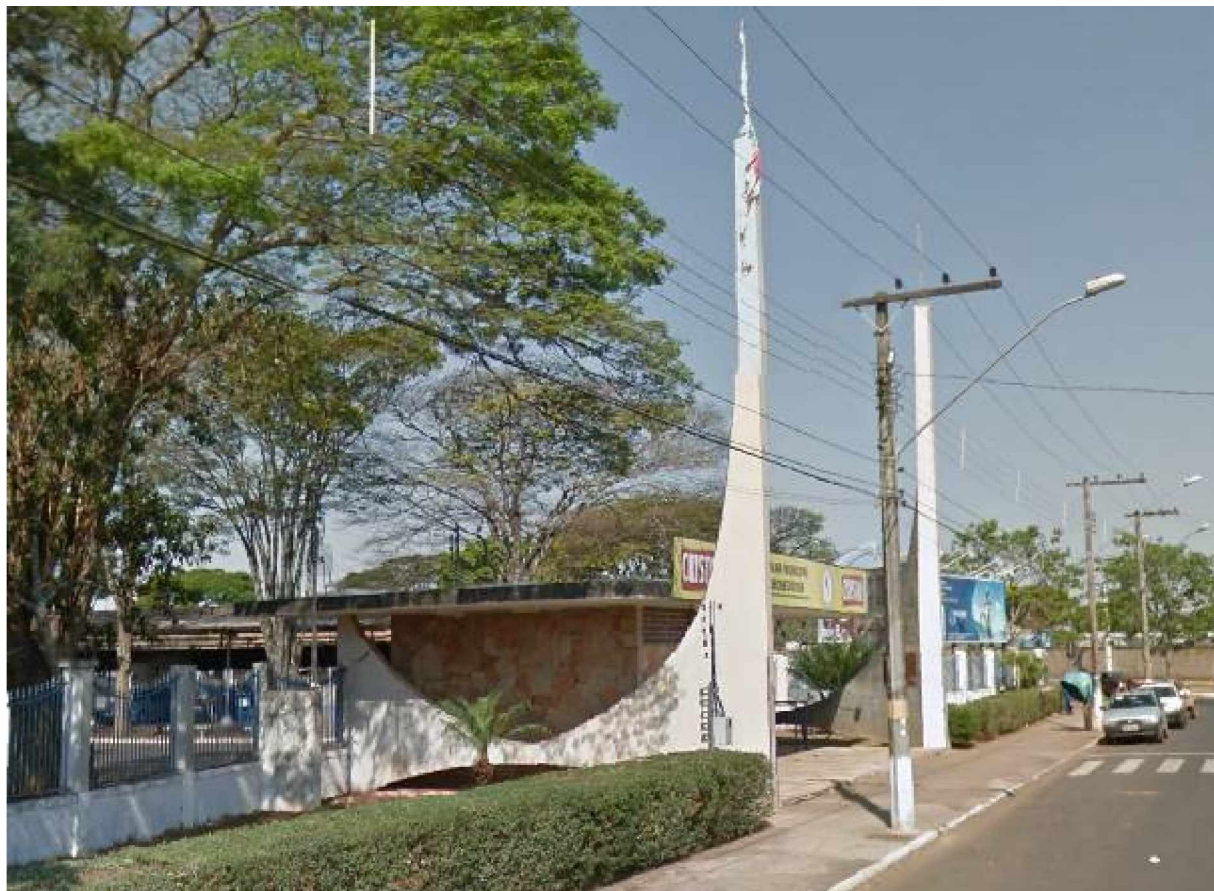
Fonte: Google Maps
Acesso: 30/10/2014

Fotografia 119 - Fonte da Praça Manoel Bonito, com detalhes no gradil que remetem ao pilares do Palácio da Alvorada de Brasília - DF.
Street View - Agosto 2011



Fonte: Arquivo pessoal Larissa Ribeiro Cunha
Acesso: Abril/2015

Fotografia 120 - Parque de Exposições, com detalhes na fachada que remetem ao pilares do Palácio do Planalto de Brasília - DF.
Street View - Setembro 2013



Fonte: Google Maps
Acesso: 30/10/2014

Assim sendo, as fontes jornalística e a imagética mostraram-se como eloquentes instrumentos de expressão e comunicação nesta cidade, a ponto de despertar o olhar para o novo com otimismo. Por serem detentores destes meios de comunicação em massa e ademais, possuírem legitimidade diante da população, tanto os colaboradores do jornal Gazeta do Triângulo quanto a figura de Geraldo Vieira, contribuíram significadamente para a recepção desse ideário moderno e progressista na cidade araguarina.

Detesto falar como brasileiro e falar a favor de Brasília, ou antes dos que a constroem. Mas não lhes faço apologia, nem apologia de Brasília. Estou empenhado na sua aventura, fui empolgado por essa aventura. Vejo nela algo de importantíssimo, porque no fundo se trata do esboço de uma mentalidade nova neste país. Trata-se, no fundo, de uma revolução que começa. Isolada com seus belos palácios e monumentos, Brasília não é nada. Mas é um símbolo; e, sobretudo, pode vir a ser a expressão da vontade consciente de um Brasil novo para forçar a história deste país. (PEDROSA, 1959 apud ESPADA, 2012, p. 165).

